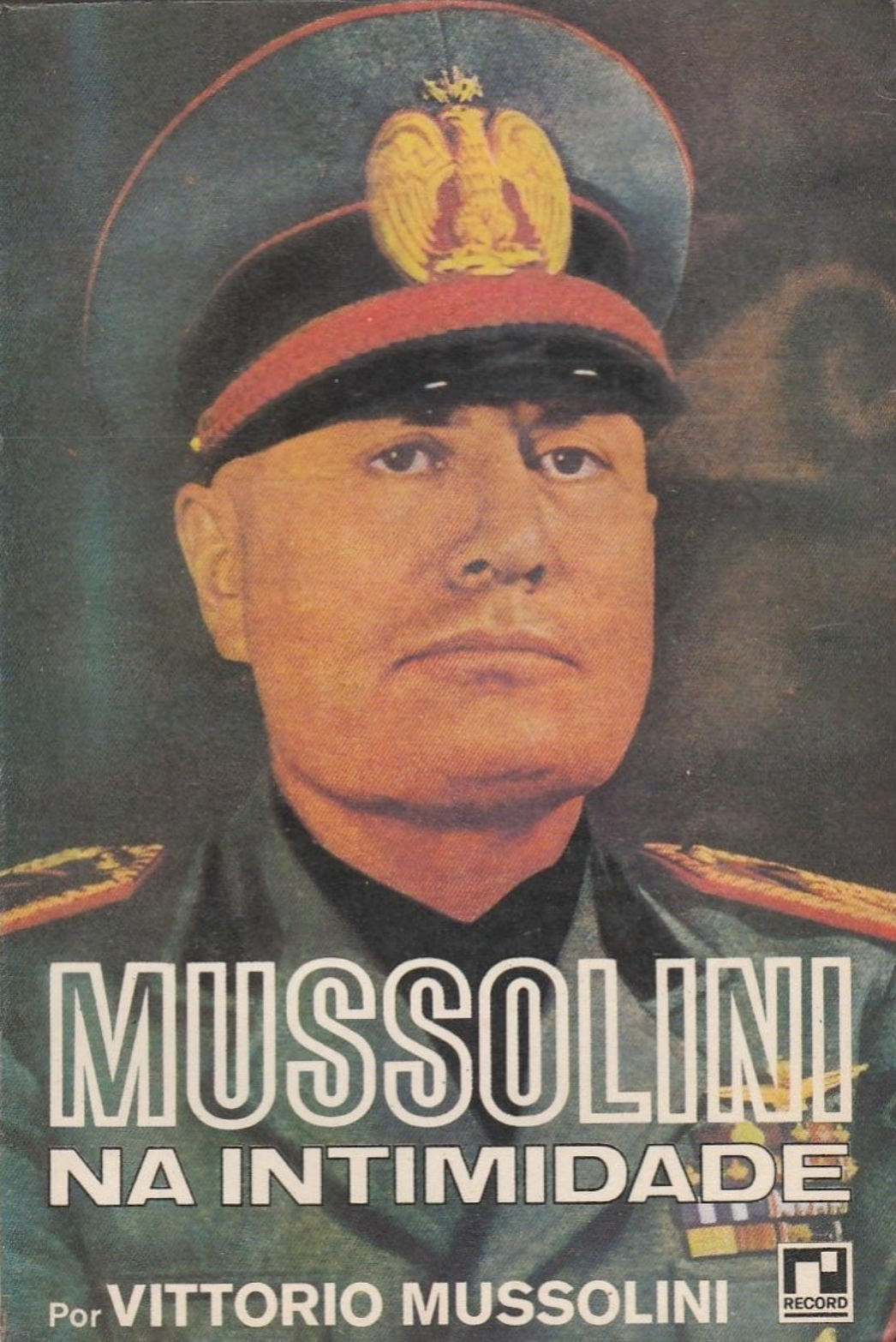


MUSSOLINI
NA INTIMIDADE

Por VITTORIO MUSSOLINI

RECORD

MUSSOLINI NA INTIMIDADE

VITTORIO MUSSOLINI

"Eu não peço nada a seu pai: saiba, ao contrário, que darei tudo por ele, até a própria vida". Assim falou Claretta Petacci a Vittorio Mussolini, filho mais velho do Duce, e autor desta dolorosa crônica familiar. "Foi, então", diz ele, "que minha mãe encontrou uma rival que a combatia com as mesmas armas, as armas de um amor completo". É uma história que contém a sugestão e o interesse dos dramas vividos dia a dia. Na narrativa, destacam-se as duas mulheres da casa, Edda e Rachelle: colocaram-se ao lado dos maridos, decididas a defender até o fim da própria família e a guerra che-

MUSSOLINI
Na Intimidade

V. Hs Mussolini
9. 8. 74

DIGITALIZADO
PELA
BIBLIOTECA NACIONALISTA

BIBLIOTECA NACIONALISTA
bibliotecanacionalista1.blogspot.com
bit.ly/bibliotecanacionalista (drive)

Vittorio Mussolini

MUSSOLINI
Na Intimidade

Prefácio de
GRAHAM SNELL

Tradução de
JOÃO TÁVORA

RECORD
DISTRIBUIDORA RECORD
RIO DE JANEIRO – SÃO PAULO

Título original italiano:
DUE DONNE NELLA TEMPESTA

Copyright © Vittorio Mussolini 1974

Copyright © Introduction, Graham Snell 1974

Direitos em língua portuguesa no Brasil reservados por
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.
Av. Erasmo Braga, 255 — 8.° andar, Rio de Janeiro, GB
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Impresso no Brasil

PREFÁCIO

Há uma série vasta de livros sobre todos os aspectos do fascismo e vários estudos eruditos sobre seu fundador, Benito Mussolini. Desses livros de historiadores ingleses o mais célebre — e com justiça — é o de F. W. DEAKIN, *The Brutal Friendship* (*Amizade Brutal*). E inevitavelmente há lampejos do ditador nas memórias, nas cartas e estudos históricos duma série de chefes do tempo da guerra, entre eles Churchill e Lord Avon. Mas conhece-se ainda relativamente pouco sobre Mussolini em família... ou melhor, sobre as mulheres de Mussolini.

Não havia ninguém mais bem qualificado para encher esta lacuna do que o filho mais velho do ditador, Vittorio. Embora muito jovem na época, foi incumbido pelo pai de missões importantíssimas. E ele esteve (e ainda está) intimamente ligado a uma família italiana, sua mãe e irmãos e irmãs.

Um dos maiores dotes do pai eram as palavras. Orador irresistível e jornalista a vida inteira, Mussolini foi diretor do semanário socialista *La Lotta di Classe* e, mais tarde, de *Avanti*, o jornal do Partido Socialista Italiano. Fundou também outro semanário, *Il Popollo d'Italia*, que viria a tornar-se o órgão italiano do fascismo; durante anos foi também co-

laborador da imprensa americana. De tal modo o Duce amava o exercício deste seu dom, que no auge da guerra encontrou tempo para escrever um livro dedicado a seu filho do meio, morto num acidente de avião, além de inúmeros artigos e cartas.

Em um sentido Vittorio é bem o filho de seu pai, pois também é jornalista e escritor. Neste livro, o primeiro de sua autoria traduzido para o inglês, Vittorio focaliza as três mulheres que de fato amaram seu pai — Donna Rachele, a Condessa Edda Ciano e Clara Petacci: a esposa, a filha e a amante respectivamente. Todas elas foram atingidas pelo infortúnio ou coisa pior.

A bela Clara, que decidiu ficar junto de seu amante até o fim, quando podia ter acompanhado seus pais para a segurança na Espanha, foi vítima de morte violenta: ela e Mussolini foram metralhados à queima-roupa por guerrilheiros numa estrada estreita de montanha perto do lago Como; seus corpos foram levados para Milão e pendurados de cabeça para baixo numa viga em um posto de gasolina no Piazzale Loreto.

A Donna Rachele, esposa leal, coube a viuvez e um período de prisão.

E a impetuosa Edda, esposa do Conde Ciano (Ministro do Exterior da Itália e, mais tarde, embaixador no Vaticano), sofreu dupla perda, pois também ela foi enviuvada. As circunstâncias, porém, da morte do marido — foi morto por um pelotão de fuzilamento, de costas, sentado com as mãos amarradas atrás do espaldar de uma cadeira — levaram-na pelo menos temporariamente a odiar seu pai ditador, convencida de que ele podia ter salvo o conde.

Galeazzo Ciano foi um dos dezenove homens que no Grande Conselho Fascista, nas primeiras horas de 25 de julho de 1943, votou favoravelmente à famosa moção de Grandi. Dino Grandi, que antes da guerra era embaixador da Itália em Londres, tinha proposto em sua moção que, uma vez que a ditadura tinha levado o povo e a nação italianos ao desastre e visto que a vitória nas mãos dos Aliados era certa, o Duce devia renunciar aos poderes ditatoriais e o rei (Vítor Manuel III) devia assumir o comando das Forças Armadas. Na tarde de 25 de julho Mussolini teve uma audiência com o rei, que insistiu na renúncia do Duce. Quando saiu da Villa Savoia, Mussolini foi preso pelos *carabinieri*. O Marechal Badoglio foi nomeado chefe do governo.

Mussolini foi encarcerado — primeiro na ilha de Ponza, depois na ilha mais retirada de La Maddalena, na altura da Sardenha. A seguir foi removido para um hotel no alto dos Apeninos, por medo das tentativas de salvamento por parte dos alemães. Mas Hitler tinha encarregado de salvar o Duce a Otto Skorzeny, comandante de uma unidade especial do Comando SS. Em 12 de setembro de 1943, oito planadores e um pequeno avião Storch pousaram na encosta da montanha. Mussolini, escoltado pelo triunfante Skorzeny, foi contrabandeado para a Alemanha. Enquanto isso — em 8 de setembro — o governo Badoglio tinha-se rendido aos Aliados e os alemães enfurecidos apoderaram-se de Roma.

Quando os alemães recolocaram Mussolini no poder — a sede do seu novo governo era Salo, no lago Garda — os fascistas exaltados começaram a reclamar vingança contra aqueles que tinham votado a favor da moção de Grandi. Dos dezenove signatários treze tinham desaparecido — o próprio Gran-

di fugira para Lisboa. Só seis homens — um deles o Conde Ciano, o genro do Duce — foram submetidos a julgamento para serem mortos.

Tal é o cenário dos acontecimentos que Vittorio Mussolini descreve neste livro. Ele viu seu pai dividido entre a sobrevivência política (que exigia a morte de Ciano) e os apelos apaixonados e furiosos de sua filha exaltada... sua filha mais velha e, como muitos têm dito, sua filha mais querida, lutando pela vida do marido. (Vittorio já tinha visto antes a irmã dirigir seu furor contra Hitler e von Ribbentrop).

Se o destino do Conde Ciano abriu uma brecha angustiosa na família de Mussolini, o caso do Duce com Clara Petacci foi outra fonte de sofrimento. Vittorio viu o efeito que estava produzindo em sua mãe e tomou a atitude corajosa de falar com o pai a respeito. A amarga entrevista mostrou-lhe, como ele relata no livro, que Clara não era como as numerosas outras mulheres que o Duce usufruíra e abandonara: ela era especial. Vittorio fala francamente sobre o amor da vida do seu pai e revela que sua mãe não soube de nada no caso de Clara senão já perto dos últimos acontecimentos — e por isso o choque da descoberta foi muito maior.

Eu queria conhecer o homem cujo livro eu estava traduzindo. Tínhamos combinado tomar um drinque no hotel onde eu estava hospedado em Bolonha, numa noite de abril deste ano. Pouco depois das sete tocou o telefone do meu quarto:

— O Doutor Mussolini está à sua espera no *hall* — disse a recepcionista.

Desci: eu queria dar tempo ao tempo para acalmar-me. Ele olhava a larga escadaria, como se sou-

besse que eu ia descer por ela em vez de tomar o elevador. Dirigi-me ao filho mais velho do homem que durante vinte e um anos foi o governante da Itália e o primeiro ditador do século XX no mundo ocidental. Vittorio Mussolini vestia um terno bem talhado cinza com listras finíssimas, e na mão atrás das costas tinha um chapéu marrom de estilo inglês com a copa quebrada.

Desde que deixara a Itália no final de 1946 vivia como jornalista. Quando o pai dele encontrou o seu fim sinistro, acabou um tipo de vida para Vittorio Mussolini e começou outro — uma calma vida familiar vivida principalmente na Argentina. Mas ser o filho ou filha ou esposa dum revolucionário sonhador que — rara combinação — tem também um instinto implacável para o poder é um destino muito especial. Conhecer Vittorio Mussolini e ler seu livro é ter consciência do que pode ser semelhante destino.

G. S.

Sunbury-on-Thames
Novembro de 1972

I

As colunas sociais dedicaram-se em seu tempo a Mussolini, mas ainda é cedo demais para tentar a avaliação histórica. É verdade que o tempo já corrigiu uma parte da crônica e tenho certeza de que um dia este processo estará completo — embora eu talvez não viva para assistir a esse dia. De qualquer modo, de que adiantaria eu tentar forçar a questão revolvendo nas vidas de outras pessoas à procura de novas provas?

Mas há outra história, muito diferente, que talvez valha a pena contar: é a história da nossa família, que consiste em homens e mulheres, embora o nome seja Mussolini — algo que nunca pudemos esquecer e a que nunca pudemos escapar. Lembro-me de todos os personagens nesta história, suas alegrias e dores. Eram a minha própria carne e meu sangue e partilhamos a vida juntos durante muitos anos. Mas acima de tudo lembro-me de minha mãe e de minha irmã Edda. Muitas vezes quando me sento à mesa com minha mulher e meus filhos, surpreendo-me olhando em volta à procura de minha mãe e irmãos e irmãs como se estivessem ali, no quarto ao lado. É então que me lembro com maior comoção dos dias quando nos sentávamos em volta da mesma mesa na Villa Torlonia (a residência da família do

ditador era em Roma), com meu pai, e como nós observávamos o seu rosto para ver se estava cansado ou aborrecido, como fazem todas as esposas e famílias, quando o chefe da família chega a casa do trabalho. Geralmente nós almoçávamos pelas duas da tarde, numa sala oval cheia de estátuas. Papai não comia muito — um pouco de macarrão, pão integral, legumes cozidos, salada mista, fruta. Tinha sempre diante de si uma grande saleira na qual mergulhava diretamente o aipo, as favas e seu favorito — o funcho. Ele não tomava vinho nem café e comia com rapidez incrível. Não tinha o menor prazer na comida; muitas vezes não se sentava enquanto a comida não era toda servida, do primeiro prato à fruta.

Chegou, entretanto, um dia em que nada mais tinha importância, e pela primeira vez vi meu pai esperar ser servido. Esse dia foi diferente de qualquer outro, e ainda me lembro com uma angústia indizível — foi em 19 de setembro de 1943, em Munique. Meu pai tinha sido libertado uma semana antes, e era a primeira vez desde 25 de julho (o dia em que Mussolini foi preso depois do voto a favor da moção de censura de Grandi no Grande Conselho Fascista) que estávamos todos juntos, sãos e salvos... ao menos por enquanto. Éramos dez — meu pai e minha mãe, eu, meu irmão Romano, minhas irmãs Anna Maria e Edda, Galeazzo Ciano e seus três filhos, Fabrizio, Marzio e Raimonda. Tínhamos chegado todos recentemente a Munique. Edda e Galeazzo estavam lá havia cerca de um mês esperando para escaparem para a Espanha; eu estava lá havia apenas alguns dias — tendo deixado Koenigsberg, onde me encontrava desde 28 de julho, vindo direto do quartel-general do Fuehrer com meu pai. Minha mãe, Romano e Anna Maria tinham

chegado de Rimini num avião alemão no dia anterior.

Os alemães tinham sido muito gentis conosco. Minha mãe recebeu grandes molhos de flores para a reunião da nossa família, e o ministro do exterior tinha posto à nossa disposição todo um andar do Karl Palast, um antigo e suntuoso palácio de Munique. Ainda posso ver aquela vasta sala de jantar. aquelas altas janelas, os candelabros, os quadros flamengos cheios de animais e flores em cores quentes contra o fundo sombrio, e os tapetes pelos quais ordenanças impecáveis, de jalecos brancos, se moviam silenciosamente. Meu pai estava sentado à cabeceira da mesa, numa velha cadeira esculpida. Vestia um terno escuro à paisana, com uma gravata que fora posta apressadamente. Estava de costas para a janela: a luz brincava-lhe nas feições velando-as, mas via-se que elas tinham sido mudadas pela fadiga e a dor. Estava mais magro e evidentemente sofrendo, e só seus olhos, profundos e imperiosos, conservavam algo da sua força antiga.

Depois de alguns minutos os ordenanças serviram a sopa — um caldo aguado de legumes. Meu pai tomou apenas algumas colheres sem prazer. Eu via que estava mergulhado em profundos pensamentos muito afastados de nós, talvez até de si mesmo. À direita dele estava sentado o meu cunhado Galeazzo com sua expressão de soberba costumeira que tanto irritava minha mãe.

Usava um terno cinza-claro, perfeitamente bem talhado e no bolsinho do paletó aparecia um lencinho branco colocado com displicente elegância. Tinha o cabelo cuidadosamente penteado, as unhas imaculadamente aparadas. De tempos a tempos conseguia até fazer-nos rir, comentando o modesto al-

moço, que depois da sopa consistiu apenas em pato, algumas batatas cozidas e um pedaço de manteiga sintética amarela. Ele e meu pai já tinham conversado antes de se sentarem à mesa, e meu pai sabia perfeitamente que o voto recebido pelo Grande Conselho tinha chocado e escandalizado as massas fascistas, e mais ainda os alemães, e que a posição de Galeazzo tinha tudo menos segurança. E, contudo, meu pai já lhe tinha perdoado; ele tinha problemas muito mais importantes — embora menos pessoais — para resolver, e no momento estava concentrado em fazer valer sua autoridade junto a Hitler a fim de que seu genro pudesse escapar ileso da armadilha que estava para fechar-se em torno dele. Quanto a Galeazzo, não creio que avaliasse devidamente o significado, ou, sobretudo, as conseqüências do que tinha feito, juntamente com os outros membros do Grande Conselho. Ele se recusava a crer que nesse momento era o homem mais odiado da Itália: os fascistas censuravam-nos, politicamente, pelo *coup d'état* e, pessoalmente, por ter concorrido para a queda do regime de seu sogro; os antifascistas acusavam-no de ter submetido mais a Itália à Alemanha; e os alemães responsabilizavam-no pelo colapso político e militar da Itália, com tudo o que este colapso já havia representado e estava representando por meio deles.

Enquanto comíamos, oficiais da alta patente e diplomatas alemães apareciam à porta de vez em quando. Os oficiais, quase todos da SS, estavam convencidos de que meu pai não se sentaria à mesa com seu genro, e creio que espreitavam para dentro da sala com a esperança secreta de testemunharem alguma cena violenta. Quanto aos diplomatas era diferente do resto da raça humana. Pode ser que se-

jam as exigências de sua profissão, talvez isso seja inato neles, mas eles são todos — seja de qual for o país — mais favoráveis aos outros do que aos compatriotas — e atribuem-se imunidades especiais. Vi um exemplo nesse dia. Eles consideravam Ciano sob um ponto de vista completamente diferente do das autoridades. Eu diria mesmo que eles estavam contentes pelo fato de haver um do seu número, um diplomata, que representou um papel-chave num colapso de tais proporções, fosse qual fosse o dano à causa comum; e deve-se dizer também que na própria Alemanha férrea estavam sendo engendrados planos de um atentado contra o Fuehrer.

Quando eu desviava a vista de meu pai e cunhado e olhava para minha irmã e minha mãe, recebia uma impressão ainda mais forte e mais dolorosa. Alguém disse que nos momentos supremos da vida um homem ainda pode reter algo de si mesmo, mas uma mulher é única e exclusivamente mulher... e eu comecei a persuadir-me disso naquele momento. Ao meu lado, silenciosamente, tentando engolir alguns bocados, Edda estava alheia a tudo, exceto à idéia de salvar seu marido. Era o seu instinto, mais que a própria resistência que os alemães opunham aos projetos duma fuga de toda a família Ciano, que a levava a identificar a Alemanha com o próprio perigo mortal para a família. Depois de falar com meu pai, Galeazzo tinha tentado reanimar a esposa, dizendo-lhe que ele estava convencido de sua inocência e portanto confiante na compreensão e proteção do Duce; mas para Edda, o Duce, o Fuehrer, a guerra, a aliança eram palavras sem sentido. Escapar, eis tudo o que importava, de tal modo que alguém que pensasse de outro jeito se tornaria automaticamente inimigo dela, até meu próprio pai que

estava de fato arriscando o que era seu capital mais precioso — a lealdade de seus últimos adeptos e o apoio de seus aliados alemães — justamente para salvar o marido de sua filha. E Galeazzo tinha concordado em voltar à Itália para enfrentar fosse o que fosse. ("Afinal de contas", tinha-me dito ele, "eu sou ainda um tenente-coronel da Força Aérea. Eles me mandarão para a frente e então verão se sou capaz de lutar pela minha pátria e pelo Duce.") Mas se desconfiava da Alemanha, Edda também desconfiava da Itália. Ela sabia que Galeazzo não podia mais contar com o apoio de ninguém, nem mesmo com o de Alessandro Pavolini (ele tornou-se secretário do Partido Republicano Fascista e foi abatido em Dango pelos guerrilheiros, em quem tinha um dos amigos mais leais). Os fascistas que tinham voltado para meu pai insistiram em que os traidores de 25 de julho deviam pagar caro pelo que tinham feito. Ciano era um deles e Ciano devia pagar — isso era o que todo mundo pensava então. Edda sabia disso e estava pronta para lutar — lutar com quem quer que fosse.

Lembro-me de que durante esse almoço, que era muito calmo na superfície, o olhar de Edda se encontrava algumas vezes com o de minha mãe. Ficavam ambas silenciosas ou falavam sobre coisas triviais, porque na presença de meu pai ninguém se atrevia a discutir, embora 25 de julho e suas conseqüências devam ter-se imiscuído entre minha mãe e minha irmã. Edda estava mergulhada em seu próprio problema; minha mãe estava imersa numa série de problemas diferentes; além disso, era aguilhoada por pensamentos amargos e assaltada por um milhar de dúvidas torturantes, confundindo numa angústia única as questões políticas e as preocupações pessoais.

A 25 de julho ocorreu o fim de uma luta à qual não só meu pai, mas também ela tinha dado uma vida inteira de paixão, sacrifício, provações, temores e esperança e tinha produzido apenas um triunfo para "os outros", para aqueles que pertenciam a um mundo que era essencialmente diferente do dela, um mundo convencionalmente falso, onde ninguém resolvia uma questão gritando e chegando às vias de fato se era o caso, mas, em vez disso, fazia mesuras e sorria para poder mais facilmente esfaquear o outro pelas costas. Havia um homem que tipificava tudo isto para minha mãe, e esse era Badoglio (o Marechal Badoglio tornou-se chefe do governo italiano em Roma depois de 25 de julho, rendeu-se aos Aliados a 8 de setembro e diante disso os alemães tomaram Roma). Por isso ela o odiava furiosamente, reconhecendo nele uma hostilidade sempre presente que ela havia sentido durante anos, que finalmente foi forçada a se declarar.

Mas como foi possível?

Era aqui que minha mãe, temperamentalmente inapta como era para compreender sutilezas políticas, não podia deixar de encontrar-se na barricada oposta à de Galeazzo. Sem dúvida, 25 de julho vinha fermentando havia muito tempo; fora construído por uma série complexa de causas e efeitos, mas como acontece em todos os acontecimentos decisivos da História, ocorreu um acaso que pôs em movimento o mecanismo da trama — neste caso o voto no Grande Conselho. E se Galeazzo por acaso não tivesse votado a favor da moção de Grandi?

A magra refeição de pato assado e batatas cozidas terminou e meu pai estava apanhando as migalhas em volta do seu prato como fazia de costume. Junto dele Galeazzo limpava delicadamente os lábios com

um canto do guardanapo e bebia lentamente um copo de vinho de Moselle. Edda e minha mãe observavam-nos silenciosamente.

As crianças, que tinham ficado sentadas e quietas tempo demais, começaram a mostrar sinais de inquietação.

— É melhor irem brincar — disse minha mãe.

E num relâmpago desapareceram todas da mesa. Minha irmã Anna Maria, que tinha então quatorze anos, tirou o babador de Marzio, que estava correndo para fora com ele ainda.

— Que feixe de energia é uma criança — comentou minha mãe. E por um momento todos sorrimos novamente.

Até meu pai pareceu emergir dos seus pensamentos para olhar aquelas criaturas inocentes, felizmente incapazes de avaliar que o que as cercava era uma falsa segurança, uma segurança carregada de drama.

Chegou um ordenança com uma bandeja de café. Era café tipicamente alemão, pálido e aguado. Beberam-no silenciosamente, enquanto meu pai continuava apanhando lentamente as migalhas. Depois que as crianças deixaram a mesa, toda a atmosfera pareceu tornar-se mais sombria. Olhei as cadeiras vazias, os restos nos pratos, os pedaços de pão não comidos e os copos vazios, e meu coração doeu. Por um momento tive a estranha sensação de que estava sonhando. Pode ser que nada disto seja verdade, pensei. Vou levantar-me e tudo será diferente. Mas eu não estava sonhando.

Um oficial alemão entrou, inclinou-se e em voz baixa disse algo ao ouvido de meu pai. Meu pai levantou-se. Tinham de ser tomadas decisões sobre se o Duce devia ou não voltar à Itália e sobre o local

onde seria instalado o novo governo fascista. Meu pai queria instintivamente voltar para Roma. Não lhe importava que isso significasse ainda maior perigo para o novo governo já precário, pois os Aliados avançavam para a Itália central. Os militares alemães pensavam de modo completamente diferente e opunham-se, sobretudo porque Roma era uma cidade aberta. Mas eu creio que mais que tudo eles temiam a presença do Duce na capital do que fora outrora o seu império. Eles sabiam que imensa força de recuperação seu aliado tinha ainda, e compreendiam que essa força poderia ameaçar seus planos de se tornarem eles mesmos senhores totais da Itália e assumirem o comando de todos os setores da nossa vida nacional sem qualquer semelhança de autoridade italiana. Os militares queriam que meu pai ficasse na Alemanha a fim de poderem apossar-se da Itália, e a única razão por que não cumpriram a própria vontade foi que Hitler impôs a dele, embora também concordasse que a nova capital não devia ser Roma.

Já naqueles meses a resistência a Hitler tinha endurecido e aumentado entre os generais alemães, embora fosse impossível saber até que ponto ia.

Entre os milhares de problemas que meu pai enfrentava na reconstituição do governo, problemas que certamente teriam esmagado o homem mediano, a questão de Roma era a mais difícil, mas não a mais árdua. Muito mais difícil não só porque o tocava diretamente na intimidade dos seus afetos, mas também porque tocava os aspectos mais delicados de sua posição com os alemães e os fascistas que tinham voltado aos seus postos prontos para lutarem — era o problema de decidir a sorte de Ciano. Já naqueles primeiros dias de reconquista da liberdade em terri-

tório alemão, meu pai tinha feito tudo o que era humanamente possível para ajudá-lo. Tinha garantido ao Fuehrer que responderia pessoalmente por seu genro, e ele tinha grande fé na palavra que Hitler dera a ele pessoalmente. Por sua vez, Galeazzo tinha confiança no meu pai. Minha mãe, entretanto, estava muito afastada deste problema. A sorte de seu genro (e por conseguinte o futuro de sua filha e seus netos) e a amarga decepção do comportamento de Ciano — para minha mãe estas coisas todas nada eram ao lado das coisas concernentes a seu marido, o único homem que era realmente importante para ela. Competia aos restantes de nós, cada um por si, enfrentarmos as conseqüências das nossas ações.

Meu pai saudou-nos a todos com um gesto de cansaço. Depois que ele saiu da sala, Edda e Galeazzo voltaram à vila de Almashausen onde os alemães lhes tinham oferecido acomodações. As crianças tinham ido brincar numa grande sala perto da sala de jantar, onde encontraram um piano.

Lembro-me de que Romano estava tocando um *boogie-woogie* — o melhor que podia, naturalmente, porque nesse tempo toda a sua experiência musical era constituída pelos quarenta e cinco dias de Badoglio, durante os quais ele tinha estado fechado no castelo de La Rocca delle Caminate (a casa de campo de Mussolini perto de Forli, na Romagna) com um velho piano como único divertimento. Corri a fazer Romano parar; ele gostava muito de *jazz*, como eu também, mas era demasiado jovem para avaliar considerações políticas, especialmente o fato de que éramos hóspedes dos alemães, o que tornava desaconselhável tocar música relacionada com o inimigo.

Ele compreendeu imediatamente o seu erro, e, para corrigir a situação, começou a rir tocando alegremente uma seleção de valsas vienenses. Eu saí com os filhos de Edda. Minha mãe beijou um por um e disse até logo à filha. Galeazzo dirigiu-se para a porta. Depois parou e disse um seco "Vamos embora". Edda e as crianças seguiram-no.

Pouco depois ouvi o automóvel afastar-se.

Só eu e minha mãe ficamos na grande sala de jantar. Sempre me lembrarei da expressão que ela tinha nos olhos. Olhava o vazio, mas não chorava. Minha mãe tinha sido sempre uma pessoa forte, mas talvez naquele dia ela tivesse chorado, amarga e livremente, como qualquer mulher, e eu sabia por quê.

Em 25 de julho meu pai havia caído como chefe do governo, vítima duma conspiração, mas ao mesmo tempo havia caído também para ela como marido, e tanto mais dolorosamente pois só naqueles dias ela havia descoberto o caso com Clara Petacci.

Tenho pensado muitas vezes neste capítulo especial de nossa família dentro do seu âmbito privado, e sempre me espantou que minha mãe fosse a última a saber a respeito do que era do conhecimento público até mesmo no estrangeiro. O que torna mais espantoso é que minha mãe tinha uma habilidade extraordinária para colher toda a espécie de informação (e para obtê-la ela era capaz de ir até o ponto de se disfarçar) que imediatamente transmitia a meu pai. Podiam ser os excessos de algum membro do partido, o murmúrio de alguma caseira, a bisbilhotice sobre oficiais de alta patente ou sobre damas da aristocracia. Minha mãe tomava nota de tudo com a astúcia e a feroz vigilância que ela havia adquirido durante muitos anos de combate político mortal ao lado de seu marido. E entretanto aqui estava algo

que concernia a ela e somente a ela, e parecia que alguma conspiração irônica de silêncio lhe tinha anulado toda a astúcia.

Expressando um ponto de vista em que provavelmente só os homens acreditarão, devo dizer que meu pai nunca, em qualquer sentido, permitiu que os seus casos de amor, mesmo o de Clara Petacci, apoucassem suas relações com minha mãe ou com o resto de nós, e nunca diminuíram o respeito e afeição que todos nós sentíamos por ele, mesmo no caso Petacci, que teve conseqüências mais sérias do que outras aventuras, especialmente em seu trágico desfecho. Houve muitos amores na vida de meu pai, como costuma haver na vida de muitos homens... e não vou citar exemplos (embora, se o fizesse, levantasse uma série de escândalos) no meio dos que mais tarde compartilharam os despojos da Itália. Não me considero juiz de moral — algo que aqueles outros fizeram com grande zelo na época e continuaram fazendo desde então.

Foi Edda, lembro-me, a primeira pessoa que me disse que meu pai tinha casos de amor. Eu era ainda um garoto pequeno e a informação chocou-me terrivelmente... e creio que se dá o mesmo com qualquer rapaz quando sabe que seu pai, pelo fato de ser seu pai, pode ser atraente para outra mulher que não sua mãe. Edda, como minha mãe, era muito desdenhosa a respeito. Ela disse que meu pai era atraente para mulheres feias e que aceitando seus favores ele mostrava muito mau gosto. Nessa época eu não me incomodei muito com esse aspecto da questão. A simples idéia de outra mulher, bonita ou feia, deitar as mãos à riqueza de afeição que era propriedade de nossa família, encheu-me de raiva e medo e ao mesmo tempo duplicou a minha afeição por minha mãe, que

eu sei que devia defender custasse o que custasse, principalmente evitando que ela descobrisse.

Eu tinha um pai afetuoso e generoso que era também — embora aqui também eu saiba que só os homens compreenderão — um bom marido. Eu mesmo, quando deixei a infância e seus temores confusos, adquiri maior compreensão de tais problemas humanos e nunca dei muita importância a esses casos, nem mesmo ao de Clara Petacci. Eu sabia praticamente tudo a respeito dela desde o início, e o meu único cuidado era que minha mãe não tivesse esta nova preocupação ajuntada às muitas que ela já tinha. Eu esperava que o caso acabasse logo, como tinha acontecido antes, mas fui forçado a compreender, à medida que o tempo passava, que a ligação daquela mulher com meu pai era realmente forte e algo extraordinário.

Além disso, os acontecimentos iam dar-me razão. Mas o que me aborrecia mais era que os inimigos de meu pai arranjavam meio de lhe fazerem mal causando escândalo. Na política, ou melhor, um certo tipo de política, são usados em abundância tais métodos, e eu vi que o caso Petacci crescia até se tornar um vasto escândalo com o encorajamento de certas facções e suntuosos hipócritas.

Mas era natural que minha mãe olhasse a situação de um ponto de vista diferente, um ponto de vista que era total e exclusivamente feminino. Os jornais e o rádio já tinham dado as notícias de que Clara Petacci, que tinha sido presa imediatamente após a prisão de meu pai, tinha sido posta em liberdade. Isto abria a possibilidade, talvez mesmo a certeza, de que ela e meu pai se encontrariam logo que meu pai voltasse à Itália.

Eu sentia que esta era a opinião de minha mãe no silêncio opressivo daquela vasta sala de jantar, e eu sentia por ela... como podia ser de outro modo? Do outro lado da porta, na sala que servia como gabinete improvisado, o Duce e vários colegas italianos e alemães estudavam a constituição do novo governo e a escolha da nova capital. Eu tinha certeza de que naquele momento meu pai aplicava todas as suas energias a estes objetivos, e sem dúvida sua única preocupação era que nada ficasse por fazer.

Mas a mente de minha mãe estava em outra coisa. Do lado de fora da porta de meu quarto a única coisa que ela podia ver era a outra mulher, a mulher que naquele momento ansiava por ver meu pai, dar-lhe todo o seu amor novamente.

Eu quisera avançar para minha mãe, abraçá-la e dizer-lhe que nada disso tinha importância — mas não adiantaria. Minha mãe estava só com todo o seu desespero de mulher, e assim teria de ficar. A única coisa que se podia fazer era ficar ali com ela e não dizer nada. Os ordenanças tiravam as últimas coisas da mesa. Eu olhava como através duma névoa enquanto mãos de luvas brancas tiravam os pratos, os talheres e os copos. Depois um ordenança tirou a toalha e outro substituiu-a por uma longa estola de damasco, estendendo-a habilmente e ajustando-a com rápidos toques de mãos.

Estávamos sós novamente, eu e minha mãe.

Então abriu-se a porta do gabinete e um oficial fez sinal para eu entrar. Encontrei meu pai com um ar muito preocupado.

— Os alemães — disse-me logo que ficamos sós — desconfiam de nós. Às vezes tenho a impressão de que desconfiam até de mim, como se eu tivesse engendrado o 25 de julho ou conluiado com

ele. De qualquer modo, é evidente que nos observam e esperam medidas firmes de nós, a primeira das quais é o julgamento dos membros do Grande Conselho que votaram a favor da moção de Grandi. Os fascistas são ainda piores — são mais severos ainda do que os alemães. Até mais ver, a única solução é mandar Galeazzo de volta para a Itália.

Eu respondi:

— Esperemos pelo melhor.

Eu tinha estado com os alemães durante dois meses e sabia exatamente como eles viam as coisas. assim como sabia exatamente o que pensavam os fascistas. Não havia mais nada a fazer. A morte já pairava sobre a nossa família.

Repeti:

— Esperemos pelo melhor.

Depois disse até logo a meu pai. Ele tinha-me encarregado duma missão pessoal. Daí a uma hora eu estaria embarcando num avião de caça da Luftwaffe em minha viagem para Roma.

II

"O *coup d'état* de 25 de julho colocou a Itália diante do maior ato de traição registrado na História. Uma sinistra conspiração, que envolvia o rei e certos generais, líderes do partido e ministros que mais do que quaisquer outros tinham tirado proveito do fascismo, apunhalou o regime pelas costas e criou desordem e confusão no país no momento angustioso em que o inimigo punha os pés no solo pátrio. A traição do rei pode ser deixada para o julgamento do povo e da História; é justo, entretanto, que a traição dos que não só faltaram ao seu dever como cidadãos, mas faltaram ao seu juramento como fascistas, seja severamente reprimida e castigada. A consciência das massas fascistas traídas e a memória dos nossos mártires caídos exigem-no. Nem podemos deixar impunes os atos de violência e as ofensas cometidas por certas pessoas que, tirando vantagem duma súbita licença e a cumplicidade dos que se tinham apoderado do poder, atacaram pessoas e propriedades pertencentes ao regime, que julgaram morto e enterrado. Por conseguinte foi publicado o seguinte decreto..."

Estendi a mão para o pequeno rádio na beira da mesa e mudei para outra estação. Eu sabia já quais eram as notícias. No dia anterior, 27 de outu-

bro de 1943, a RSI (República Social Italiana) tinha constituído os tribunais extraordinários em cada província e o Tribunal Especial e extraordinário. Era a tarefa destes tribunais julgar os fascistas que tinham, "de algum modo, falado, escrito ou, por outros meios, denegrido o fascismo e suas instituições e cometido atos de violência contra as pessoas ou propriedades fascistas."

A pena para os "traidores da Idéia" era a morte.

Palavras duras. Iriam manter-se como puras palavras, pelo menos quanto à aplicação pelos tribunais provinciais, que na realidade pronunciaram muito poucas sentenças e assim mesmo leves. Mas o Tribunal Especial era diferente.

A hostilidade que as massas fascistas sentiam por aqueles membros do Grande Conselho que tinham votado a favor da moção de Grandi tinha-se tornado irresistível. Em cada ramo reorganizado do Partido Fascista as reuniões eram encerradas com a exigência de castigo exemplar.

Em 28 de outubro (aniversário da Marcha sobre Roma em 1922, a seguir à qual Mussolini subiu ao poder), numa atmosfera verdadeiramente reminiscente dos dias do terror jacobino, numa reunião do ramo de Bolonha os fascistas republicanos tinham aprovado uma moção que exigia que a Constituinte (a Assembléia Fascista) reconhecesse "Vítor Manuel III culpado de traição contra o Estado, tendo cometido atos destinados a colocarem o território do Estado sob a soberania de um Estado inimigo e a arriscarem sua independência". A moção, por conseguinte, exigia "a pena de morte e a confiscação dos bens de todos os membros da Casa de Sabóia, com exceção da família do heróico Duque de Aosta, a pena de morte e a confiscação dos bens de Badoglio,

Ambrosio, Roatta e os outros generais e almirantes que revelaram cumplicidade na infame traição, e a pena de morte e confiscação *para cada um e para todos* os dezenove signatários da moção de Grandi." A alusão a Ciano, que tinha sido preso poucos dias antes mal desembarcara do avião que o trouxera de volta à Itália, era evidente. Como eu temera, a sorte do meu cunhado apontava apenas em uma direção, e só um milagre poderia salvá-lo. Devo dizer que Edda acreditou nesse milagre até o último momento. Ela gritava, chorava, ameaçava, voltou-se contra todo mundo, inclusive meu pai e minha mãe. Foram dias terríveis para todos nós.

Meu pai tinha voltado da Alemanha e reassumido sua posição como chefe, primeiro no castelo de La Rocca delle Caminate (que fora oferecido a meu pai pela Província de Forli e era o seu querido retiro do campo), e depois em Gargnano, no lago Garda, onde ele havia instalado o governo. Eu tinha sido eleito secretário dos fascios republicanos da Alemanha e tinha de viver viajando entre Roma, Gargnano, Munique e Berlim. Era sabido que Hitler e os outros chefes alemães gostavam de mim, tinham alguma consideração por mim. E este fator pesava nos que me elegeram (foi a primeira eleição de natureza democrática em que eu já havia tomado parte). O cargo envolvia a tarefa muito delicada, entre outras, de procurar os italianos internados que eram cada vez mais numerosos e estavam cada vez mais desorganizados, assim como os trabalhadores livres. Edda, que se mudara para Roma logo que Galeazzo fora preso, estava a par das minhas relações com os alemães e contava comigo para a execução do seu plano. Todos podíamos fazer uma idéia do objetivo final deste plano, mas quanto aos detalhes que mi-

nha irmã tinha engendrado secretamente com sua determinação excepcional — estes eram desconhecidos para nós em sua maioria.

De qualquer modo, Edda foi procurar-me. Hoje, a esta enorme distância no tempo, compreendo que a maneira calma como ela falou na ocasião era parte de seu plano, e uma parte importante. Cheguei à conclusão de que Edda estava sendo manhosa comigo, e até certo ponto isso era verdade. Mas eu nunca tive má vontade para com ela. Ao contrário, eu a admirava mais ainda pela valente tenacidade com que se preparava para seguir o caminho que traçara como mulher, sozinha e contra todos, mesmo contra os que a amavam.

— Eu não posso ficar sem os meus filhos — disse ela. — Você precisa ir buscá-los para mim. Você está de boas relações com os alemães. Eles não podem recusar isso a você. Por favor, Vittorio, traga-me de volta meus filhos.

Edda, como meu pai, sempre teve um modo notável de persuadir as pessoas com o olhar fixo. Não havia nenhuma prepotência napoleônica nesse olhar, mas apenas uma intensidade, quase — por estranho que pareça — uma espécie de gentileza.

— Está bem, eu irei. Mas você sabe como eles são. Oferecem-lhe flores e depois não lhe dão uma migalha quando não querem.

Edda apagou o cigarro no cinzeiro e olhou para mim.

— É... flores. Você se lembra?

Referia-se a 3 de setembro de 1943. Edda e Galeazzo, fiados numa promessa feita pelo Coronel Dollmann (representante de Himmler em Roma), tinham ido para a Alemanha convencidos de que poderiam seguir para a Espanha, mas desde o primeiro

momento sentiram que tinham caído numa armadilha. Diante disso, Edda pediu uma audiência a Hitler. Esta foi concedida imediatamente, tão rapidamente na verdade que parecia, na superfície pelo menos, que a amizade do Fuehrer à nossa família e também a Edda era sempre a mesma. O encontro teve lugar na pequena sala de estar do trem pessoal de Hitler, a cerca de dez quilômetros de Koenigsberg, numa enorme floresta que se estende em volta dos lagos Masurianos, quase na fronteira com a Lituânia. Eu estava lá também: tinham posto à minha disposição um trem pouco antes do encontro, e a última coisa que eu havia esperado era ver minha irmã. Edda contou-me a respeito do entendimento entre Galeazzo e Dollmann. Tendo sabido um pouco mais sobre o humor dos alemães, fiquei preocupado e não escondi isso de Edda, pois eu tinha certeza de que ela e Galeazzo se haviam realmente metido na boca do leão. Não pudemos discutir mais porque um oficial nos levou à presença do Fuehrer e de von Ribbentrop.

Apenas entramos na sala de estar, minha irmã foi presenteada com um magnífico ramo de flores, com parabéns por seu aniversário. Eu tinha esquecido completamente o aniversário e Edda também. Mas não os alemães — cuja atenção e cerimônia eram impecáveis, mesmo nos momentos mais difíceis. Sentamo-nos num confortável sofá de couro escuro. As flores tinham-nos reanimado: pareciam um bom augúrio. Mas em breve iríamos constatar o contrário. Quando Edda começou a indicar seu desejo de partir para a Espanha com Galeazzo e as crianças, e mencionou o fato de que estava um pouco surpreendida de que a promessa de Dollmann não tivesse sido cumprida, as fisionomias de Hitler e de von Ribbentrop mudaram imediatamente.

— O Conde Ciano está sendo bem tratado — disse Ribbentrop — de acordo com o seu posto.

Haveria talvez alguma coisa que não estava exatamente como devia estar? Von Ribbentrop mostrava-se muito cortês e parecia pronto a despedir todos os serviçais da vila de Almashausen onde Edda e Galeazzo estavam hospedados... e era também demasiado claro que ele estava intencionalmente tentando provocar minha irmã, sabendo como sabia quão fácil era fazê-la perder a paciência. Edda compreendeu que ele estava fingindo não a compreender... e querendo fazê-la estourar. Ela disse que se sentia como uma prisioneira, e assim também seu marido, e era dever de Hitler libertá-los imediatamente. Von Ribbentrop, ficando mais afável à medida que Edda ia ficando cada vez mais irritada, repetiu que não havia razão para deixar Almashausen, onde o Conde Ciano podia esperar com sua esposa, a encantadora filha do maior amigo do Fuehrer, a iminente e inevitável vitória das forças alemãs.

Nessa altura Edda já tinha mandado ao diabo a última parcela de cautela. Olhou para von Ribbentrop de frente como se quisesse comê-lo vivo e gritou que a guerra estava perdida — a não ser que eles fizessem a paz com um dos dois inimigos, como, por exemplo, a Rússia.

Hitler sentiu-se cortado ao vivo, e foi a vez de ele explodir.

— Como pode a senhora misturar gesso com queijo! — gritou Hitler. — Nós continuaremos combatendo o bolchevismo até o último homem!

Eu fiz várias tentativas para acalmar a situação, sem grande êxito, mas finalmente as coisas foram-se acalmando. Supliquei a Ribbentrop que estudasse novamente o assunto o melhor que pudesse,

e ele me fez uma vaga promessa; na realidade, ele repetiu obstinadamente o que tinha dito sobre os confortos que a vila de Almashausen oferecia a toda a família Ciano.

Lembrando-me daquele dia e da fria indiferença de von Ribbentrop, suspeitei que quando pedisse os filhos de Edda encontraria a mesma muralha de escusas e fingimentos... e infelizmente eu não estava muito enganado. Afinal de contas, os filhos do Conde Ciano não estavam perfeitamente felizes morando com meus próprios filhos e sua avó no castelo de Hirschberg? Ninguém podia dizer que eles não estavam felizes ou que tinham falta de alguma coisa.

Eu próprio tinha estado hospedado lá várias vezes no castelo e tinha de admitir que o ambiente ali não parecia de guerra. O castelo ficava a cerca de oitenta quilômetros de Munique e era completamente inexpugnável para ataque aéreo. Era um ambiente encantador de bosques e lagos cheios de excelente peixe. As crianças passavam um dia delicioso pescando, e voltavam à noite vorazes. Sob este ponto de vista, o castelo era um lugar ideal, considerando as limitações de comida que as crianças haviam sofrido algumas vezes. O campo em redor fornecia carne, caça, leite e ovos. Minha mãe, que não se sente feliz a não ser que esteja trabalhando em casa, decidira ir para a cozinha para preparar refeições à italiana para todos nós com macarrão, bifes, costeletas e bolo.

O pessoal que tinha sido designado para o castelo logo percebeu as vantagens culinárias da situação. Faziam tudo para cuidar da família do Duce; e muitos deles, senão todos, mostravam tanto mais entusiasmo no serviço que nos prestavam por que ele lhes permitia economizarem alguns cupons de racio-

namento e até levarem algum pacote de comida para casa.

Todas estas considerações deviam ter persuadido Edda a desistir de seus planos de ter seus filhos consigo na Itália, onde viveriam certamente pior do que no castelo. Mas eu sempre estive profundamente convencido de que as mães falam uma língua diferente da dos homens, até mesmo da dos pais, e por isso tudo o que eu disse a Edda foi que ia ser difícil.

— Para você — disse-me ela abraçando-me — nada é difícil.

Parti para Berlim. Fiquei no Adlon, um hotel magnífico perto da Porta de Brandenburgo, onde estavam hospedados também vários membros do corpo diplomático e também altos funcionários do Ministério do Exterior Alemão. Dentro de horas de minha chegada fui convocado para uma entrevista com o subsecretário do Ministério do Exterior; naturalmente não lhe disse o verdadeiro objetivo da minha visita, que tencionava mencionar por acaso juntamente com vários outros assuntos. Mas o meu plano engenhoso resultou em nada.

A nossa conversa, que teve lugar num *bunker* sob o hotel, enquanto centenas de aviões ingleses bombardeavam furiosamente a cidade, correu lindamente até que eu mencionei os filhos de Edda e o desejo dela de tê-los de volta consigo na Itália. Nesse ponto o alemão fechou-se em copas, como se um sino invisível tivesse começado a tocar na sua cabeça. Iniciou com grande sentimento uma descrição dos terríveis bombardeios que a Itália estava sofrendo (como se eu não os tivesse experimentado) e, por outro lado, a paz idílica do castelo de Hirschberg. Assim tive a minha resposta — indireta embora perfeitamente clara — e compreendi que seria inútil insistir. Triste

por esta contrariedade e, acima de tudo, aborrecido por causa de suas implicações, voltei à Itália e informei Edda.

— Qual é a situação? — perguntou-me mal me viu.

Eu expliquei que tive de evitar fazer muita pressão, porque do contrário os alemães ficariam desconfiados e ter-se-iam tornado ainda mais rígidos, mas Edda não quis dar ouvidos à razão.

— Você me prometeu que traria os meus filhos de volta e você tem que trazê-los — disse ela, olhando-me nos olhos.

Não sei por que, mas fiquei embaraçado. Eu sempre tinha gostado de Edda. Algumas vezes tinha medo dela, mas sempre a admirei. O meu problema naquele momento era simplesmente não a decepcionar, embora eu não compreendesse completamente quanto seus filhos eram importantes para ela; era quase como se eu não quisesse parecer bobo mostrando que era um homem menos importante do que ela pensava que eu era. E assim foi que alguns dias depois parti de novo para a Alemanha, tendo decidido não me deter diante de nada, e pedir a meu pai que interviesse se necessário fosse. Fui com Orio Ruberti, cunhado de meu irmão Bruno e um amigo muito querido. Partimos numa lancha *Aprilia*, com um pequeno reboque para transportar a bagagem das crianças. Partimos de Gargnano por uma rota que eu tinha seguido muitas vezes — Bolzano, o Passo de Brenner, Innsbruck e Munique. Pelo caminho ocorreu-me que eu mudaria de tática e arriscaria mais. Eu teria de apresentar o meu requisito como se viesse diretamente do Duce — ou estaria destinado a voltar de mãos vazias.

Em Munique fui procurar um alto funcionário do Ministério do Exterior e disse-lhe que o Duce queria que os membros da sua família voltassem para a Itália, sendo a principal razão disso o fato de ele querer reforçar a opinião pública e afastar a impressão de instabilidade causada por estar a nossa família espalhada em parte no exterior.

— Uma vez tendo o povo visto que todos os Mussolinis estão lá com o Duce — disse-lhe eu — haverá um maior sentimento de segurança, coisa que nunca foi mais necessária do que agora.

Isto produziu o efeito desejado. O alto funcionário não queria assumir nenhuma responsabilidade no assunto, mas garantiu-me que não me impediria de fazer o que eu viera para fazer — ele simplesmente fingiria não saber nada a respeito. Providenciou bondosamente gasolina para a nossa jornada e deixou-me partir. Daí a algumas horas eu tinha os filhos de Edda no carro e estava de volta na estrada de Innsbruck. Corria a toda velocidade e lembro-me de que olhava para as crianças atrás de vez em quando; eu simplesmente não acreditava que tinha sido capaz de fazer o que Edda queria. Atravessamos o Passo de Brenner. Perto de Bolzano soaram as sirenas — justamente a tempo de eu poder parar nos arredores. Então eu e aquelas crianças espantadas e aterradas vimos as Fortalezas Voadoras americanas despejarem uma cortina mortífera de bombas sobre a cidade. Depois que os aviões inimigos voaram por cima das estradas devastadas por explosões, com chamas aqui e além, deixamos Bolzano e bem tarde nessa mesma noite chegamos à Villa Feltrinelli, Gargnano (última residência de Mussolini, no lago Garda). Edda recebeu-nos com alegria. Olhou as

crianças, beijou-as uma por uma, depois apertou minha mão e disse simplesmente:

— Obrigada, Vittorio.

Eu esperava que ela fosse mais efusiva, lembrando como tinha insistido em ter seus filhos junto de si e como fora desdenhosa com o meu fracasso. Pouco tempo depois, entretanto, compreendi tudo. Os planos para salvar o marido de ser condenado à morte pelo Tribunal Especial de Verona podiam ter sido comprometidos se seus três filhos tivessem ficado na Alemanha expostos a possível represália.

Com astuta previsão, Edda quisera primeiro e antes de tudo ter seus filhos fora das mãos dos alemães e sãos e salvos a fim de ela estar livre para agir.

Nessa altura aproximávamo-nos do fatal 2 de janeiro de 1944, e Edda decidiu dar o passo final. Pediu para ver seu pai — foi, se me lembro corretamente, um dia depois do Natal. Ela já tinha sondado o terreno numa longa conversa com a mãe, que havia tentado, sem efeito, fazê-la ver que nessa altura nem mesmo o perdão do Duce poderia salvar Galeazzo dos implacáveis processos exigidos pelo Estado, e que estes eram provavelmente ainda mais rígidos porque era a sorte do genro de Mussolini que demonstraria quanto eram firmes as leis da nova República.

Eu não estava presente quando Edda e minha mãe tiveram sua conversa, mas ouvi a respeito imediatamente depois de Edda sair furiosamente.

— Foi simplesmente terrível — disse-me Gina (viúva de Bruno, o irmão mais jovem do autor). — Cada uma delas está lutando para salvar o próprio marido e não conseguem ver o ponto de vista da outra. Não há nada que possamos fazer, Vittorio.

Infelizmente Gina tinha razão. O círculo da justiça revolucionária fechava-se implacavelmente em torno dos prisioneiros da cadeia de Verona. Seria uma questão de dias, talvez de horas. Compreendi que ninguém podia deter o que tinha sido posto em movimento, e sentia uma enorme tristeza por todos nós e por meu pai, para quem o sacrifício de Galeazzo era o último e o mais amargo dos golpes que a guerra lhe tinha dado.

Mas Edda continuava esperando. Em sua lúcida frieza ela sabia que tinha apenas uma carta na mão — chantagem — e agora era o momento de jogá-la.

Então os alemães e os fascistas queriam que seu marido morresse, não era? Muito bem, que eles pensassem se era melhor condenarem Galeazzo à morte ou sofrerem as conseqüências da publicação dos diários dele. (Os alemães davam aos diários uma importância política que talvez eles não tivessem realmente, e de qualquer modo eles não poderiam ter influência no inevitável resultado da guerra.) Não havia nada que detivesse Edda. Seus filhos, confiados a pessoas em que ela podia confiar totalmente, estavam prontos para partirem para a Suíça; a conseqüência do que ela estava fazendo só poderia recair sobre ela mesma, livre e responsável.

Com esta forma desesperada de segurança, Edda entrou no gabinete onde meu pai esperava por ela. Eu desejaria evitar esse encontro, que seria terrivelmente penoso para ambos, eu sabia, mas cheguei demasiado tarde. Edda já tinha tido a confirmação de que meu pai, o homem que durante mais de vinte anos tinha sido onipotente, se curvava diante de algo mais forte do que ele. Nada podia impedir os juízes de Verona de levarem até o amargo fim o que eles con-

sideravam o seu dever. A raiva de Edda tinha explodido, indiferente às feridas ardentes que abria na alma de meu pai com cada palavra que dizia.

— O senhor está louco! — ouvia-a gritar. — O senhor está completamente louco! A guerra está perdida, não adianta se iludir. Os alemães resistirão por alguns meses e só. O senhor sabe quanto eu queria que nós ganhássemos, mas não há nada a fazer agora. Não está vendo? E fuzilar Galeazzo numa situação como esta!

Apesar do fato de eu durante aquele período ter uma opinião completamente oposta à de Edda, sou obrigado a admitir que era difícil discordar dela. Mas eu me confortava com a convicção de que, como quer que as coisas resultassem, nós tínhamos conservado fé nos ideais pelos quais havíamos começado a nossa luta e pelos quais tantos já tinham sacrificado suas vidas... entre eles meu irmão Bruno.

A porta do gabinete de meu pai abriu-se de par em par e Edda saiu. Estava superexcitada e trêmula, mas em seus olhos havia uma determinação indomável de continuar lutando.

— Veremos. Veremos — disse ela num tom que me assustou.

Depois saiu da vila.

De fora do jardim ouvi as vozes alegres e excitadas das crianças jogando bola com alguns soldados da Guarda Republicana.

III

Não ouvi mais nada a respeito de Edda depois daquele dia em que a vi sair, transtornada e feroz, do gabinete de meu pai. Eu tinha a certeza de que minha irmã não ia esperar passivamente que o destino de Galeazzo se cumprisse, mas sim lutaria até o último momento com todos os meios a que pudesse recorrer. O que ela poderia fazer na prática eu não posso imaginar. Eu sabia que a Gestapo tinha fechado as portas para ela e que a SS a observava o tempo todo. Isto me fazia ficar mais preocupado ainda, pois eu sabia que quanto mais numerosos fossem seus inimigos e dificuldades, mais decidida e menos prudente minha irmã ficaria. E a minha preocupação por Edda não era o único pensamento que me atormentava naqueles dias terríveis.

Chegamos ao fim de 1943 e estava começando um ano novo e decisivo. As forças da República Social Italiana organizavam-se rapidamente, e da Alemanha recebíamos informes relativamente tranqüilizadores sobre o progresso de armas secretas. Mas a pressão do inimigo, vitorioso em todas as frentes. aumentava sempre, e na Itália o espectro da guerra civil avultava também claramente. Mesmo aqueles que, como eu mesmo, tinham decidido lutar até o amargo fim pela honra da Itália, estavam condena-

dos a viver num estado de contínua e enervante tensão. A qualquer momento podia dar-se uma reviravolta dos acontecimentos. Éramos todos açoitados pela mesma tempestade, e cada um de nós tinha ainda sua própria agonia particular. Eu via a minha refletida nos semblantes de meu pai e minha mãe, cada dia mais marcados pela dor e pela fadiga. Edda havia desaparecido, mas nós ainda tínhamos consciência da presença dela e o desespero em que se tinha voltado mesmo contra nós, como se fôssemos os cruéis arquitetos de seu patíbulo.

— Ela vai fazer alguma coisa louca — confiou-me minha mãe. — E depois os alemães lhe voltarão as costas. Isso acabaria com papai.

— Não, não — repliquei — as coisas se resolverão de algum modo... a senhora verá. Os alemães farão tudo para impedir a publicação dos diários de Galeazzo. Eles farão um acordo. E depois Edda e Galeazzo estarão bem... e as crianças também.

Minha mãe ouviu e depois olhou para mim sem dizer nada. Ela sabia que eu não cria nisso e estava apenas tentando consolá-la. A sentença de morte para os "Cinco de Verona" era certa agora, e era igualmente certo que se meu pai usasse sua autoridade para impedir o curso da justiça, o nosso fascismo recém-ressurgido receberia um golpe mortal e os alemães aproveitariam imediatamente a oportunidade para apertarem a sua pressão, já terrivelmente pesada no nosso desventurado país. Assim passaram os primeiros dias angustiantes de janeiro, e chegamos ao último ato da tragédia. Os juízes de Verona pronunciaram a sentença de morte de De Bono, Ciano, Gottardi, Marinelli e Pareschi. A sentença seria cumprida ao amanhecer do dia onze.

Eram duas da manhã, enquanto os homens condenados esperavam a morte nos corredores vazios e alucinantes da fortaleza-prisão de Scalzi em Verona, quando um mensageiro alemão bateu energicamente à porta do chefe da SS na Itália, o General Karl Wolff. Wolff abriu a porta de pijama, e o mensageiro, em rígida posição de sentido, entregou-lhe um envelope. Era dirigido a Mussolini e tinha sido intencionalmente aberto.

"Se meu marido não chegar são e salvo à Suíça dentro de três dias, providenciarei para que tudo seja publicado — e isso poderá, como você sabe, arruinar a você e aos alemães. Os diários estão bem seguros. A prova é irrefutável. Edda."

Wolff recolocou a carta no envelope, que fechou cuidadosamente e devolveu ao mensageiro, dizendo-lhe que a levasse imediatamente à Villa Feltrinelli. Nesse tempo Wolff estava aquartelado em Fasano, não muito longe de Gargnano. O último ato de desafio, as execuções na prisão de Scalzi, a agonia que meu pai e o resto da nossa família estavam vivendo — nada disso, creio, oferecia muito interesse para o General Wolff, que havia algum tempo, dessa mesma vila em Fasano, às ocultas de meu pai e de Hitler, vinha lançando as bases de uma rendição de todas as forças alemãs abandonadas na Itália diante dos anglo-americanos, de modo que era de grande interesse para Wolff parecer lealíssimo aos olhos dos soldados do Fuehrer e o mais sólido sustentáculo da recuperação dos fascistas, na qual o julgamento de Verona era um elemento vitalmente importante.

— Às cinco horas da manhã, uma hora antes da execução da sentença — disse Wolff algum tempo depois — meu telefone tocou. Era evidente que o

Duce tinha recebido a carta de Edda e queria ouvir o meu ponto de vista. Lembrei-lhe pelo menos duas vezes que Hitler me havia instruído para não intervir no julgamento, que era uma coisa inteiramente para as autoridades italianas, mas o Duce não pareceu muito convencido com isto. Perguntou-me o que faria eu no lugar dele, e eu não pude esconder dele que, devido às graves conseqüências que haviam resultado do voto no Grande Conselho e devido ao sentimento popular contra os que tinham subscrito a moção de Grandi, eu achava que seria perigoso conceder o perdão aos homens condenados que o tinham pedido. O Duce ficou silencioso por um momento e depois perguntou-me o que o Fuehrer esperava dele, na minha opinião. Senti que havia uma pesada responsabilidade na minha resposta e apressei-me a dizer-lhe que Hitler duvidava que a sentença de morte fosse levada a efeito. Eu sabia que isto atingiria o alvo e esclareceria o espírito dele. O Duce, com efeito, ficou um pouco escandalizado, mas refez-se rapidamente e perguntou-me o que pensaria Himmler a respeito. Eu lhe disse que Himmler também tinha certeza de que devia dar-se o exemplo mais severo. O Duce agradeceu-me e disse que examinaria a situação novamente para ver se havia alguma saída.

Wolff sempre disse que tinha certeza de que meu pai, como logo expôs pelo telefone, obedecia a ditames do coração e tinha revogado a execução. Não sei qual é a verdade. Tudo a respeito daquelas horas trágicas é confuso, e até as histórias menos críveis podem ter um fundo de verdade. Segundo uma de tais histórias, os próprios alemães tinham como último recurso feito planos para permitir a Ciano escapar

da prisão de Scalzi. O Marquês Emilio Pucci (*), que naqueles tempos era o amigo mais corajoso e mais generoso de Edda, escreveu num artigo que, em 3 de janeiro, Galeazzo mandou à mulher uma carta em que lhe dizia que os alemães tinham decidido libertá-lo, fosse o que fosse o que os juízes quisessem. Às nove horas da noite de 7 de janeiro, Edda devia estar num ponto, a dez quilômetros de Verona, fora da auto-estrada entre Brescia e Verona, onde ela e Galeazzo se encontrariam e depois seguiriam para a Suíça. Supunha-se que esta carta tinha sido escrita com o consentimento dos alemães. Mas ao mesmo tempo dizem que Galeazzo tinha enviado outra carta, por intermédio de pessoa em que podia confiar, na qual pedia à minha irmã que fosse direto para Roma para tirar do esconderijo, conhecido apenas dos dois, vários volumes datilografados que continham importantes notas de reuniões com várias personalidades e que tinham o título de *Colloqui* (*Conversações*); havia outro pacote de documentos ainda mais importante chamado *Germania* (*Alemanha*). Estes eram o preço da liberdade dele.

Às oito da noite de 7 de janeiro, o carro em que Edda e o Marquês Pucci viajavam para Verona quebrou. Edda tinha uma hora certa para chegar a dez quilômetros de Verona, onde devia se encontrar com Galeazzo. Pucci parou um carro que ia até Brescia, mas havia lugar apenas para um passageiro. Edda embarcou, decidida a chegar lá a todo custo. De Brescia conseguiu uma carona numa motocicleta por um pequeno espaço, depois continuou a pé, correndo no escuro até que um trabalhador lhe deu carona na

(*) Posteriormente veio a tornar-se desenhista de modas femininas. Foi piloto durante a guerra e condecorado duas vezes.

barra de sua bicicleta. Edda chegou ao marco que indicava o quilômetro dez aí pelas dez horas. Não havia ninguém lá. Só e exausta, esperou hora após hora até as cinco da manhã seguinte. Nessa altura tinha perdido o que lhe restava de forças. Minha irmã compreendeu que fora ludibriada mais uma vez. Pediu carona a um caminhão que se destinava a Verona, onde ela esperou algumas horas na estação da via férrea, exausta pelo frio e a falta de sono. Então entregou-se no posto da Gestapo, onde lhe disseram apenas que "os superiores tinham decidido não libertar o Conde Ciano".

Um amigo alemão disse-me pouco depois que Hitler no mesmo dia tinha estado a ponto de ceder às pressões dum certo número de líderes nazistas que eram amigos de Ciano, mas que von Ribbentrop, inimigo declarado de meu cunhado, conseguiu afastar a influência deles.

Edda voltou para a clínica de Ramaiola onde ela tinha estado, e lá recebeu uma carta que Galeazzo conseguira contrabandear para ela.

"Minha Edda", dizia a carta, "enquanto você ainda vive sob a abençoada ilusão de que dentro de algumas horas eu estarei livre e nós estaremos todos juntos outra vez, para mim começou a agonia. Deus abençoe os nossos filhos. Eu lhe peço que os eduque no respeito ao código de honra que eu aprendi com meu pai e teria podido transmitir a eles se me tivessem deixado viver."

Era o fim. Como um último ato desesperado de desafio, Edda decidiu fugir com os documentos para a Suíça, tendo confiado ao Marquês Pucci sua última ameaça — a carta a meu pai que chegou através do General Wolff. Depois fez um cinturão no qual prendeu cinco dos sete volumes que constituíam

o diário, tendo-lhe primeiro arrancado as capas. Amarrou o cinturão em volta da cintura sob um vestido grosso e folgado e entregou os outros dois volumes a um amigo na clínica. O marquês fingiu que partia para Parma; após alguns quilômetros voltou cautelosamente para Ramaiola por uma estrada de pouco movimento. Nesse meio tempo Edda pregara na porta do seu quarto um pedaço de papel no qual tinha escrito: "Estou muito cansada e preciso descansar. Por favor, não me perturbem por motivo nenhum." Os detetives da Gestapo comiam despreocupadamente na cozinha da clínica, tendo visto Edda entrar. Minha irmã desceu sorrateiramente para as adegas, abriu uma portinhola que era usada para descarregar carvão para as caldeiras de aquecimento e saiu rapidamente para os campos. Alguns minutos depois tinha tomado o carro do Marquês Pucci e corria a toda a velocidade para Milão — e daí para a Suíça.

Enquanto Edda vivia esta última parte angustiosa de sua aventura, em Gargnano esperavam-se a qualquer momento notícias da execução dos mortos condenados. Passou-se todo o dia 10 de janeiro sem notícias. Ao amanhecer do dia seguinte correu subitamente um rumor de que o Duce tinha adiado a execução e convocado uma reunião de seu Conselho de Ministros — provavelmente pensava-se em ordenar novo julgamento e salvar as aparências. Também correu o rumor de que Hitler tinha feito um pedido especial a meu pai para salvar os homens condenados. Mas estas coisas eram mentiras — inspiradas por um sentimento de misericórdia ou crueldade, não sei. Tarde dessa manhã um oficial SS e um dos Camisas Negras vieram para Gargnano de carro e confirmaram a notícia, já recebida por telefone, de

que o pelotão de trinta milicianos da Guarda Republicana tinha executado a sentença.

Galeazzo estava morto.

Embora eu tivesse levado algum tempo para abandonar toda a esperança, e embora soubesse que a sorte de Galeazzo e a dos outros condenados dependia de algo mais forte do que qualquer de nós, a notícia atingiu-me como um raio. Fui instintivamente para a Villa Feltrinelli como para procurar refúgio. Encontrei minha mãe passando roupa na cozinha. Tinha os olhos vermelhos e a boca contraída num esgar de dor.

— A senhora ouviu — murmurei. — Agora realmente terminou tudo. Pobre Edda.

— Pobre Edda — repetiu minha mãe lentamente enquanto passava maquinalmente uma das camisas de Romano com aquele cuidado meticuloso que lhe era característico. Então sacudiu-se. E olhou para mim como costumava fazer quando eu era menino e tinha feito alguma travessura.

— Mas, e você, que está fazendo aqui? — perguntou-me rispidamente. — Por que não foi ver seu pai?

Saí apressadamente. O gabinete de meu pai, na Villa delle Orsoline, ficava apenas a alguns passos do lugar onde nós morávamos. Era perto do meio-dia.

Todo mundo em volta de mim parecia terrivelmente desolado. Na Villa delle Orsoline vi um grupo de oficiais da Guarda Republicana falando baixo. Reconheceram-me e silenciaram, dando rigidamente a saudação romana. Eu sabia por seus olhos e seu silêncio o que estavam pensando. Uma luta crucial, e muito penosa, tinha terminado duas horas antes... com os caixões dos Cinco de Verona. Agora estava aberta a porta para a nossa última aventura. O fas-

cismo voltava às suas origens social-republicanas das quais tinha surgido durante os tempos duros das ferozes primeiras lutas... embora as esperanças de vitória fossem vagas.

Entrei na vila. Os ministros, os subsecretários e os oficiais mostravam todos uma expressão de alívio no rosto como se finalmente tivessem visto a justiça feita, e ao mesmo tempo a expressão era ensombreada por um estranho arrependimento. Meu pai, disseram-me, não tinha querido ver ninguém. Bati e entrei sem esperar.

Não era uma sala muito grande, mas tinha uma grande janela aberta para o lago. Meu pai estava sentado junto da janela numa poltrona baixa. Olhei-o ansiosamente, examinando-lhe o rosto em busca de algum sinal de recuperação. Ele estava esmagado. A tensão daqueles últimos dias, levada ao limite da ruptura pelas horas trágicas daquela interminável noite sem sono, a esperança absurda de uma solução e a realidade esmagadora da sentença já executada — tudo isso o tinha prostrado. Tinha a barba por fazer. Envergava ainda o uniforme ordinário da milícia que usava na noite anterior, sem insígnias e sem medalhas, e o colarinho da sua camisa negra parecia extremamente folgado. Aproximei-me e beijei-o como sempre fazia, tentando não deixar transparecer a emoção que me dilacerava o coração — de forma que de mim pelo menos ele tivesse o sentimento de um pesar partilhado e suportado com coragem.

— E quais são as ordens para mim esta manhã, papai? — consegui dizer sem olhar para ele. Ele manteve-se em silêncio por um momento, com os olhos fitos no lago.

— Ouvi dizer — respondeu ele lentamente — que Edda escapou de Ramaiola. Provavelmente tentará chegar à Suíça, para onde já foram mandados os filhos dela. Os alemães estão furiosos. Mandaram pelo menos uma centena de detetives da Gestapo e da SS encontrá-la. Precisamos encontrá-la antes deles. Se a pegarem depois do que fez... não sei como acabará. Ela já sofreu demais, Vittorio, demais.

Eu estava embrutecido por uma angústia indescritível. Ouvi novamente a voz áspera de minha mãe dizendo: "Mas que é que você está fazendo aqui? Por que não foi ver seu pai?" Pensei em Edda, fugindo e perseguida pelos alemães, e aqui estava meu pai, que, em toda esta tragédia, era a vítima mais genuína e mais atormentada, e eu simplesmente não sabia o que fazer. Portanto não sei quanto tempo fiquei parado sem pronunciar uma palavra. Depois meu pai sacudiu-se e mostrou um lampejo da sua vitalidade.

— Como está a atmosfera geral? Que estão dizendo?

— É sombria, pai. Agora que Galeazzo e os outros estão mortos, quase todo mundo se sente infeliz e alguns já estão falando de terem sido demasiado severos e dizendo que podia ter sido evitado o derramamento de sangue; mas, se o senhor tivesse parado, eles agora o estariam atacando ferozmente e acusando-o de minar a dignidade da República para salvar o marido de sua filha, ou de se submeter à chantagem dos diários de Galeazzo.

— Eu sei — concordou meu pai. — Agora estão arrependidos. Primeiro são como leões com juba, dentes e garras. Rugem como se pudessem despedaçar homens e feras. Depois são como erva.

Abanou a cabeça amargamente. Durante os últimos momentos ele tinha aberto os olhos progressivamente para uma porção de coisas, e para uma porção de homens em quem ele confiara cegamente e que cegamente havia julgado superiores.

Eu o trouxe de volta ao assunto de Edda. Eu sentia que se pudesse sacudir a inércia e se fizesse alguma coisa, fosse o que fosse, encontraria algum remédio para a nossa dor.

— Se eu partir imediatamente poderei alcançá-la em Como. Se realmente tenciona ir para a Suíça certamente irá por Como e fará uma parada na vila dos P. Eles são os únicos amigos em que pode confiar naquela região. Se eu a encontrar e ela me der os diários, poderá partir calmamente para a Suíça — ninguém tentaria detê-la. O senhor não acha?

Meu pai concordou com um aceno de cabeça.

— Veja o que pode fazer. Se o conseguir, poderia ser uma boa coisa para todos nós. Diga a Edda...

Interrompeu-se como se hesitasse em expressar os seus pensamentos. Compreendi o que ele queria dizer e curvei-me sobre ele e beijei-o novamente.

— E direi a Edda que todos a amamos, papai. Não se preocupe.

Meu pai lançou-me um olhar demorado.

— Mantenha os olhos bem abertos e não vá só. Leve um bom homem com você e não deixem de ir armados. Não me surpreenderia se algum alemão ou algum fanático italiano seguisse você. Nunca se sabe.

Acariciou-me o rosto como era seu costume e voltou-se para olhar de novo para o lago. Meu pai sempre tivera desde a infância uma espécie de medo supersticioso dos lagos.

– Não são nem rio nem mar — costumava dizer. — Fazem-me sentir que não merecem confiança. Não sei por quê.

Ele estava sentado olhando o lago, que estava cinzento e desolado sob um céu cor de chumbo. Além dele avultava o monte Baldo, coberto de neve. Verona ficava atrás daquele monte e talvez, como exigia a tradição, alguém estivesse queimando as cadeiras em que os condenados tinham sido amarrados. Eu não pude agüentar mais. Dei ordem ao meu ajudante para encher o tanque de gasolina. Meia hora depois eu estava a caminho da Villa delle Orsoline, dirigindo a mesma Aprilia preta em que, dois meses antes, tinha trazido de volta os filhos de Edda de Hirschberg. Eu passava a toda a velocidade pelas ruas das aldeias, que estavam cheias de pessoas em pé em grupos, falando com expressões sombrias nos rostos. Poder guiar velozmente, ter de concentrar-me em alguma coisa, embora fosse apenas o volante e a alavanca de mudança dum automóvel, era em si um grande alívio e tirou-me do torpor daquele dia negro. Eu nem tinha consciência de que estava seguindo minha irmã: estava apenas concentrado em seguir, custasse o que custasse, a estrada que ela havia tomado. Alcançá-la era o objetivo da minha missão, mas no momento não parecia importar-me.

Em algumas horas cheguei a Milão. Então tomei a auto-estrada para Como. Tinha consciência de que Edda tinha passado por aquela estrada havia pouco tempo e imaginei-me encontrando-a na vila dos P. que fica a alguns quilômetros de Chiasso. Antes de tudo eu gostaria de abraçá-la e dizer-lhe que eu estava junto dela naquele terrível momento. Depois tudo ficaria bem novamente. Não havia mais razão para Edda fazer publicar os diários. O tempo

abrandaria a sua raiva e ela compreenderia que a publicação teria apenas uma conseqüência — seria ainda pior a posição do nosso pai e do nosso governo, a favor dos alemães e dos antifascistas. Eu tinha a certeza de que receberia de volta os diários. Uma vez na minha mão, eu deixaria Edda na fronteira e a ajudaria de todos os modos possíveis a chegar em segurança.

Já estava escuro quando cheguei a Como e dirigi-me para a vila dos P. Bati insistentemente na porta e ninguém atendeu. Finalmente abriu-se uma janela acima de mim. Eu disse que era Vittorio e pedi que me deixassem entrar.

Eles abriram imediatamente a porta. Pareceram mesmo satisfeitos de me verem — éramos muito bons amigos e eu não os via há muito tempo — mas ao mesmo tempo pareciam preocupados com alguma coisa e com medo de me dizerem o que era. Convenci-me de que Edda tinha parado ali, mas já havia partido. Falamos sobre isto e aquilo e duma maneira mais ou menos normal. Eles também tinham ouvido dizer que Galeazzo estava morto e estavam profunda e sinceramente tristes por isso. Com um pretexto qualquer perguntei ao filho de meus amigos, um moço alguns anos mais velho do que eu, se podíamos sair até o jardim por um momento. Eu queria falar-lhe francamente sobre o que me apertava o coração.

— Onde está Edda? — perguntei imediatamente.

Ele tentou tergiversar. Disse que não a via há muito tempo, mas ao mesmo tempo olhava-me confuso como se eu fosse fazer-lhe algum mal. Pus-lhe a mão no ombro e expliquei-lhe a situação em poucas palavras. Não era da parte dos fascistas que Edda

podia correr perigo. Se algum perigo ela corria era da parte dos alemães — se a apanhassem com os diários em seu poder.

Meu amigo consultou o relógio. Pareceu fazer um pequeno cálculo. Depois olhou-me com uma expressão de alívio.

— Não é bom eu mentir a você, Vittorio. Edda esteve aqui, mas partiu poucos minutos antes de você chegar. A esta hora já deve estar na Suíça. Eles não vão poder agarrá-la.

A minha missão fora um fracasso e, desse modo, provavelmente significaria uma safra de desastres para todos nós. De repente senti-me esmagado pela fadiga daquele dia terrível e por um sentimento de maus prenúncios. E contudo havia também uma vaga e absurda felicidade. Daquele jardim eu olhei para Chiesso, rutilante de luzes como uma miragem maravilhosa. Além não havia escuridão. Além as pessoas não corriam para abrigos e os homens não saíam de suas casas com o medo de receberem um tiro nas costas. Além havia paz, e agora Edda e seus filhos podiam finalmente viver.

Mas que faria minha irmã agora que realmente não tinha nada mais a perder?

Olhei fascinado para toda aquela luz e não soube o que responder. Meu amigo tomou-me pela mão.

— Foi melhor assim, Vittorio — observou ele afetuosamente. — Vamos voltar. Meus pais devem estar preocupados.

IV

Como muitas pessoas tinham previsto, a execução dos Cinco de Verona foi aceita no torvelinho dos acontecimentos como um penoso e inevitável fim de uma época, tornando possível o reinício de todas as atividades políticas, militares e sociais da República. O fascismo tinha demonstrado à Itália — e sobretudo à Alemanha — que era capaz de tomar medidas firmes custasse o que custasse; e este exemplo, vindo como veio diretamente do alto, agiu como uma força unificadora. O Gabinete reconstituído imediatamente começou a funcionar, e a interferência dos alemães, embora ainda um problema difícil e contínuo, começou não obstante a ser anulada. Durante meses a frente tinha-se mantido estacionária em Cassino, e isto trouxe uma certa ressurreição; parecia provável que o alto comando Aliado achava que seria difícil avançar diretamente através da Itália, onde a resistência das tropas alemãs e das primeiras divisões da República Social Italiana seria forte e feroz, e preferiria deslocar-se para a frente real dos Bálcãs ou (como aconteceu realmente) para a França.

O problema, dizia-se, era apenas uma questão de tempo, e cada dia que os técnicos alemães podiam conquistar significava maior esperança de ganharem

a corrida das armas secretas ou de encontrarem uma solução política para o conflito.

A nossa família, instalada na Villa Feltrinelli, tinha voltado mais ou menos ao normal. Tínhamos recebido notícias de Edda da Suíça. Encontrava-se numa clínica onde se restabelecia de um colapso nervoso causado pela trágica perda e os longos meses que a precederam. Nós pensávamos nela com freqüência; misturado com a dor que sentíamos, e apesar de tudo o que havia acontecido a ela, havia o pensamento consolador de que a guerra não podia mais tocá-la e aos filhos. Meu pai também tinha readquirido a saúde, graças a novo tratamento do doutor Zachariae, que o Fuehrer lhe tinha enviado. Minha mãe continuava cuidando da casa como sempre. Romano tinha começado a estudar novamente para se preparar para a inscrição, e Anna Maria tinha ido passar algumas semanas numa clínica alemã, a uns cem quilômetros de Berlim, onde estava sendo tratada das conseqüências de um ataque de paralisia infantil que ela havia sofrido alguns anos antes. Era uma clínica militar especializada na reabilitação de soldados mutilados e defeituosos. Lembro-me de que foram realizados verdadeiros milagres nessa clínica. Eu tinha estado lá uma vez para visitar minha irmã e tinha voltado muito esperançoso; e creio mesmo que o tratamento a que se submeteu ali — um curso completo felizmente — representou um certo papel na volta de Anna Maria à seminormalidade.

Na Villa Feltrinelli vivia também Gina, a viúva de Bruno, e sua filhinha Marina. Eu tinha instalado minha mulher e filhos numa vila perto de Gardone, e quando me encontrava na Itália podia vê-los todos os dias.

Minha mãe devia ter-se acalmado intimamente depois das tempestades recentes. O pior que devia ter tido devia ser a preocupação de arranjar comida suficiente para todo nós, pois eram tempos difíceis e meu pai era obstinado na questão das rações da alimentação. Desde o começo da guerra seus escrúpulos sobre este assunto tinham sido quase absurdos.

— Devemos ser os primeiros a suportar estes sacrifícios — costumava meu pai dizer quando minha mãe lhe mostrava o pouco que fora possível comprar com os seus cupons.

— Você é sempre o mesmo — reclamava ela. — Você é a única pessoa da Itália que vive de suas rações. Você devia ver o que comem os seus ministros e os seus generais e funcionários do partido.

Meu pai recusava-se a acreditar nisso. E então minha mãe, agressiva e extremamente bem informada, descrevia-lhe tintim por tintim quantos quilos de farinha ia cada semana para a casa de fulano e sicrano e quantos potes de óleo ela tinha visto carregar para outra casa.

— Quanto a nós — concluía ela — somos sempre os piores idiotas.

Meu pai não sabia o que dizer a esta crítica desabusada que, para honra de seus colegas, nem sempre era correta. Olhava minha mãe severamente, talvez com a esperança de incutir-lhe um maior respeito: mas minha mãe era naquele momento principalmente uma caseira romanhola e não teria medo nem do próprio diabo. Meu pai, havendo reafirmado seus princípios sobre o assunto, não podia deixar de lançar um olhar suspeito aos armários e à despensa para se convencer de que pelo menos em sua casa não tinha sido enganado. Lembro-me de uma noite vê-lo nas pontas dos pés passando a mão cautelosa-

mente pelas prateleiras superiores na despensa, como se a presença de algumas onças de manteiga ou um pedaço de toucinho gordo comprados no mercado negro representassem um prejuízo eficaz para a sorte da guerra.

Devo dizer que todos nós partilhamos os escrúpulos dele, mas dentro de certos limites razoáveis. Minha mãe, Romano, Gina e eu aproveitávamos a oportunidade das reuniões do Gabinete, quando meu pai estava completamente ocupado, para nos reunirmos e organizarmos os nossos planos para conseguir provisões. Eu geralmente tratava da manteiga e Romano procurava a farinha, a carne e os chouriços. Naqueles tempos era difícil encontrar o mercado negro, tanto mais que em nosso redor tínhamos somente campo. Mas o nosso problema — e algumas vezes de aborrecer — era o dinheiro.

Sei que para a maioria das pessoas isto pode parecer incrível. A figura dum ditador está geralmente relacionada com riqueza ilimitada: ele pode mandar vir dinheiro pelo menos tão facilmente como pode dar uma ordem e vê-la cumprida. Na prática as coisas são muito diferentes.

Na casa de meu pai nunca houve dinheiro em abundância. Meu pai tinha direito a um salário considerável como ministro e deputado, mas renunciou a ele apenas subiu ao poder, e daí em diante não quis saber mais do assunto. Ele nunca teve bolsa nem carteira. Lembro-me de que quando em criança merecíamos um presente (e naturalmente nós sempre o preferíamos em dinheiro), ele recorria sempre a minha mãe e nós recebíamos o dinheiro dela. Minha mãe costumava administrar metodicamente as rendas do *Popolo d'Italia* (o jornal fundado em 1914 em Milão por Mussolini, mas que ele fechara depois da

rendição de Badoglio para os Aliados em 8 de setembro de 1943), mas, como se dá sempre com o trabalho jornalístico, o *Popolo* não dava uma renda regular. De modo que havia meses em que minha mãe se encontrava com falta de dinheiro, embora soubesse que existia e que nos era devido. Isto acontecia especialmente no outono quando os jornais sofriam diminuição da renda dos anúncios no verão como de costume e as campanhas de inverno ainda estavam longe. Em tais ocasiões minha mãe costumava falar à refeição sobre as agências de notícias norte-americanas e que belas percentagens pagavam aos felizardos que trabalhavam para elas.

Meu pai sabia a que ela queria chegar, mas costumava divertir-se fingindo não compreender. Respondia em termos gerais descrevendo as diferenças entre a imprensa norte-americana e a italiana. Tendo uma memória notável, citava as circulações dos maiores jornais americanos, o dinheiro gasto pelas empresas jornalísticas americanas, suas rendas de publicidade, os subsídios que os grandes trustes achavam vantajoso distribuir... e detinha-se muitas vezes no problema da liberdade de imprensa em países com um regime autoritário. Minha mãe logo perdia a paciência.

— Benito — intervinha ela — é tempo de você escrever alguma coisa.

Todos nós costumávamos rir quando minha mãe dizia isso, especialmente meu pai. E freqüentemente daí a umas duas horas depois de deixar Villa Torlonia ele telefonava a minha mãe para dizer-lhe que o artigo já tinha sido mandado e que ela não se preocupasse. Os americanos pagavam bem por aqueles artigos e, o que era mais, pagavam imediatamente.

E essa foi a única coisa a respeito dos Estados Unidos que minha mãe sempre apreciou.

Depois, com a fundação da República Social e o fechamento do *Popolo d'Italia,* e o fato de durante anos meu pai não ter podido contribuir para as agências americanas, o dinheiro tornou-se novamente um problema. Quando meu pai passou de chefe do governo para chefe de estado, novamente relutou em aceitar o salário oferecido. Mas desta vez não teve escolha, e minha mãe, que tinha a direção da casa, achou um aliado natural nos ministros da República, que, como seres humanos e normais, tinham de pagar a si mesmos um salário e por conseguinte insistiram com meu pai para que fizesse o mesmo. Foi assim que meu pai aceitou o estipêndio do Estado — deveras modesto — do qual, entretanto, desistiu no outono de 1944. Com tantos como éramos e o custo de vida naqueles dias, lembro-me de que era escassamente o suficiente. Não havia muito para enfrentar o mercado negro, que se tornava cada dia mais alto. Mas isto, ai de mim, não era a preocupação de minha mãe, pois havia chegado talvez o momento mais dramático de sua vida, sem dúvida o mais penoso.

Quando meu pai voltou para a Itália, Clara Petacci voltou para o lado dele. Esta mulher amava tanto meu pai que estar separada dele teria sido insuportável para ela, especialmente quando ele podia dar-lhe tão pouco tempo, roubado do tempo gasto nos cuidados do Estado e de sua família. Por isso Clara Petacci tinha-se mudado para uma vila em Gardone, não longe de nós.

Num certo sentido a situação era a mesma que antes, senão pior. Politicamente a presença de Clara Petacci, no lago Garda, perto de meu pai, era sem dúvida uma desvantagem. Os alemães — e isto era

muito interessante — pareciam encorajar a presença dela, e o mesmo se dava com certos ministros como Buffarini. Evidentemente eles pensavam que Clara Petacci podia ter sobre meu pai uma influência que de fato ela própria não procurava ter e de fato não tinha.

Mas os fascistas republicanos realmente fanáticos estavam convencidos de que ela possuía essa influência — a máquina da propaganda do governo Badoglio tinha explorado escândalo — para eles Clara Petacci era uma desgraça e uma fonte de perigo. Eles engoliram a história de que seu chefe era manobrado com o dedinho mínimo de uma mulher que nem ao menos era a esposa dele, nem se procurou saber se era verdade. Eu mesmo, de certo modo, tinha pegado a mesma doença. Vi essa mulher como um elemento em nossas vidas que podia ser ignorado em tempos normais, mas que podia ser muito perigoso nas circunstâncias atuais. Por isso uma manhã decidi arriscar tudo, e fui procurar meu pai na Villa delle Orsoline para pôr tudo em pratos limpos.

Foi uma das poucas vezes em que eu e meu pai tivemos uma conversa de homem para homem, como iguais, sem ressonâncias familiares ou políticas. Tentei ser tão calmo e lógico quanto possível, mas a cada palavra eu me sentia mais embaraçado. Eu lhe contei tudo o que estavam dizendo a respeito dele e dela, e supliquei-lhe, para o bem de todos, que sacrificasse o amor dessa mulher e a obrigasse a deixar Gardone o mais depressa possível.

Meu pai escutou com muita seriedade e não mostrou qualquer sinal de estar aborrecido com esta interferência em sua vida particular, e tive a impressão de que nem tudo o que eu disse era novo para ele.

O primeiro comentário dele foi bastante ríspido.

— Com todas as dificuldades que temos de vencer e todas as dificuldades que estamos atravessando agora — disse ele como falando consigo mesmo — ainda há gente se preocupando com falatórios.

Pelo que disse concluí que ele não dava uma suprema importância ao seu caso com Clara Petacci, e aproveitei a oportunidade para dizer que, se esse era o caso, não seria um sacrifício demasiado grande mandá-la embora.

Meu pai não respondeu imediatamente. Tive a sensação, como acontece freqüentemente quando um homem maduro em anos e experiência fala com um jovem, de que ele não me considerava ainda capaz de ajuizar equilibradamente algumas situações — como era de fato o caso. Isto tinha importância porque ele se deteve no assunto para me tranqüilizar sobre — digamos — os aspectos familiares da situação, reafirmando que nada tinha mudado e nada mudaria em relação à minha mãe e ao resto de nós.

Falou-me sobre Clara de uma maneira muito humana e muito calmamente, e sobretudo com o respeito que qualquer homem que se preza deve a uma mulher, quem quer que ela seja, que realmente o ame. Fiquei sem qualquer dúvida de que ele tinha uma profunda afeição por Clara Petacci, talvez porque ela foi a primeira, entre as muitas que ele tinha tido, que o amou sem pensar em vantagens; mas senti, não obstante, que ela não constituía qualquer perigo para a nossa família e muito menos era um perigo político. Enquanto meu pai falava, eu comecei a sentir-me cada vez menor, até que deixei de ser o acusador e me tornei o acusado, tanto mais quanto ele me agradeceu pelo que eu tinha dito e depois acrescentou que,

por sua parte, não tinha nada contra mandar Clara embora de Gardone.

Deixei-o com um insignificante sentimento de satisfação na minha amarga vitória. Dois dias depois um polícia da Guarda Republicana entregou-me uma carta. Era de Clara. Compreendi imediatamente que meu pai lhe tinha contado tudo. Em sete páginas de letra miúda e sensível, ela me censurava por ser curto de mente no julgamento de uma situação humana. Isto era porque, escrevia, eu tinha imaginado que o amor dela por meu pai podia ser uma fonte de dificuldades e disputas mesquinhas.

"Eu não peço nada a seu pai e saiba que eu lhe daria tudo, inclusive minha vida", escreveu. E não tardou muito, ai de mim, para que eu compreendesse que isso não era apenas palavras. Num tom mais calmo, com uma força que só podia vir da sinceridade, Clara me disse que meu pai vivia numa atmosfera de deslealdade e de traição e era por isso que ele necessitava de descanso e confiança acima de tudo.

"Essas poucas horas que conseguimos furtar à dura realidade de homens e acontecimentos", escreveu ela, "eu as passo consolando-o das penosas coisas amargas. E até você me quer mandar embora. Se isso se revelar necessário, eu terei de obedecer. Mas não imagine que seria uma vantagem para seu pai, porque, se eu partisse, ele ficaria ainda mais só, sem um único amigo — sozinho".

Naquele tempo as palavras dela feriram-me: ela me acusava — e isso era gratuito — de falta de sentimento para com meu pai. E, contudo, com o passar do tempo e quando pensei a respeito e aprendi a julgar todo o caso duma maneira mais humana, fui obrigado a admitir que ela não estava inteiramente errada e que um homem, em certos momentos ex-

cepcionais de sua vida, nem sempre pode encontrar em sua família, entre os do próprio sangue, o conforto que pode receber duma pessoa completamente estranha, alguém que vem de fora pelos milhares de caminhos misteriosos da vida.

Mas a situação se precipitou. Minha mãe tinha resolvido, sem que nós soubéssemos, enfrentar sua rival e ordenar-lhe que partisse. Minha mãe nunca foi pessoa de meias medidas. Muitas mulheres, entre elas minha irmã Edda, são capazes de lutar desesperadamente por seus maridos; e naturalmente esta é uma qualidade muito nobre numa mulher, porque seu marido, o pai de seus filhos, é a sua propriedade mais sagrada. Entretanto, uma coisa é lutar pelo marido e outra é lutar apenas por seu homem, independentemente do fato de o homem ser por acaso também seu marido. Isso poderá parecer uma distinção sutil, mas não é: indica todo um modo de sentir, pensar e viver, e é por isso que as mulheres na Romagna dizem simplesmente, *"è mi om"* ("é o meu homem") — o que quer dizer "meu marido". E neste caso minha mãe não estava de modo algum explorando sua posição vantajosa de esposa e mãe às expensas de sua rival. Mulher que era e mulher que queria permanecer — uma mulher enamorada mas ciumenta — estava decidida a lutar até o fim. Ela podia esconder seu ciúme atrás de advertências de sinistros perigos políticos — pois no seu sangue também corriam preocupações políticas — mas enfrentaria a situação sobretudo com realismo e coragem. Ela sabia que no fim sempre tinha ganho, mesmo contra mulheres que haviam podido oferecer a meu pai beleza, sensibilidade, cultura... tudo vastamente superior à sua devoção apaixonada mas primitiva.

Nesta ocasião minha mãe lutou da mesma maneira que sempre havia lutado, confiante em que acabaria vitoriosa. O encontro na vila de Clara Petacci foi dramático, quase desesperado. Ao fim nenhuma das duas tinha arredado pé, o que era de esperar, embora aparentemente minha mãe tivesse obtido algum sucesso, pois Clara, tresloucada, decidiu partir.

Ia ser apenas um sucesso temporário e comprado por alto preço. Pela primeira vez minha mãe encontrou pela frente alguém que era capaz de lutar com as armas que ela mesma usava — as de um amor total. Era inevitável uma crise. Pela primeira vez na minha vida — fora os dias seguintes aos nascimentos de Romano e Anna Maria — eu vi minha mãe presa ao leito, atacada por um terrível choque nervoso. Os médicos estavam preocupados, temendo um colapso. Para meu pai, que imediatamente teve notícia por Clara pelo telefone do violento encontro, o choque foi quase tão grande quanto o de minha mãe. Ficou telefonando o dia inteiro com medo de que ela quisesse falar-lhe. Depois, à noitinha, ele mandou-lhe um bilhete perguntando-lhe se podia ir. Minha mãe, lembro-me, animando-se e, com uma tática inocentemente feminina, encarregou-me de dizer a meu pai que ela o receberia, mas um pouco mais tarde. Nesse meio tempo ela arrumou o quarto e ajeitou-se um pouco. Estava superexcitada e exausta — uma ruína irreconhecível.

Meu pai chegou logo, transtornado e angustiado. Eu trouxe uma cadeira para junto da cama de minha mãe e deixei-os sós na esperança de que encontrassem uma hora de paz. Ficaram juntos a noite inteira. Do quarto ao lado, do qual não pude arrancar-me, eu só conseguia decifrar algumas pala-

vras; era meu pai que falava quase o tempo todo, numa voz grave e ardente.

Concluí que, pouco a pouco, se encontraram a si mesmos em suas reminiscências — dos tempos duros mas felizes de seu amor, da tarde distante de novembro de 1909 quando meu pai foi à casa dela para levá-la embora consigo. Que era então meu pai? Um revolucionário, quase sem um vintém no bolso, que as pessoas ouviam como se fosse um profeta e a polícia observava como um perigoso subversivo. Um homem arrojado e inquieto: quando minha mãe tomou a liberdade de vacilar sobre a exigência peremptória de segui-lo, ele lhe apontou um revólver e anunciou que a mataria e a toda a família dela e depois a si próprio.

Assim foi que ela o seguiu, e durante anos ela fora a sua valente e leal companheira, mantendo-se no segundo plano quando as coisas corriam bem e voltando para o seu lado apenas quando havia mais luta e sofrimento para enfrentar. O próprio casamento, que para quase todas as mulheres do mundo é uma garantia essencial de segurança e, como tal, é o único laço que justifica a dedicação completa, para minha mãe era uma mera formalidade que acabou aceitando um dia só porque então a posição de meu pai o tornou necessário: mas até então não quisera saber disso.

— Uma mulher não segura um homem com um certificado timbrado — costumava ela dizer... e estou inclinado a admitir que de certo modo ela tinha razão.

Mas agora, à porta de sua casa, estava um perigo que não podia ser afastado nem com certificados nem com a sua dedicação. O problema era saber se

seu homem realmente a tinha deixado de amar por causa de outra mulher.

Nessa noite minha mãe sentiu com sua profunda intuição que tinha perdido meu pai. Era sem dúvida uma situação terrivelmente difícil, mas talvez passasse como todas as outras. Ela conquistava a fé emanada da grande ternura e da maneira como ele estava ao lado do seu leito, tão humilde e com uma afeição tão genuína.

Minha mãe sempre foi uma mulher prática, avançando sempre um passo cada vez. Nessa noite ela soube com certeza que, para começar, a outra mulher iria embora e meu pai não estava perdido. Isto era suficiente para permitir a ela continuar lutando até onde suas forças lhe permitissem.

Dois dias depois minha mãe estava de pé novamente, trabalhando na casa exatamente como antes — na verdade, mais. Eu preparava-me para partir novamente para a Alemanha; tinha feito as malas e estava esperando um automóvel. Passeava pelo jardim da Villa Feltrinelli com a minha mente vagando por pensamentos soltos e quase em paz comigo mesmo, quando subitamente vi minha mãe passar por cima dum muro baixo e descer um barranco. Eu sabia que havia alfaces bravas lá — algo de que meu pai gostava muito — e sorri. Caminhei silencioso na mesma direção, subi o muro e fiquei atrás dela.

— Ah-ah! — fiz eu — que está fazendo aqui?

Ela compreendeu imediatamente que eu queria arreliá-la e olhou-me com cara feia.

— Estou colhendo um pouco de alfaces bravas. Você não sabe que seu pai gosta delas?

— E a senhora caiu no logro novamente — repliquei. — Fica berrando e urrando durante trinta anos. E então ele vem, faz-lhe uns poucos elogios e

a senhora engole tudo e vai colher umas alfaces bravas para ele.

Minha mãe pôs a mão no avental em que tinha as alfaces bravas como para segurá-las com mais força.

— Vocês Mussolinis — replicou — são todos iguais.

Depois começou a rir e parou para continuar procurando lentamente na relva.

V

Desde que chegaram as notícias de que Edda tinha atravessado a fronteira para a Suíça, livre de qualquer espécie de represália, ficamos esperando diariamente algum acontecimento dramático. Galeazzo tinha pago a pena exigida pela lei, e os diários que minha irmã havia esperado até o último momento para trocar pela vida de seu marido não podiam trazê-lo de volta dos mortos. Entretanto, nós tínhamos quase certeza de que Edda não perderia tempo em fazer publicar os diários só para cumprir a sua ameaça. Além disso, ela havia prometido que o faria antes de deixar a Itália, e nós sabíamos que tinha passado muito pouco tempo para que os efeitos dos agoniantes eventos recentes começassem a se fazer sentir. As pessoas cuja tarefa era sintonizar para as estações de rádio suíças e americanas tinham ordem de estarem atentas para qualquer coisa relativa à minha irmã. De tempos a tempos comunicavam terem ouvido breves notícias dela: Edda estava recuperando lentamente a saúde e nunca saía da clínica, onde estava com os filhos. Mas isso não era tudo. Os diários de Ciano podiam ter estado já em todas as livrarias do mundo ocidental se Edda desejasse; entretanto, era como se nunca tivessem existido.

Isto tudo foi há anos, e eu tenho a certeza de que Edda agiu como agiu por causa de meu pai — embora naquele momento trágico ela o tivesse julgado um inimigo dela, dizendo-lhe isso e magoando-o profundamente. Pode ser que ela tivesse mesmo chegado a odiá-lo. Para Edda não há fases intermediárias entre amor e ódio, mas ela é também uma mulher de grande bom senso e lealdade. De qualquer modo, os diários foram para Nova York em 1945, quando meu pai já estava morto e a guerra perdida.

Era ilógico e generoso — e típico de Edda. Mas encheríamos um volume maciço para explicar por que ela agia dessa maneira e, com efeito, para explicar muitas outras coisas desconcertantes que ela havia feito. Poucas pessoas do nosso tempo tiveram uma vida mais agitada e dramática. Poucas mulheres foram mais faladas, tanto no seu auge como ainda mesmo hoje — comentadas (como acontece freqüentemente nestes casos) com um mínimo conhecimento dos fatos, um máximo de pura fantasia, e, acrescentaria, eu, muito mau gosto. Mas isto pode resultar do fato de que, quando alguém é difícil de compreender, a tentação de inventar histórias a respeito da pessoa é muito grande. E se, por cima disso, se tira proveito das contingências políticas em virtude das quais só o lado vitorioso tem direito a escrever história, o resultado é calúnia e insultos gratuitos. Para mim não há nada de misterioso em Edda — e posso afirmar conhecê-la bem, porque estamos unidos por uma afeição profunda.

Quando eu nasci, em 28 de setembro de 1916, minha irmã estava no primeiro ano primário. Ela nasceu em 1.º de setembro de 1910 e, desde o princípio, foi colocada numa posição estranha, embora inadvertidamente. A maledicência pode lançar dúvi-

das sobre a paternidade duma criança. Mas, como diz a canção, só pode haver uma mãe. Durante anos e anos, apesar de todas as provas da nossa vida familiar e especialmente de minha mãe (que, eu diria, era a pessoa mais diretamente interessada), a história de Edda como filha dum pai famoso e de uma mulher desconhecida continuou circulando nos salões e jornais do mundo. Mesmo até fevereiro de 1945, quando as nações de ambos os lados estavam fazendo o seu supremo esforço militar, um jornal suíço publicou a grande revelação de que Edda não era filha de minha mãe. E eu me lembro de que meu pai, embora mais de trinta anos se tivessem passado desde as primeiras insinuações, ficou cheio de nova amargura; minha mãe, por outro lado, nem se dignou lançar um olhar ao jornal. Por passar por alto este assunto, que é tão absurdo que não poderá realmente prejudicar-nos, apresentando apenas um testemunho: o comportamento de minha mãe. É suficiente encontrar minha mãe uma vez para compreender que a filha de outra mulher jamais entraria na casa *dela*. Minha mãe não é uma personagem tirada dum romance do século dezenove, uma mulher capaz de carregar essa cruz e fingir pelo resto da vida. Havia ocasiões em que o ciúme a fazia ficar furiosa com meu pai e eu a ouvia acusá-lo das coisas mais triviais; e é evidente que, se minha mãe possuísse uma razão tão forte como uma filha ilegítima, ela a teria usado nessas ocasiões. Cabe aqui, entretanto, uma restrição: todas as histórias, por mais incríveis que sejam, têm uma pitada de aparente verdade que, portanto, as tornam críveis.

A história de que Edda é filha duma judia é uma delas, e "fontes bem informadas" chamavam-na Angelica Balabanoff. É perfeitamente verdade que

Angelica Balabanoff e meu pai se conheceram... e intimamente. Conheceram-se na Suíça, onde a judia russa, que era quinze anos mais velha do que meu pai, era a personalidade de destaque nos círculos revolucionários internacionais. Angela tomou-se de grande simpatia por ele — e não há dúvida de que todo o espírito político combativo de seu temperamento boêmio não era a única coisa que ela admirava nele. Ajudado por Angelica Balabanoff, meu pai conseguiu viver fazendo traduções do alemão, uma língua da qual ele então tinha escasso conhecimento, mas que ela conhecia extremamente bem. Ao mesmo tempo, Angelica Balabanoff tentou influenciá-lo no sentido do marxismo, sabendo perfeitamente que ele teria sido um adepto valioso para a sua causa política. Quando meu pai voltou para a Itália, ela o seguiu e trabalhou com ele em *Avanti!* (o jornal do Partido Socialista Italiano) até a campanha em apoio da intervenção da Itália na Primeira Guerra Mundial. Meu pai, minha mãe e Edda então viviam no número 18 da Via Castelmorrone, e Angelica no número 9 da mesma rua. Toda tarde meu pai e a judia russa tomavam o mesmo caminho de volta da redação do jornal, e algumas vezes paravam durante algum tempo juntos. Foi isso, provavelmente, que originou o rumor de que Edda era filha de Angelica Balabanoff, embora na época Edda tivesse já pelo menos quatro anos. E tudo isso apesar do fato de que a própria Angelica Balabanoff falou em seu livro, publicado em edições clandestinas de *Avanti*, cujo próprio título (*O Traidor Mussolini*) dava uma idéia da disposição dela para com meu pai.

"Ele estava acompanhado", disse numa passagem do livro, "por uma mulher silenciosa e humilde e submissa e uma meninazinha subnutrida com um

vestido transparente que a chuva tinha ensopado, 'Estas são minha amiga Rachele e minha filha', disse ele, apresentando-as. A vista daquelas duas criaturas patéticas fizeram-me ficar com raiva de Mussolini..."

Além de tudo, um velho socialista, Ugo Barni, assim como muitos outros que viviam em Forli em 1910, conheciam minha mãe quando ela estava esperando Edda. Outra pessoa que poderia muito bem se lembrar de coisas que eram ditas confidencialmente por meu pai, assim como das visitas de minha mãe com a Edda recém-nascida nos braços, é Pietro Nenni, antigo líder do Partido Socialista. Ambos, meu pai e Nenni, foram para a prisão por fomentarem a greve geral contra a guerra na Líbia. Meu pai tinha feito um discurso extremamente violento numa reunião socialista, ao fim do qual havia incitado as mulheres a se deitarem nos trilhos da estrada de ferro para impedirem as tropas de partirem.

"Veremos se estão preparados para passar por cima de suas irmãs e esposas", gritou meu pai, e a multidão, já naquele tempo completamente dominada pelo seu magnetismo, correu para a estação, esmagando tudo por onde passava. Nenni, que naquele tempo era chefe do Partido Republicano de Forli, já tinha incitado o povo a parar os trens que partiam. A polícia, que não podia fazer nada contra os demonstradores, voltou-se contra ele e contra meu pai. Nenni e meu pai partilharam a mesma cela. Embora tivessem sido adversários políticos até então, tornaram-se os melhores amigos. A esposa de Nenni costumava visitar minha mãe e Edda, e juntas partilhavam o pouco dinheiro (e as muitas dificuldades e esperanças) que tinham naqueles tempos difíceis. Nos dias de visita minha mãe ia com a pequena Edda e a esposa de Nenni para verem os dois presos, le-

vando os poucos pacotes permitidos pelos regulamentos da prisão, bem como uma porção de jornais, que eram proibidos — porque nessa altura as duas mulheres sabiam tudo a respeito de prisões e eram capazes de levar para fora e para dentro tudo o que quisessem. A amizade entre os dois homens, fundada em ideais partilhados, mas acima de tudo em estima mútua, durou mais de dez anos, e uma prova disso é o fato, que hoje parece quase incrível, de que Pietro Nenni era padrinho meu e de Bruno. Nesse tempo Edda tinha seis anos de idade — não idade bastante para raciocinar, mas já velha bastante para sentir as coisas, e o que ela veio a apreciar mais foram os privilégios, poucos por causa da pobreza, mas não menos importantes por isso, sendo ela apenas uma criança.

A idéia de nascer outra criança — e com quem iria partilhar esses privilégios — foi um pesadelo para Edda. Ela sentia que teria de abrir mão de algo precioso: da afeição de seus parentes, particularmente da de seu pai e dos amigos de seu pai — gente daquele mundo estranho de revolucionários, jornalistas, pintores e sonhadores, reunidos em volta de mesas de café cheias de fumaça e polêmicas, bancos e sujeira, ruidosas oficinas de impressão, reuniões de intervencionistas que eram muitas vezes dissolvidas pela polícia montada. Agarrada às calças de meu pai, correndo para acompanhar os adultos a fim de não incomodar e não ser deixada de lado, Edda estava absorvendo aquela atmosfera dia e noite, e gozava de uma relação completa e especial com meu pai — uma coisa fascinante que não podia e não devia ser partilhada com ninguém. A Via Castelmorrone, naqueles dias, era nos arredores de Milão. Nós tínhamos dois quartos num andar de cima, o quarto andar — meu

pai nunca queria morar mais baixo porque não suportava os passos dos vizinhos por cima dele. Era um amontoado de apartamentos, cheios de pessoas tão pobres como nós e ainda mais pobres. Edda estava sempre na rua, brincando com as outras crianças, e minha mãe costumava gritar com ela por pegar piolhos no cabelo.

Minha avó materna vivia conosco; era uma velha alta, esguia, que trabalhava o dia inteiro e tinha uma admiração ilimitada por meu pai — a tal ponto que quase sempre ficava do lado dele contra minha mãe.

Naquela casa estranha, onde provavelmente havia uma privada, mas certamente não havia banheiro — pois desde que morávamos ali, nós as crianças íamos aos banhos públicos — vivia, alguns dias antes do meu nascimento, outro personagem que tinha adquirido grande importância: um galo. Fora-nos mandado da Romagna na previsão do auspicioso acontecimento. Mas, tal como acontece com os auspiciosos acontecimentos, os cálculos tinham sido completamente errados, e, embora eu nascesse bem na hora certa, todo mundo pensou que cheguei tarde. Por isso deixou-se o galo viver, e daí a alguns dias sentia-se perfeitamente em sua casa, ficando cada vez mais gordo e senhor de si. Para Edda aquele galo era um brinquedo maravilhoso. Costumava levá-lo para toda parte, dava-lhe de comer, conversava com ele e arreliava-o. Mas, quando eu entrei neste mundo, o galo teve de ser despachado para o outro. Minha avó mandou Edda para fora com algum pretexto e agarrou o galo e torceu-lhe o pescoço. Minha mãe tomou um pouco de canja, mas minha irmã tomou o maior choque da sua infância. Agora, através de todos estes anos, eu e Edda falamos alegremente so-

bre dias distantes e ela admite que naquele tempo ela me odiava com todas as suas forças. Era por minha causa que o galo tinha sido sacrificado e, quase como se isso não fosse bastante, todo mundo do quarteirão, veio ver-me e arrulhar-me. Era demais, e nasceu na mente de minha irmã, espontânea e muito vividamente, o desejo de me matar. Estas são palavras terríveis, mas refletem algo que é inteiramente normal em tais casos. Em todas as famílias o primogênito sofre, mais ou menos intensamente, de tais complexos.

Tendo experimentado o terreno em toda a série de pequenas escaramuças, não sendo a menor delas uma tentativa de tirar o leite de minha mãe a fim de que eu não fosse o único a ser amamentado por ela, Edda um dia tomou uma ação decisiva.

Era costume de minha avó, depois de eu ter sido alimentado por minha mãe, ficar comigo no colo para que eu arrotasse o leite. Saía do quarto de minha mãe e entrava na cozinha, embalando-me, e depois sentava-se comigo perto do fogão. Foi então que, um dia, minha irmã com a rapidez do relâmpago deu um pontapé no banco em que minha avó ia sentar-se comigo nos braços. Minha avó caiu com um grito — e caiu tanto mais pesadamente quanto conservou os braços em volta de mim para salvar-me e não pôde estender as mãos para amortecer a queda. Minha avó compreendeu o que significava o ato de minha irmã e tenho certeza de que sofreu mais com o conhecimento disso do que com a queda, que, diga-se de passagem, não a magoou muito. Ela levantou-se, pôs-me no berço, depois voltou à cozinha e deu à minha irmã a lição que ela merecia. Nesse instante entrou minha mãe segurando-me debaixo do braço como uma trouxa. Compreendeu imediatamente a

situação, entregou a minha pessoinha inocente de tudo a minha avó e ministrou uma segunda dose de palmadas em Edda. Desde então Edda não fez mais tentativas contra o meu bem-estar! Além disso, não tardou muito que se começasse a falar de mais bebês, pois minha mãe estava esperando o Bruno. Bruno nasceu 18 meses depois de mim, em abril. Seria o único que não nasceria em setembro, todos nós os restantes nascemos nesse mês — Edda, eu, Romano e Anna Maria. É uma coincidência com que temos brincado com nossos pais de vez em quando.

Com Bruno em cena minha irmã decidiu que era melhor chegar a um entendimento com os recém-chegados. Este problema foi apresentado para nós três novamente em 1927 quando Romano estava para nascer. Estávamos já bastante crescidos e expressamos a nossa desaprovação do feliz acontecimento, dando o nosso juízo coletivo sobre o novo irmão: "É tão feio. Parece um macaco.". Mas um ano depois compreendemos que os nossos pais eram incorrigíveis porque Anna Maria ia nascer. Concluímos que a melhor coisa a fazer seria uma aliança geral entre nós cinco quando os dois mais jovens já tinham idade bastante para brincar. Edda permaneceu a chefe aceita do grupo como tinha sido sempre.

Edda, Bruno e eu tínhamo-nos chamado nos primeiros tempos "Os Três Mosqueteiros" do filme do famoso romance. Depois os nossos gostos mudaram. Depois de Dumas foi a vez de Salgari (um escritor de aventuras da época), e demo-nos os nomes de heróis tirados dos livros dele. Ainda hoje minha irmã algumas vezes me chama Yanez e eu a chamo Sandokan. Ficamos sempre entusiastas de Salgari, mesmo quando já líamos outros escritores. Como todas as crianças naqueles tempos, nós devorávamos os fas-

cículos com Nick Carter, Petrosini e, sobretudo, Lord Lister, o ladrão cavaleiro, mas neste nós conquistamos a viva desaprovação de minha mãe, que achava que estava muito acima de nós, pois lia uma publicação extraordinária, *Sonia, ou o Martírio do Povo Russo*, que era publicada também em fascículos do tamanho da metade de um jornal e era cheia de desenhos ingenuamente dramáticos. Eu sempre achei que *Sonia* devia dar muito dinheiro para o editor, pois a história continuou interminavelmente, exatamente com as histórias em quadrinhos de Jane e o Super-Homem dos jornais americanos da atualidade; e os fascículos cresciam formando volumes incrivelmente grossos.

Edda, voluntariosa, valente e empreendedora, era o líder natural não só meu e de Bruno, mas também dos outros rapazes e meninas da vizinhança. Costumávamos brincar nos jardins públicos e no que agora é chamado a Piazzale Marengo; e algumas vezes — mas este era um jogo no qual deixávamos entrar apenas certos amigos escolhidos por sua valentia e desprezo pelo perigo — brincávamos nos telhados do quarteirão. Os telhados e clarabóias eram os nossos Dolomites, e a *cordata* (equipe de alpinistas ligados por uma corda) era a nossa grande alegria — tanto mais intensa quanto mais perigosa. Foi Edda que a inventou. Escarranchávamo-nos alternadamente no telhado, agarrados à chaminé com uma mão e dando a outra ao garoto seguinte, que dava a mão livre ao seguinte, e assim por diante, até que o último podia debruçar-se do beiral. O que podia ser visto assim e que não podia ser visto duma janela nós não poderíamos dizer; mas isso não significava nada em comparação com a sensação de ter feito al-

guma coisa que, antes de tudo, era severamente proibida e, em segundo lugar, representava coragem.

Só quando crescemos e pudemos avaliar o valor da vida e o dever que a pessoa tem de preservá-la, compreendemos a maluquice daquela brincadeira. Na ocasião, porém, não podíamos ver isso.

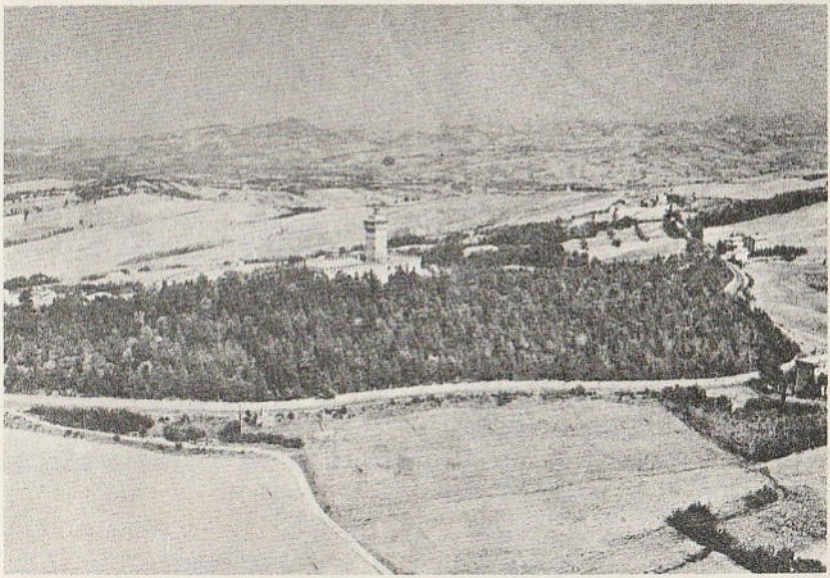
Meu pai, que tinha antipatia por escolas particulares, decidiu que nos matriculássemos em escolas públicas, onde estaríamos em contato com os filhos da classe trabalhadora. Começamos assim nossas vidas de estudantes na escola primária da Via Palermo, enquanto Edda freqüentava a escola secundária do Ginnasio Liceo Parini, na Via Fatebenefratelli. Minha irmã começou no Parino em 16 de outubro de 1920. Meu pai pagava a taxa de matrícula de dezoito libras e mais vinte libras para a primeira prestação da taxa escolar. Edda figura no registro dessa data com o número vinte e seis na lista do primeiro ano do ginásio, seção G. Embora fosse um terror — magra, pálida e inquieta — Edda passou nos exames com boas notas. Durante muitos anos meus pais conservaram o boletim escolar de Edda referente ao ano 1921-22: ela tinha 7 e 7 em italiano, 8 e 7 em latim, 8 em história, 7 em geografia, 8 em francês, 7 e 7 em matemática, 10 em educação física (a única nota de que ela se orgulhava), e 8 em comportamento. Os professores diziam que Edda era uma menina inteligente, mas lamentavam que por causa do seu mau gênio não pudesse produzir os resultados que sua inteligência excepcional merecia. Sua infância, essencialmente nos primeiros anos, tinha representado um papel positivo na formação desse temperamento.

— Lembro-me — disse uma vez Edda a um grupo de senhoras escandalizadas — de que eu cos-

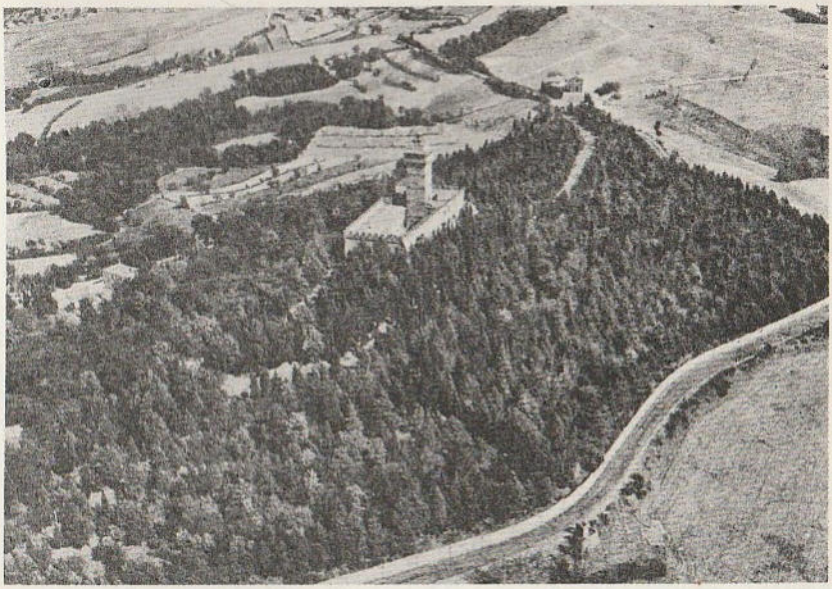
tumava ir descalça pelo campo com minha mãe para apanharmos verduras e legumes. Minha roupa andava toda rasgada e eu estava sempre morrendo de fome. Eu nunca conheci as áreas médias da vida; do fundo mesmo saltei direto para o topo. Eu era uma trouxa de trapos e agora sou uma das mulheres mais conhecidas da Europa.

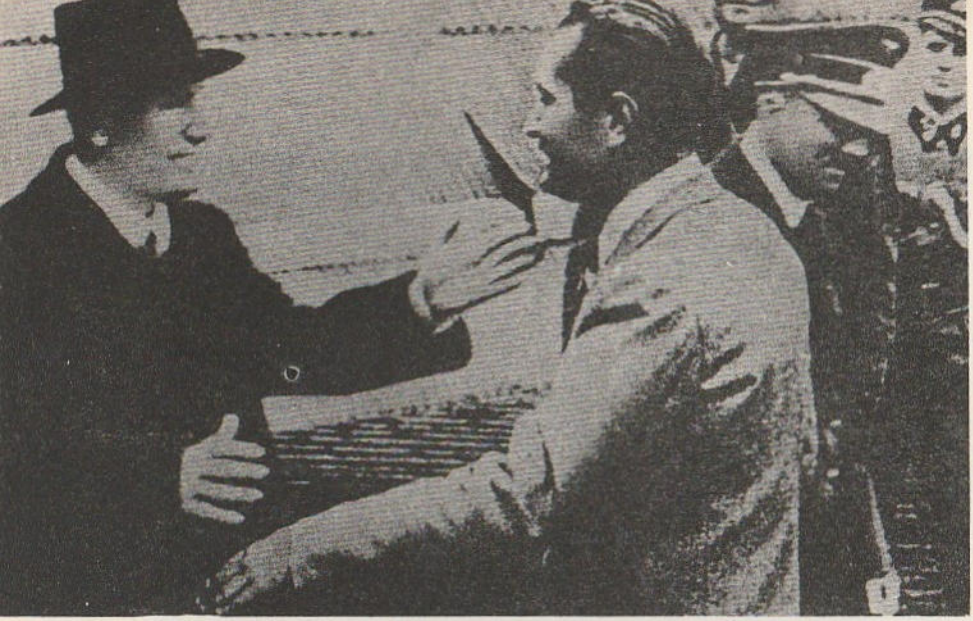
A verdade é que esses primeiros anos foram cheios de privações e aventuras. Meu pai tinha-se dedicado à política, e por essa razão acabava regularmente na prisão alguns dias depois de ser posto em liberdade. Não havia oportunidade para ele, salvo algum trabalho ocasional para jornais, jornais que, de resto, eram fechados muitas vezes antes de os colaboradores poderem ser pagos. Só em Forli, quando os socialistas fundaram o semanário *La Lotta di Classe,* foi que pela primeira vez meu pai pôde contar com um salário. O presidente da seção do Partido Socialista da cidade propôs à Assembléia nomearem Benito Mussolini redator-chefe do novo semanário, com um salário de 150 liras por mês. A Assembléia, que tinha muito boa vontade para com meu pai, aprovou a proposta e preocupou-se apenas em garantir que houvesse fundos suficientes para o salário; isto devia ser levado a efeito pela *Camera del Lavore* (movimento sindicalista), contribuindo a seção do Partido e o jornal cada um com cinqüenta liras. Tudo teria corrido da melhor maneira se meu pai, pondo sempre seu prestígio político acima de seus próprios interesses, não tivesse dito um não peremptório.

Os amigos dele ficaram assombrados e protestaram. Lembraram-lhe que ele tinha uma mulher e uma menina pequena para sustentar, e todos eles lembraram o fato de que, como meu pai não era casado



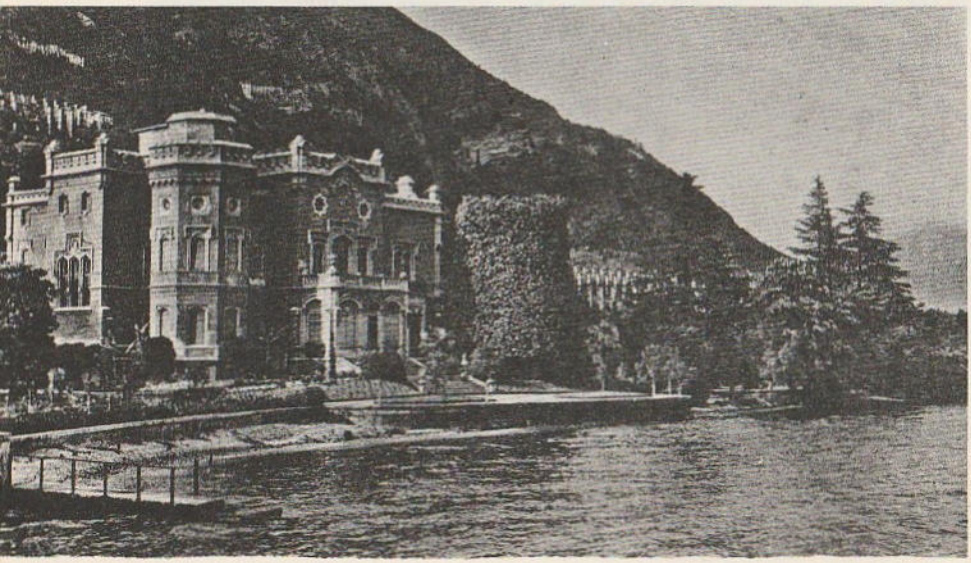
Vista aérea do Castelo dos Viajantes



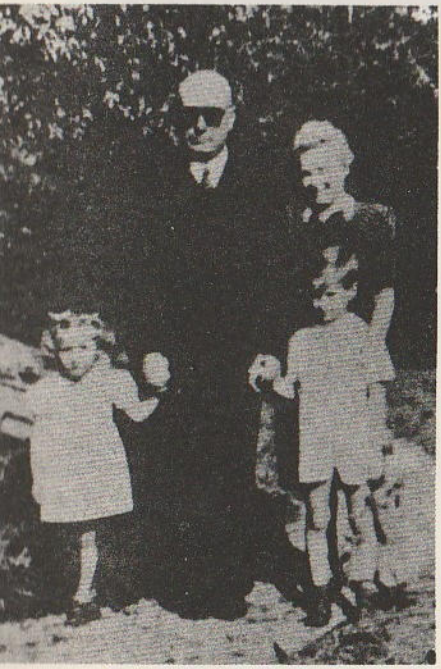


13 de setembro de 1943. O Duce desembarcando do avião Junker que o levou para o quartel-general de Hitler. Algumas horas antes ele tinha sido libertado por um comando alemão, dirigido pelo Capitão Otto Skorzeny, de um hotel-prisão num cume de montanha no Gran Sasso, uma estação de esquiação nos Apeninos. Aqui seu filho Vittorio saúda-o alegremente, enquanto o Fuehrer olha sorrindo.

Lago Garda — Gargnano — Villa Feltrinelli (última residência de Mussolini)

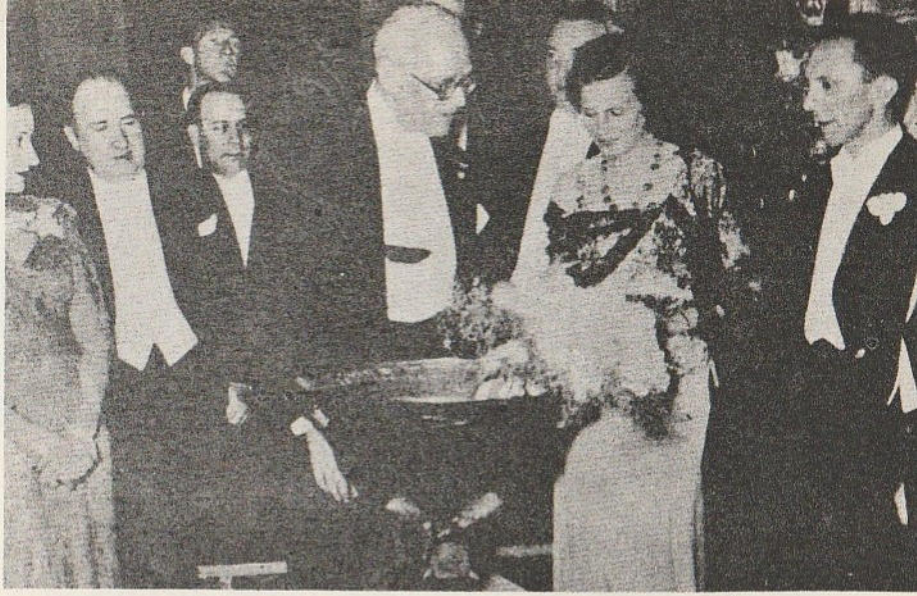


Primavera de 1944, em Gargnano, no lago Garda. O líder italiano, com a saúde já bastante melhorada, sai a passeio de bicicleta, pelos jardins da Villa Feltrinelli, onde Mussolini viveu os 600 dias da República Social Italiana (A República Saló). Atrás deles vêem-se as grandes janelas que dão para o lago.



O jardim do castelo de Hirschberg, perto de Munique, onde muitos membros da família Mussolini ficaram algumas semanas depois de 8 de setembro de 1943 (o dia em que o governo do Marechal Badoglio se rendeu aos Aliados e três dias antes de os alemães tomarem Roma). A foto mostra o Duce, sua esposa Rachele, e os filhos de Vittorio Mussolini, Guido à direita e Adria à esquerda. Neste mesmo castelo Rachele Mussolini cuidava dos três filhos do Conde Ciano antes de serem transferidos clandestinamente para a Itália pelo autor, a pedido da mãe deles. (Ver Cap. 3.)

Clara Petacci, a amante de Mussolini, em 1938.

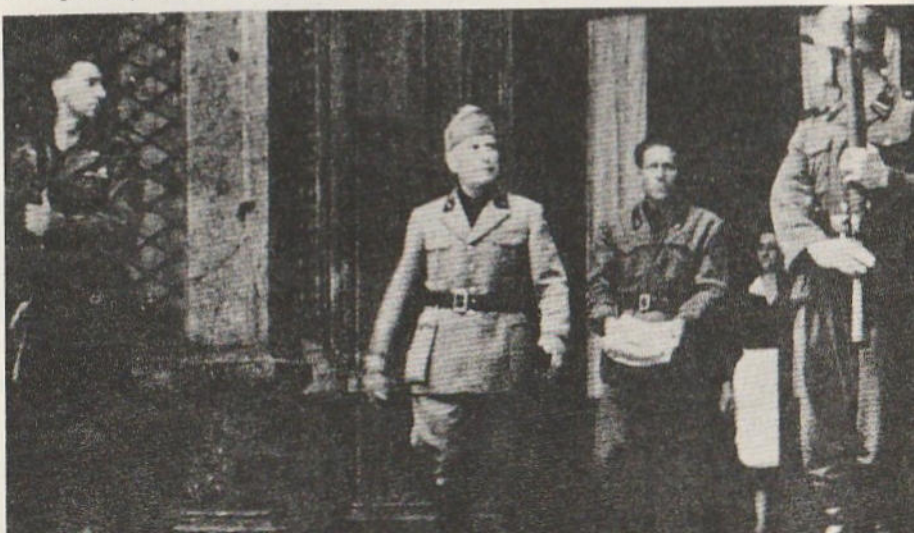


Berlim, 1938. A Condessa Edda Ciano (irmã do autor) numa recepção oferecida em sua honra por Goebbels.

Mussolini à sua mesa na Villa Delle Orsoline, Gargnano, lago Garda, providenciando a irradiação de um comunicado radiofônico. À direita dele, aconselhando, está Daquanno, do Ministério da Cultura Popular (propaganda). À esquerda: Fernando Mezzasoma, que tinha a seu cargo esse ministério. Ambos, Daquanno e Mezzasoma, foram metralhados por guerrilheiros em Dongo, em 28 de abril de 1945. (Mussolini e Clara Petacci foram mortos — metralhados quase à queima-roupa — no mesmo dia.)

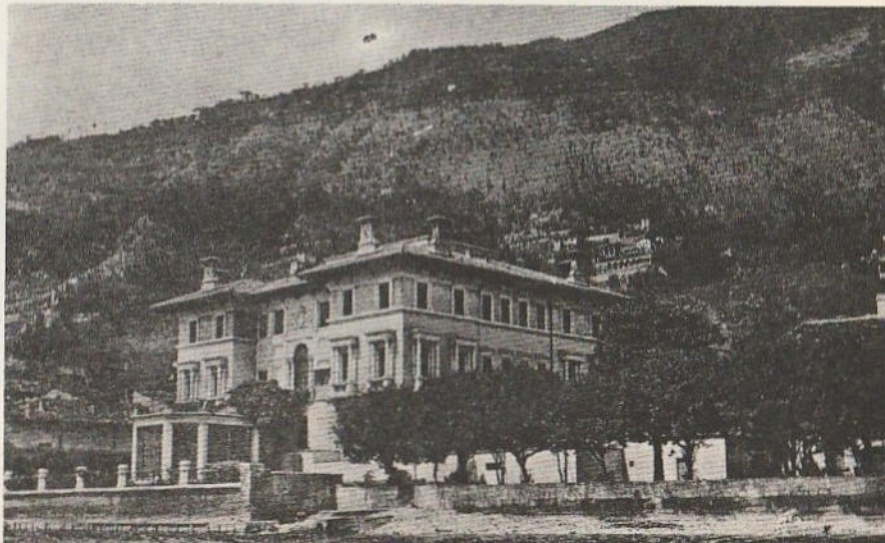
Cattolica (na região nativa de Mussolini da Romagna), em 1925. Mussolini e a filha Edda na praia.
(Ver Cap. 6.)

Gargnano, lago Garda, 1944. O Duce deixando a Villa Feltrinelli para o "apresentar armas" de um membro da Guarda Republicana, à esquerda, e um soldado da SS.



Verona, janeiro de 1944. O Tribunal Especial em sessão no julgamento dos signatários da moção de Grandi, em 25 de julho de 1943, que levou à queda do regime fascista em Roma. Da esquerda para a direita: Marechal Emilio De Bono (com a cabeça nas mãos); um do Quadrunvirato que comandou a primitiva milícia fascista; Carlo Pareschi, outrora ministro da agricultura; Conde Galeazzo Ciano, antigo ministro do exterior e antigo embaixador italiano na Santa Sé (e cunhado do autor); Tullio Cianetti, antigo ministro das corporações; Giovanni Marinelli, antigo tesoureiro do Partido Fascista Nacional; Luciano Gottardi, antigo presidente da Confederação dos Trabalhadores Industriais. Todos, salvo Cianetti (condenado a 30 anos de prisão), foram executados por um pelotão de fuzilamento em 11 de janeiro de 1944.

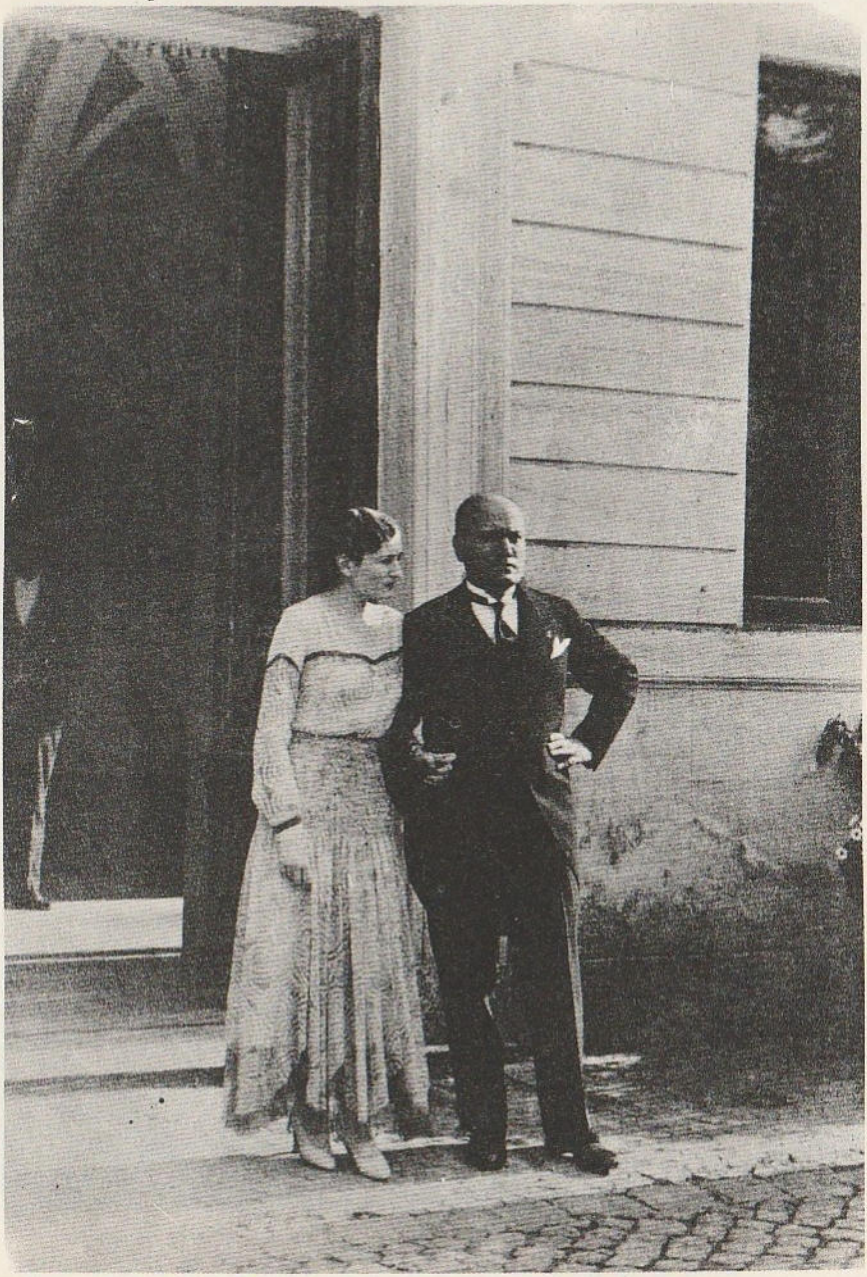
Villa Delle Orsoline — Gargnano — Lago Garda

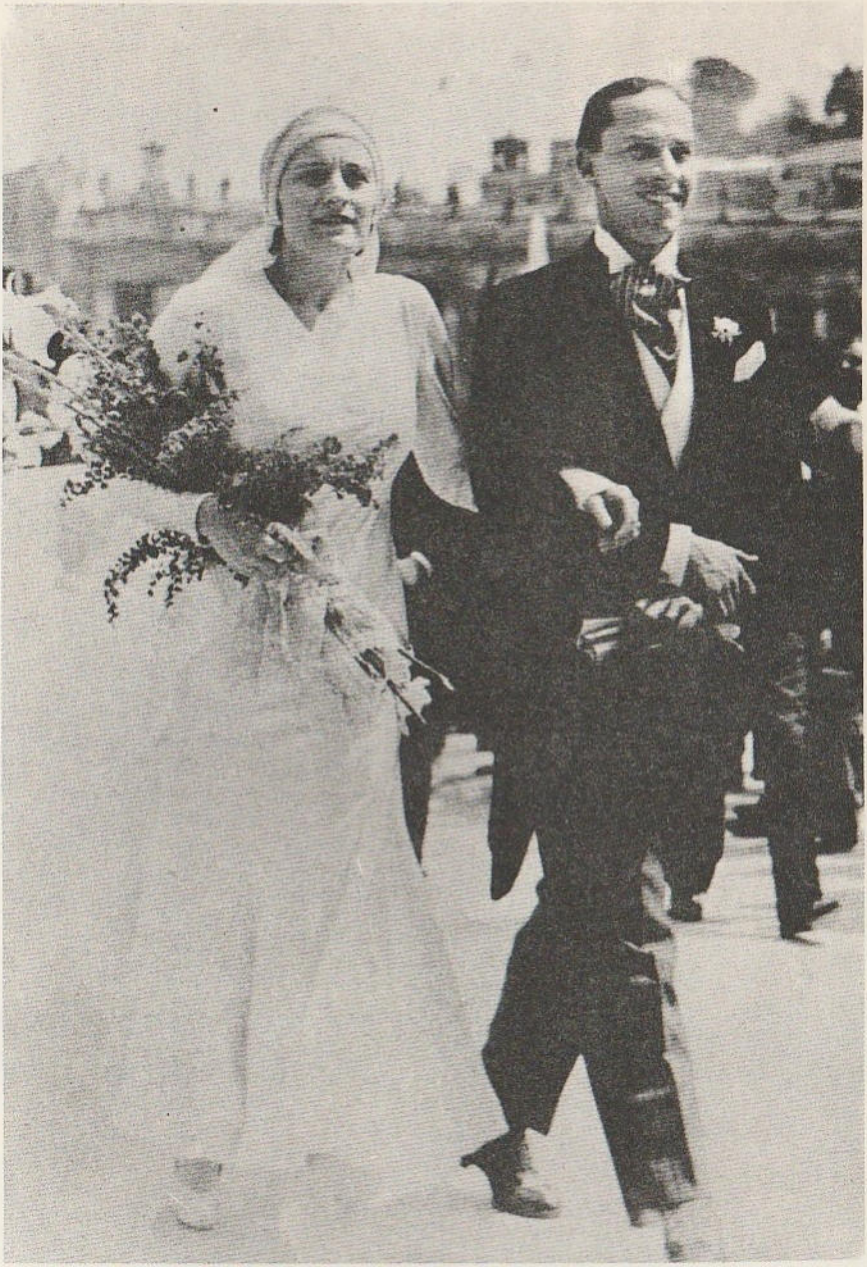


Inverno de 1915. Cabo Benito Mussolini do 11.º de Bersaglieri, em alguns dias de licença da frente de Carso, vê seu primeiro filho homem, Vittorio, aparecendo aqui nos braços de Rachele Mussolini. O futuro Duce tem a mão no ombro de sua filha Edda, então com sete anos. (Ver Cap. 5.)

A família de Mussolini pouco depois da Marcha sobre Roma em 28 de outubro de 1922 (em conseqüência disso os fascistas tomaram o poder). Da esquerda para a direita: Edda, Signora Mussolini, Bruno e Vittorio (de marinheiro).

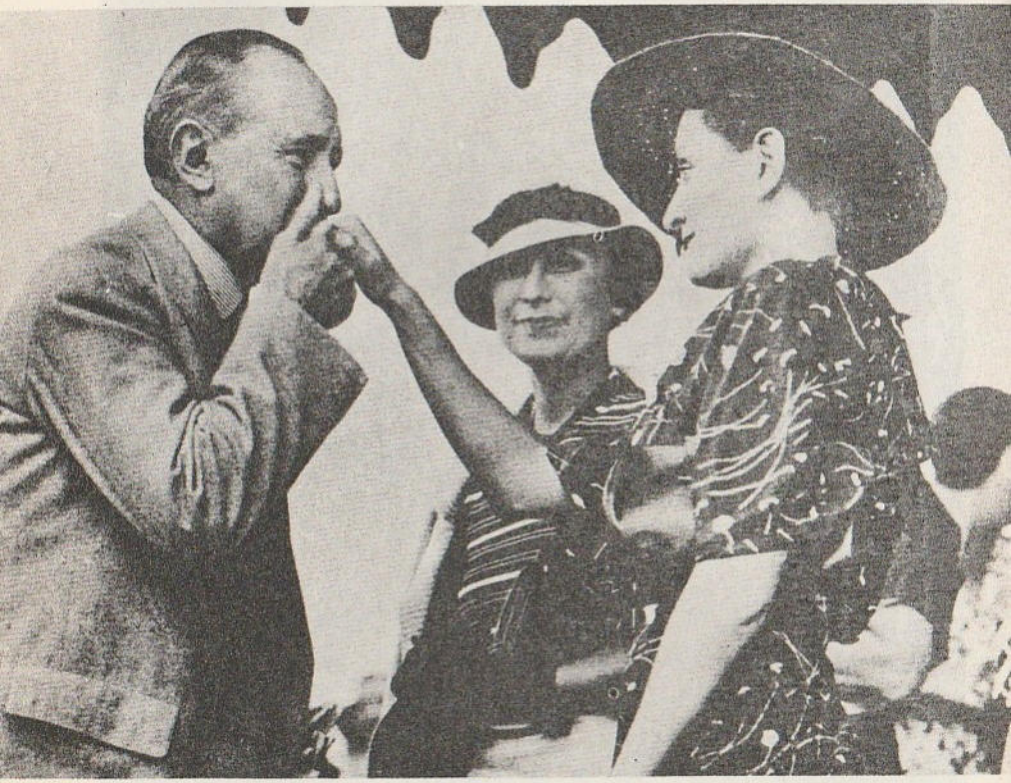
A Villa Torlonia (residência da família Mussolini em Roma), abril de 1930. O líder fascista e chefe do governo espera com sua filha Edda a chegada dos convidados na recepção do casamento de Edda com o Conde Galeazzo Ciano. (Ver Cap. 6.)





Os noivos encaminham-se (depois do casamento na Igreja de San Giuseppe) para a Igreja de S. Pedro, em Roma, seguindo uma velha tradição romana, segundo a qual os recém-casados devem beijar os pés de uma estátua de bronze do Apóstolo.

Londres, cerca de 1938. Guglielmo Marconi presta sua homenagem à Condessa Edda Ciano na recepção dada em sua honra. Centro: a esposa do embaixador italiano em Londres, Dino Grandi (foi Grandi que em julho de 1943, no Grande Conselho Fascista, apresentou a moção que levou à detenção e prisão de Mussolini).



Em Roma em 1960, em uma igreja no casamento de um parente. Da esquerda para a direita: Maria Teresa Baccherini (filha de Edvige, irmã do Duce), Rachele Mussolini, Edda Ciano e Dona Carolina (mãe de Galeazzo Ciano).

Edda Ciano tomando parte numa cerimônia na Cruz Vermelha na frente grega em 1941.

Predappio (a comuna da Romagna onde nasceu Mussolini), em 30 de agosto de 1957. Finalmente o cadáver de Mussolini é entregue à sua família, doze anos depois da sua morte. Em pé tristemente junto do lamentável caixão que contém os restos do Duce e está coberto com um sudário tricolor e muitas flores, estão da esquerda para a direita: Conde Vanni Teodoràni-Fabbri (com bigode) e sua esposa Rosa (de óculos), filha de Arnaldo Mussolini, irmão do Duce; a Condessa Edda Ciano; o Comendador Augusto Moschi, primo de Rachele Mussolini; Marzio Ciano; Rachele Mussolini; Raimonda Ciano; Romana Montanari, filha dum primo de Rachele Mussolini que foi morto pelos guerrilheiros; Romano Mussolini, o filho mais novo de Mussolini. Não puderam assistir: Vittorio Mussolini, que estava na Argentina, e Anna Maria Mussolini, que estava doente. (Anna Maria morreu em 1968, com a idade de 40 anos apenas e jaz no mesmo túmulo da família como seu pai, em San Cassiano, Predappio).

A Villa Carpena, Forli, casa de Rachele Mussolini. O octagésimo primeiro aniversário (10 de abril de 1971) da viúva do Duce é comemorado com uma festa em família. Há 81 velas no bolo. A Condessa Ciano tem a mão sobre o ombro da mãe. O filho Vittorio observa enquanto a velha senhora, ainda no domínio de todas as faculdades físicas e mentais, apaga as velas.

Uma gravura de Rachele Mussolini com a idade de oitenta anos.

e não tinha batizado sua filha, tinha mais todo o apoio socialista. Depois de um longo argumento, meu pai aceitou 120 liras, que era muito pouco, especialmente quando as despesas de sua vida política eram por conta dele. Pouco tempo depois mudou-se para Milão para se tornar diretor de *Avanti!*. Minha mãe ficou sozinha com minha irmã em Forli, onde amigos socialistas a ajudavam o melhor que podiam. Minha mãe ajudava nas casas deles, lavando, passando e fazendo pão. Edda ajudava-a quando havia muito que fazer e passava o resto do seu tempo vagueando pelas ruas.

Mas, quando meu pai pôde arrumar as coisas para a família ir morar com ele em Milão, os tempos foram talvez mais difíceis ainda, pelo menos até que foi fundado *Il Popolo d'Italia*. Então as vidas de meus pais tornaram-se mais fáceis, ou, para ser mais exato, menos pobres, e minha mãe não tinha de ir de casa em casa tentando ganhar algumas liras. Mas isso não significou que Edda estivesse crescendo numa atmosfera mais tranqüila. Eu e Bruno éramos ainda pequenos, de modo que Edda vivia inteiramente entregue a si mesma.

Ela dominava tudo em seu redor, as outras crianças e até o próprio pai, o qual algumas vezes respondia com uma arrogância inesperada. Mas sem dúvida ela não tinha uma infância feliz: alguma força sombria — o peso da pobreza, o sofrimento e a ansiedade que dominavam a nossa família — continuava a separá-la das outras crianças.

Já tinha havido um exemplo disto na escola secundária. Um segundo exemplo, e decisivo, devia vir alguns anos mais tarde quando meu pai decidiu interná-la num colégio. Nesse tempo muitas coisas haviam mudado tanto para a nossa família como

para o nosso país. Meu pai tinha chegado ao poder, e tínhamo-nos mudado para Roma para vivermos na Villa Torlonia. Foi uma chegada tumultuosa a nossa: minha mãe arranjou uma empregada, uma tal Cesira Carrocci, que absolutamente não lhe servia. Talvez porque era bonita demais, talvez porque não era muito submissa à sua maneira, sentindo que era protegida por meu pai. De qualquer modo, era inevitável mandá-la embora. Cesira protestou com meu pai, que perguntou à minha mãe por que achava necessário despedir aquela mulher que até então tinha feito seu trabalho muito bem.

— Não gosto dessa mulher — respondeu minha mãe ferozmente — e é só. Você tem a seu cargo a Itália, mas aqui quem manda sou eu. Essa mulher sai daqui.

Meu pai, como bom marido, não insistiu mais no ponto, e Cesira arrumou as malas.

Edda estava crescendo em idade, mas exteriormente não era uma senhorita. Absolutamente nada namoradeira, continuava usando os vestidos mais simples: o que ela queria era algo em que pudesse correr e saltar e subir às árvores e às rampas como um garoto. As outras moças da idade dela eram loucas por meias, mas ela usava meias curtas, orgulhava-se dos arranhões e pisaduras que tinha nas pernas e comentava: "essas garotas estúpidas que pensam que já são mulheres". Meu pai e minha mãe preocupavam-se, tanto mais por a nossa família ter subido tão rapidamente no nível social. O problema de dar uma educação refinada à sua filha mais velha, com um futuro marido já em mente, não podia ser adiado. E assim é que, depois de muitas discussões, eles decidiram mandar Edda para Florença para freqüentar o colégio do Poggio Imperiale, onde alguns

anos antes tinha sido aluna a Princesa Maria José, futura rainha da Itália. Os registros daquele colégio continham os mais belos nomes da aristocracia do mundo. Filhas de reis, príncipes e milionários de todo o mundo eram mandados para o Poggio, porque se pensava que, fora uma mestria da mais pura forma do italiano, as moças também tinham a vantagem de fazerem novos conhecimentos nas mais altas classes — algo que seria útil para seu futuro na alta sociedade. Meus pais provavelmente não perceberam como seria perigosa para Edda uma mudança assim tão drástica no ambiente. Ela tinha quinze anos e era um marimacho incorrigível, simpática mas aparentemente incapaz de adquirir maneiras mais requintadas. Já em uma ocasião tinha com a maior naturalidade (e devo dizer que com razão) chamado a um *prefetto* (chefe de governo local) imbecil quando ele lhe beijou a mão durante uma recepção. Que aconteceria quando ela fosse subitamente jogada na nata das senhoritas mais sofisticadas do mundo, só Deus podia dizer. Começaram a chegar-nos informes alarmantes de Florença. Mal ela havia posto o pé no colégio já havia chamado a diretora (Maria Patrizi, de uma das mais requintadas famílias aristocráticas de Florença) de uma velha bruxa retrógrada.

Apesar das providências discretas que meu pai tinha tomado para não a perder de vista, Edda encontrou um meio de se corresponder com as moças que considerava suas verdadeiras amigas — condiscípulas do Parini de Milão. Havia duas em particular, Anna Sclaglia e Anita Perrone, que a compreendiam e gostavam dela, pondo de lado os defeitos e admirando suas boas qualidades. Durante vários meses ela brincou, em cartas para estas amigas, com a idéia

de escapar do colégio, onde ela sentia perfeitamente que só era tolerada por ser filha do Duce. Mas deve ter sido a própria Edda que compreendeu que não havia muita probabilidade de ser bem sucedida no seu plano, e finalmente desistiu com grande pesar.

"Querida", escreveu a uma das amigas, "estou tão contente por você se lembrar de mim. Não pode imaginar como há falta de afeição aqui. Tudo o que a gente pede é uma palavra bondosa e não a falsa piedade tão em moda aqui no Poggio Imperiale, mas ela não vem. Eu adoraria voltar para a classe de vocês para corrigi-la com vocês ou sofrer as conseqüências com todas vocês, se falhássemos. O plano de vocês para eu escapar está bem pensado e não seria ruim, mas não posso concordar. Se eu fosse qualquer uma, eu o faria sem hesitar, mas sou uma Mussolini. Não posso — é loucura!"

Era assim que pensava minha irmã quando tinha quinze anos. Mas toda a questão da instrução e educação de Edda iria em breve parecer de pouca importância em comparação com alguns outros problemas inevitáveis — problemas que eram mais delicados, e, dado o temperamento vívido de Edda, mais carregado de perigo, pelo menos na opinião de meus pais.

Pois minha irmã já estava criada e tinha chegado àquela estranha e maravilhosa idade que todos lembramos em nossas vidas. A idade em que nos apaixonamos freqüentemente.

VI

Tenho de sorrir da história da minha irmã se enamorando dum chefe de estação de Cattolica. Naqueles tempos, no verão de 1925, eu não era confidente de Edda — pelo menos em questões de amor — o que é natural, porque ao passo que uma diferença de seis anos não é praticamente nada entre adultos, é um verdadeiro abismo entre uma garota que já é uma senhorita e um rapazinho que é ainda uma criança. De qualquer modo, eu comecei a compreender que minha irmã poderia ter certos interesses pessoais outros que não os nossos brinquedos. Mas uma coisa que eu devo dizer muito claramente é que eu ouvi a respeito disto e muitas outras histórias lendo jornais durante o período do Governo Badoglio e nos primeiros anos de pós-guerra. E eu chamaria a esses jornalistas que escreveram a respeito, a julgar como eles davam os fatos de que eu fui uma testemunha direta, traficantes de fantasia, para não dizer mais. Edda tinha muitos amigos e amigas, como é perfeitamente natural em qualquer moça de quinze anos que, quando terminam as aulas, vai para o veraneio. E como eu só posso lembrar-me dela com rapazes e moças mais velhos que o resto de nós, não posso excluir a possibilidade de que entre eles estivesse o "famoso" chefe de estação.

Mas eu continuo sustentando que, se alguma coisa realmente importante acontecesse, Bruno e eu, por mais inocentes que fôssemos, mais cedo ou mais tarde teríamos tido conhecimento do fato, ainda que não fosse senão pelo barulho que minha mãe provavelmente faria... e a esse respeito ela nunca teve nada de que se queixar. Por outro lado, teria sido um problema sério para meu pai. Devo dizer que, na sua preocupação de dar através de sua família um exemplo a todo o país, mantinha um olhar discretamente atento a tudo o que nós fazíamos, e, quando não podia fazer isso pessoalmente, usava informantes. E, francamente, isso era fatigante, embora nós tivéssemos o consolo de saber que não estávamos fazendo nada errado e, por conseguinte, não tínhamos nada a temer dele. Mas é provavelmente verdade que através desta rede de informantes — e eu não sei até que ponto eles foram honestos — esse ano começou a chegar à secretária de meu pai em Roma um certo número de comunicados, enquanto minha irmã e o resto de nós começávamos a gozar pacificamente e alegremente as férias longas de verão.

Recordando tudo isto agora, absolutamente sem animosidade, mas apenas à luz do bom senso e do que eu posso lembrar — que não inclui nada nem remotamente semelhante à história difundida — posso dar apenas uma explicação: que se trata apenas de um estúpido excesso de zelo ou, o que é mais provável, duma pequena mas venenosa vendeta de origem política dirigida contra meu pai através de sua família.

Fosse o que fosse, meu pai ficou aborrecido. Minha mãe, que era diretamente responsável pelas questões de família, tentou fazer seu marido compreender que não havia nada por que se preocupar.

Mas ele era irredutível. Esse namorico tinha de terminar — e imediatamente. Ele tinha preocupações suficientes em Roma, sem ter que perder tempo com o Chefe de Polícia sobre relatórios das idas e vindas do chefe de estação. Nesta preocupação compreensível, mas algumas vezes excessiva, com a opinião pública, meu pai tomou a decisão radical de transferir o jovem chefe de estação para a Sicília, não compreendendo que por causa dessa medida, completamente desproporcional à verdadeira situação, estava confirmando os rumores, inclusive os mais absurdos e maldosos. Eu creio que para Edda não ver o chefe de estação (se ele existiu algum dia) não teve a menor importância. O que talvez a magoou foi ser tratada como se tivesse realmente envergonhado a família, quando não tinha feito nada errado.

Esta é a única luz que eu posso lançar sobre este assunto que, pelo menos de acordo com os jornais que eu lia nos anos do pós-guerra, teve seu breve momento de importância na bisbilhotice italiana. E assombra-me que esses jornais, que eram supostamente bem informados, esquecessem um detalhe de fato importante — que Edda recebeu uma proposta de casamento quando estava no segundo ano da escola primária.

Na época morávamos em Milão, na Via Castelmorrone. O precoce pretendente estava no quarto ano e vivia no sobrado embaixo do nosso com sua mãe e uma irmã.

"A mãe — recordou Edda — era uma mulher bem conservada que costumava fazer saltar a mesa quando evocava o espírito do marido morto, e a irmã era uma moça de uns vinte anos a quem meu pai dava lições de matemática pura (lições que terminaram logo porque minha mãe não acreditava que servissem

para qualquer objetivo útil). Lembro-me perfeitamente bem daquele rapazinho. Era um pouco maior do que eu e foi o primeiro a dizer: 'Quando eu for crescido, eu vou casar com você'. Ele costumava me dar uma porção de presentes. Tinha instalado uma espécie de carro elétrico entre a janela dele e a minha, e os presentes chegavam pelo ar. Eu me lembro, entre outras coisas, de uma porção de bolas de lã coloridas. Embora eu tenha esquecido o rosto que costumava olhar lá de baixo para mim, ainda posso ver aquelas bolas coloridas subindo lentamente suspensas no ar. Naturalmente ele as tinha roubado de sua mãe. Eu não pedia nada; era tudo dado por puro amor. O prazer dele em dar não me emocionava, nem eu experimentava qualquer prazer especial em receber, mas o balouço precário daquelas bolas coloridas era maravilhoso, e o era também o medo de que a qualquer momento elas mergulhassem no que me parecia um abismo..."

Depois desse garoto, outro personagem notável figura nos anais das "conquistas da minha irmã", um rapaz a quem nós todos sempre chamávamos Fiumano, pela boa razão de que ele era de Fiume e tinha um nome eslavo que era difícil de pronunciar.

Era isto no tempo da campanha D'Annunzio, e muitos refugiados de Fiume tinham recebido lares temporários oferecidos por famílias lombardas, especialmente em Milão. Ainda consigo lembrar-me da impressão que me davam aquelas mulheres, homens velhos e meninos que passavam por mim quando caminhavam pela Galleria (a arcada que passava entre a Piazza del Duomo e a Piazza della Scala). Podia-se distingui-los no mesmo instante, e as pessoas corriam a dar-lhe uma palavra bondosa; mas outros pareciam

divertir-se fazendo-os ficarem embaraçados. Eu era ainda muito jovem para compreender, mas lembro-me de ter ido para casa transtornado um dia por ter visto uma mulher olhar desdenhosamente para um pequeno grupo daquela pobre gente e depois dizer alto "eslavos" — uma palavra que anos mais tarde eu vim a conhecer como o insulto mais terrível que podia ser lançado a nossos irmãos que viviam sob o domínio estrangeiro. Nosso apartamento não tinha lugar suficiente nem para nós, mas meu pai quis que acolhêssemos pelo menos um refugiado, e o destino enviou-nos aquele a que chamamos "Fiumano". Havia apenas um Fiumano, mas valia dez garotos juntos. Devia ter uns quinze anos de idade. Era bastante atarracado, com grandes olhos que pareciam mais negros sob as sobrancelhas hirsutas. Minha mãe tinha mais cuidado com ele do que conosco.

— Tenho de ser mãe dele também — costumava ela dizer. E nesse papel dava-lhe também alguns cascudos.

Devo dizer que o Fiumano merecia muito mais do que recebia, porque, se nós éramos "mariolas", ele era muito mais do que uma ameaça. Nós, no máximo, podíamos quebrar uma lâmpada ou duas de rua com pedradas ou assustar todo o quarteirão com as nossas excursões pelos telhados, mas isso era tudo o que fazíamos. Para o Fiumano tais coisas não passavam de bagatelas. O problema de Fiume, D'Annunzio, e seus legionários dos Ronchi — tudo isso lhe dava uma oportunidade para mostrar sua verdadeira personalidade. E o Fiumano era sem dúvida o maluco mais simpático que eu já conheci.

Toda vez que minha mãe ouvia dizer que ia haver uma manifestação a favor ou contra D'Annunzio, corria a fechar o Fiumano em casa. Mas ele

sempre arranjava algum meio de escapar. Minha mãe saía para a rua à procura dele; e nós seguíamos atrás com uma secreta e ilimitada admiração por aquele rapaz que sozinho era capaz de causar tanta confusão. Costumávamos encontrá-lo nas situações mais inimagináveis e perigosas. Uma vez, por exemplo, houve uma manifestação anti-D'Annunzio perto da Arena. A polícia não tinha podido dispersar os manifestantes e o *prefetto* achara necessário chamar o Exército. O comandante do Exército local mandou um esquadrão da cavalaria ligeira que advertiu os manifestantes para se dispersarem. Os manifestantes não lhe deram atenção e a cavalaria tomou posição, pronta para atacar.

Justamente nesse momento, saindo duma confusão de gente brigando, apareceu Fiumano. Tinha as roupas rasgadas e o nariz sangrando e berrava como um louco:

— Viva Fiume italiano!

Em seu entusiasmo louco ele não viu o que estava para acontecer e, tomando talvez a cavalaria por inimigos, avançou arrojadamente para o esquadrão, que estava justamente a fazer a sua carga. Minha mãe soltou um grito. Meu coração batia-me furiosamente na garganta. A poucos passos de distância a cavalaria, bela e terrível, carregava os sabres desembainhados, e o povo escapava em todas as direções. Fiumano deve ter terminado sob os cascos daqueles animais em carga — talvez estivesse já morto e certamente estava ferido. Mas não. Menos de um minuto depois Fiumano surgiu ao nosso lado, num estado terrível, mas ileso na realidade, salvo o sangue do nariz em conseqüência dum murro que recebera na confusão anterior. E, o que é mais, ele tinha saído ileso através dum esquadrão de cavalaria em carga.

Esta façanha, mais as manchas de sangue, que eram muito decorativas, aumentou enormemente a nossa admiração infantil por Fiumano. E, como minha irmã era a única moça da nossa família, ele decidiu apaixonar-se por ela. Minha irmã não partilhava os sentimentos dele, mas não se pode dizer que Fiumano, turbulento como era, não a impressionasse.

— Vou entrar na Marinha e me tornarei almirante, depois venho e levo você no meu couraçado — declarou Fiumano.

E não é todo dia que se oferece a uma moça a perspectiva de um noivo à espera dela fora de casa num couraçado — especialmente quando ela vive em Milão. Edda, que tinha, e ainda tem, um senso crítico bem desenvolvido, disse a Fiumano que uma pessoa não podia chegar a Milão num couraçado — mas para Fiumano isso era um detalhe sem importância.

— A gente pode facilmente chegar a Milão pelos canais do Adriático.

Minha irmã ouviu com os olhos muito abertos. Pensou um pouco e depois comentou:

— Fiumano é louco — e sorriu.

Que Fiumano era louco não havia qualquer dúvida na nossa casa, especialmente se lembrarmos como desapareceu das nossas vidas. De vez em quando Fiumano saía para as ruas para demonstrar a unificação de Fiume com a Itália, e depois de algum tempo acostumamo-nos a isso. Mas um dia Fiumano desapareceu... e todas as tentativas para encontrá-lo foram inúteis. Minha mãe ficou terrivelmente preocupada, pensando como sempre em sua responsabilidade para com o filho de outra mãe. Meu pai, para dizer a verdade, estava começando a ficar farto dele, tanto mais que tinha ouvido a respeito das pro-

postas que o garoto maluco tinha feito à minha irmã. Procuramo-lo o dia inteiro e a noite inteira nas ruas, no hospital, na delegacia de polícia. Nada. De manhã, meu pai, procurando os chinelos, notou uma grande e estranha trouxa debaixo de sua cama. Era Fiumano... dormindo tranqüilamente. Essa estava destinada a ser a última gota que faria transbordar a taça de paciência dele. A questão de Fiume estava felizmente em vias de ser resolvida pacificamente, e isso libertou meu pai dos últimos escrúpulos patrióticos. Fiumano arrumou as malas, jurou a minha irmã que voltaria para buscá-la no couraçado ou mesmo a pé, e partiu de vez. Muitos anos mais tarde um amigo disse-me por acaso que Fiumano estava ganhando como violinista no teatro duma pequena cidade da Emilia... e foi a última vez que ouvi falar dele.

Estes foram os flertes principais de minha irmã antes de nos mudarmos do Foro Buonaparte para a Via Mario Pagano, n.° 39. Era um apartamento muito mais elegante, e tinha a vantagem — algo que nos enchia de orgulho, a mim e a meus irmãos — de ter um elevador. Edda tinha então dezesseis anos: estava tomando mais cuidado com a sua aparência, usava meias, comprara alguns vestidos elegantes, e notei que ela gostava quando algum rapaz mais velho mostrava interesse por ela. E então, em 1928, decidiu-se a mandá-la numa excursão à Índia.

— Uma viagem longa será muito boa para ela — disse meu pai. — É tempo de ela se tornar uma senhorita e aprender a conhecer o mundo.

A decisão foi recebida em casa com um entusiasmo indescritível. Para mim e meu irmão Bruno, a viagem à Índia, a terra de Tremal Naik e dos *thugs*, parecia um golpe de sorte fantástico... e inveja-

mo-la. Nós sempre tínhamos admirado Edda e agora mais ainda porque ela ia aos lugares tão queridos à nossa imaginação. Ela era a melhor de nós e era justo, afinal de contas, ter sido ela a escolhida pelo destino. Edda embarcou no transatlântico *Tevere* em 10 de dezembro de 1928. A viagem custou 13.765 liras, uma soma substancial naqueles tempos, e meu pai pagou de maneira normal, como todos os passageiros da excursão, entre os quais iam o Senador Ettore Conti e sua esposa Gianna, que haviam combinado com meu pai cuidarem da nossa irmã. Nesse ano Edda passou o Natal em Ceilão e sentimos muita falta dela. Alguns dias depois mandou-nos uma carta dizendo que, enquanto ela visitava as ruínas de Anurhadapura, a antiga capital da ilha, havia conhecido um jovem indiano, muito bonito, cujo nome era Sundaran.

Sundaran era um moço de distinção que havia estudado na Inglaterra e era amigo de Gandhi. Tinha ido de Benares a Anurhadapura especialmente para conhecer a filha de Mussolini e expressar a admiração dos nacionalistas indianos pelo Duce, campeão dos povos oprimidos. O encontro causou grande impressão em Edda, ocorrendo como ocorreu de modo completamente inesperado e tão longe da Itália; ela escreveu a respeito a meu pai e disse-lhe quanto se sentia orgulhosa por ser sua filha. Foi diferente para nós, rapazes: a idéia deste Sundaran, surgindo de repente das ruínas de uma cidade fabulosa, tinha um sabor salgariano que deixou tudo o mais em segundo plano. Imaginamo-lo alto, esguio, de cor azeitonada, grandes olhos negros e turbante e um grande punhal (com o punho marchetado de pedras preciosas) enfiado na faixa de seda.

— Ele será o marido certo para Edda — disse Bruno gravemente. — Ela ficará lá com ele e nós podemos ir e ficar com ela. Iremos caçar tigres.

Todos os nossos planos se desmoronaram miseravelmente quando Edda voltou para casa. Ela ficou assombrada quando a interrogamos tanto sobre o aparecimento de Sundaran e divertiu-se muito com a nossa decepção quando nos disse que Sundaran se vestia mais ou menos como um europeu, não levava nem mesmo um canivete e estudava Direito. Edda era já uma mulher feita, e nós ainda éramos crianças. A viagem tinha alargado o abismo entre nós até um ponto que só seria transposto quando nós também tivéssemos passado através do sonho feliz e emergido na vida real. A viagem de Edda, como meu pai previra, tinha-lhe feito bem. Ela havia-se tornado mais gentil e mais tranqüila, embora alguns episódios tenham mostrado que, no fundo de sua natureza, ela era a mesma de sempre — impetuosa e desinibida. Edda gostava de dançar, mas não escondia que as recepções a enfastiavam, nem poupava a sua língua crítica afiada quando se via diante de funcionários que queriam cair nas boas graças do ministro do exterior (o Senador Conti) e a cumulavam de cortesias exageradas apenas a viam. Mas, apesar de vários "incidentes" incômodos, Edda aprendeu muito e melhorou substancialmente, graças ao conselho inteligente da Signora Conti e ao meio em que se encontrava. Como moça bem educada que era, conseguia dominar os lados mais tempestuosos de sua natureza. Ela também dava atenção à sua aparência, que antes havia negligenciado, e parou de usar muito batom. Além disso, ela havia aprendido rápido a se fazer entender em inglês.

No conjunto as coisas haviam melhorado, e desde então meu pai e minha mãe naturalmente começaram a pensar na possibilidade de casarem minha irmã. Não era um assunto fácil. Em toda família a escolha de um marido provável para a filha é sempre de imponderáveis e preocupações, porque os pais sabem por experiência que pesada responsabilidade têm nesta época. No caso de Edda a questão era mais complicada, tanto por causa da sua independência como porque não tinha quaisquer preferências — e também porque o que poderia estar bem do ponto de vista estritamente humano poderia chocar-se com as considerações políticas que meu pai tinha de levar em conta. Agora que Edda tinha voltado a Milão adotara um modo diferente de vida. Era mais despreocupada e mais senhora de si, e interessava-se por uma porção de coisas que antes haviam significado pouco para ela. Saía muito com amigos e amigas que tinha conhecido na excursão, misturava-se com famílias da boa sociedade milanesa, e, por algum tempo, com um jovem judeu. Os rapazes viam-no algumas vezes, e ele impressionou-os muito. Era um moço bem parecido, muito agradável e amante do esporte, e nós imediatamente gostamos dele porque ele se interessava por tudo o que dizíamos, e fazia com que nos sentíssemos no mesmo nível, de modo que não sentíamos essa miserável diferença de idade. Lembro-me de ouvir falar sobre ele nesse tempo e de Edda simpatizar muito com ele, mas foi dito também que havia muitas outras considerações que tornavam desaconselhável a continuação dessa amizade. Eu e Bruno, ainda garotos pequenos, não tínhamos o menor interesse por esse aspecto do assunto, e, quando os adultos começavam a discuti-lo, nós íamos para o parque brincar. A única coisa que sei é que este sim-

pático moço desapareceu do círculo de amizades de Edda.

Pouco tempo depois ouvi falar de outro pretendente, o Conde Pier Francesco Orsi Mangelli, um jovem cavalheiro da Romagna, cuja família minha mãe conhecia e de quem ficamos muito bons amigos, embora o casamento, que muitos consideravam uma certeza, nunca acontecesse. Muitos anos mais tarde Pier Francesco e eu servimos juntos no mesmo esquadrão de bombardeiros que teve base primeiro em Ghedi, na província de Brescia, e depois em Grattaglie, perto de Taranto. Passei com ele muitos dias imensamente felizes, algumas vezes passando perigo e em outras ocasiões divertindo-nos.

No outono de 1929 mudamos para Roma e fomos viver na Villa Torlonia. Ficamos muito tristes por deixarmos Milão, não só pelos amigos que tínhamos feito lá, mas também pela idéia provinciana de que a verdadeira Itália terminava em Florença — idéia que, com a passagem do tempo e quando começamos a olhar as coisas com opinião mais madura, modificamos radicalmente. De fato, foi em Roma, pouco tempo depois de chegarmos lá, que ouvimos falar dum noivo para a nossa irmã. O moço em questão, que nós conhecíamos apenas de nome, era Galeazzo Ciano — e eu e Bruno gostamos dele imensamente por causa dum fator muito importante: ele era um diplomata e estava em Xangai, uma cidade onde, segundo nós acreditávamos, ocorriam as aventuras mais fantásticas a cada hora, a cada dia, a cada noite. Nós nunca o tínhamos visto, nem Edda, e ele nunca tinha visto a nossa irmã. Mais tarde, soubemos que o nome de Galeazzo Ciano havia emergido, por um processo de eliminação, após um exame de todos os círculos onde havia boa probabilidade de ela

encontrar um futuro marido. Devo dizer que eu achei improvável que minha irmã, com seu temperamento, aceitasse tal solução e, sobretudo, que fosse a esposa feliz que foi com Galeazzo, apesar de tudo o que tem sido dito e escrito em contrário.

Naturalmente não havia falta de pares para minha irmã. Algumas pessoas tinham até esperado um casamento com o Príncipe Umberto, e eu devo dizer que esta foi a idéia mais insensata que ouvi expressar. Meu pai, sem falar de minha mãe, sempre discutia estas sugestões. Meu pai também rejeitava as sugestões de um casamento com algum representante da nobreza romana. Tal casamento seria de muito mau gosto, pois todo o mundo poderia dizer que, apenas atingiram o poder, os Mussolinis tentavam ocultar suas origens camponesas (de que meu pai e todos nós sempre nos orgulhamos na verdade), escondendo-se atrás dum velho brasão. Assim, postos de lado os nobres ou outros romanos, permanecia uma solução: procurar a nova aristocracia das forças armadas e da política.

Por isso foi que, depois de madura reflexão, a preferência de meu pai caiu na família Ciano. Constanzo Ciano era um amigo da mais absoluta confiança, um homem em quem meu pai tinha uma fé cega e que admirava imensamente. Forte, jovial, genuíno e um lendário lobo-do-mar, o velho Ciano agradava também à minha mãe; ela reconhecia nele muitas das boas qualidades do povo comum. Sobre Galeazzo, primogênito de Constanzo, nós não sabíamos muito. Antes de entrar para o serviço diplomático tinha sido jornalista e tinha também tentado o teatro — sem muito sucesso. Uma peça dele, montada por Bragaglia (como a obra de muitos jovens escritores do tempo, inclusive Vergani e Campanile) ti-

nha sido um fracasso. Mas ninguém duvidava de que Galeazzo era um moço talentoso. O pior que se podia dizer dele era que tinha levado algum tempo para encontrar o seu nicho — e parecia que o tinha encontrado no serviço diplomático. A aparência dele fazia contraste com a do pai: muito refinado, sempre impecável e bem vestido, com uma tendência natural para a vida da alta sociedade e uma aparência pessoal que agradava a alguns e desagradava a muitos, Galeazzo iria revelar-se em todos os sentidos um homem bem adequado para a vida dum diplomata. Galeazzo entrou para o serviço militar em 1927 e foi mandado para a China, onde não tardou a se destacar, e nos círculos do Palazzo Chigi (a localização dos fascistas era o Ministério do Exterior Italiano) havia grandes esperanças a respeito dele. Foi enquanto Galeazzo esteve na China que toda uma série de circunstâncias se desenvolveu e acabou levando ao compromisso dele com minha irmã.

No verão de 1928 Edda foi a Levanto para ver a mãe e a irmã de Galeazzo, que tinham ido para lá para os banhos. Edda nunca tinha visto a Condessa Ciano, mas gostou dela imediatamente. A futura sogra de Edda, por seu lado, gostou imediatamente da minha irmã, e, como acontece sempre com mães quando têm um filho longe de casa, a conversa girou em torno de Galeazzo, seus costumes, suas qualidades e seu desejo de fazer uma carreira.

Apesar do seu traço de rebeldia, Edda tinha — e tem — uma forte sensibilidade feminina. A recepção bondosa da mãe de Galeazzo tinha causado uma forte impressão nela, e ela já estava ansiosa por conhecer aquele moço que tinha aparentemente tantas qualidades. Edda deixou-se levar pela curiosidade e pediu para ver uma foto dele. A mãe de Galeazzo

ficou surpreendida, mas, no fundo, muito lisonjeada, e imediatamente abriu sua bolsa, na qual, como todas as mães, tinha uma foto de seu precioso filho. Galeazzo era realmente um homem atraente, justamente com o grau de confiança em si mesmo para interessar uma mulher como Edda. Estou convencido de que desde esse dia ela começou a levar mais a sério a idéia de se casar com Galeazzo Ciano.

Até aí ela tinha sido guiada, embora com a maior delicadeza, por nossos pais, mas Edda sabia que dependia dela unicamente decidir. Nem meu pai, nem minha mãe dariam qualquer passo e muito menos a forçariam, se ela mesma não quisesse casar com aquele homem. Nem havia qualquer questão de pressão dos pais dele pelo simples fato de a mãe dele ter gostado de Edda. A mãe dele não representava qualquer papel no assunto, e quanto ao pai de Galeazzo não era de surpreender que ele tivesse dúvidas consideráveis a sobrepujar antes de dar o seu consentimento ao casamento: com seu caráter reto e orgulhoso ele não queria dar a impressão de procurar ligar-se a um homem poderoso através do casamento da filha dele, embora o Duce fosse seu amigo.

Assim era que Edda estava, por estranho que pareça, absolutamente livre para fazer o que bem quisesse. Desde esse dia passado com a mãe de Galeazzo até o noivado e, depois, o casamento, era evidente que Edda tinha feito a sua escolha com conhecimento de causa e com convicção apaixonada. O tempo ia mostrar que ela tinha feito uma boa escolha.

VII

Outra pessoa que tinha estado presente na conversação entre Edda e sua futura sogra na praia do Levante era Maria, irmã de Galeazzo — e ela representou um papel importante na preparação do caminho para o primeiro encontro entre Edda e meu futuro cunhado. Maria era uma moça agradável e competente, ao mesmo tempo tímida e resoluta, cortês e grosseira. Mas era dominada por uma obsessão absurda e — como se provaria mais tarde — a obsessão fatal de não engordar. Era esguia como um varapau e mantinha-se viva mordiscando pão e, de vez em quando, uma azeitona, recusando-se a comer qualquer coisa mais substancial. Constanzo Ciano estava desesperado; sua maneira de olhar a vida e a boa comida era a de um velho, sadio e alegre marinheiro — e ainda por cima um marinheiro de Livorno. Ele adorava a sua família e, em particular, aquela moça que ele sentia instintivamente que tinha necessidade da sua atenção; mas não sabia como podia remediar a situação, a não ser afirmando sua autoridade de tempos a tempos. Maria não se atrevia a resistir francamente, e sentava-se à mesa e fingia comer. Mas ela escolhia o momento exato e, com a habilidade de um conspirador, punha o guardanapo em

frente da boca e deixava cair a comida debaixo da mesa.

Algumas vezes, como se isto não bastasse, ia para o seu quarto, onde guardava uma garrafa de vinagre escondida e bebia vários copos dele. Nós os rapazes gostávamos muito de Maria. Edda gostava dela e ela gostava de Edda, possivelmente por terem temperamentos tão diferentes: ao passo que Edda era sociável, dinâmica, agressiva, Maria era reservada e incapaz de enfrentar a realidade com segurança. A prova disto, ai de mim, uma prova penosa, viria com o casamento dela com o Conde Magistrati. O casamento foi quase suspenso no último momento por causa do estado emocional em que se encontrava a pobre moça algumas horas antes da cerimônia, tendo de ir para a cama com febre alta e seus pais — e o desolado noivo — tiveram de realizar milagres de delicada persuasão antes de ela se vestir e ir para a igreja onde meu pai, que era uma das testemunhas, estava esperando com muitas outras pessoas.

Maria, com um desses ímpetos de iniciativa das pessoas tímidas, decidiu tomar minha irmã sob a sua asa e arranjar um encontro com seu irmão nas circunstâncias mais favoráveis possíveis. O encontro teve lugar no fim de 1929, quando Galeazzo foi transferido da China para a Embaixada Italiana na Santa Sé. Do que eu recordo, Edda e Galeazzo puseram os olhos um no outro pela primeira vez no Teatro Realle dell-Opera, em Roma, durante uma apresentação do *Barbeiro de Sevilha*. No intervalo entre o segundo e o terceiro atos Edda foi ao camarote dos Cianos para cumprimentar Maria e a Condessa que, creio, a recebeu com especial entusiasmo por Galeazzo estar lá. Eles mal tiveram tempo de trocar algumas palavras, porque justamente nesse momento meu pai, estragando inadvertidamente os

planos das duas moças, chamou Galeazzo ao seu camarote para uma conversa sobre os últimos acontecimentos militares e políticos da China. Eu não sei se Edda e Galeazzo se encontraram depois da ópera. Eu e Bruno não dávamos mais muita atenção ao que Edda fazia, pois ela já era uma senhorita e nós não tínhamos mais os mesmos interesses. Mas sentíamos que havia alguma coisa no ar: Edda saía mais do que de costume, em casa era mais alegre, e ouvia discos horas seguidas; numa palavra, mostrava todos os sintomas de uma moça enamorada.

Nesse tempo — era em 1930 — a nossa família estava finalmente gozando dum período de calma e relativa prosperidade. Depois de 1925-26, que foram os últimos anos de sublevação na política interna italiana, foi encontrada uma solução para um problema restante desde o Risorgimento — o acordo entre a Igreja e o Estado. Com o acordo honroso a que se chegou na Concordata, iniciou-se um período pacífico que trouxe um ressurgimento da nossa vida nacional em todos os setores e também as maiores e mais duradouras realizações do regime fascista. O prestígio italiano crescia continuamente. O resto do mundo olhava a Itália com admiração amiga pelo esforço que estava fazendo, com recursos tão escassos, para se arrancar do caos do pós-guerra e restabelecer seu lugar no mundo. Este foi o período das primeiras invasões dos turistas de mochila. Milhões de estrangeiros, especialmente anglo-saxões (de calções, jaquetas de xadrez, grandes chapéus, cachimbos, as mulheres deles com meias grossas e rijas saias cinzas) estavam começando a descobrir uma Itália sobre a qual não tinham lido em seus livros. Roma era a principal admiração tanto dos turistas como dos peregrinos que, depois dos Tratados de Latrão, come-

çaram a vir mais e mais freqüentemente e sempre em maior número — atingindo o ponto alto com as comemorações do Ano Santo (houve mais comemorações especiais em 1931). Para Roma vieram também personalidades dos setores da cultura, das artes, dos esportes e da política da Itália e de muitos outros países; e a sala do Palazzo Venezia (o gabinete do primeiro-ministro, o equivalente do n.º 10 Downing Street da Inglaterra), onde eles esperavam ser recebidos por meu pai, era um barômetro da atração de Roma. Havia músicos como Mascagni, Puccini, Paderewski, Respighi e Alfano; cientistas como Marconi, Fermi, Aston, Beher, Compton, Millikan, Perrin e Richardson (os cientistas tinham vindo a Roma para o primeiro congresso de física nuclear, e seus nomes estavam destinados a figurar muitas vezes na história da ciência); escritores como Gemito e Pirandello; políticos como Churchill, Chamberlain, Dolfuss, Litvinoff, Laval, e o Cardeal Pacelli (mais tarde papa); homens do teatro como Gordon Craig e desportistas como Carnera. Todas as audiências eram dadas no Palazzo Venezia, com a única exceção de Gandhi, que foi recebido na Villa Torlonia com sua cabra inseparável. Nós, os rapazes, ficamos espreitando através das persianas, enquanto meu pai falava no jardim com o pequenino homem austero que tinha semelhante auréola de dignidade moral. Depois que ele partiu, meu pai reentrou na casa e encontrou-nos rindo, em nossa bem-aventurada ignorância, por causa da cabra. Ele nos olhou severamente. O encontro tinha-o comovido, e a extrema simplicidade de maneiras daquele homem tinha confirmado a estima de meu pai por ele.

— Esse homem e sua cabra — disse ele — estão abalando o Império Britânico.

E deixou-nos, perguntando-nos como era possível representar um papel importante na História sem usar exércitos, marinhas e aviões.

Naquela atmosfera cheia de confiança e esperança, a Villa Torlonia era uma casa pacífica para todos nós. Algumas vezes, os Cianos, marido e mulher, vinham ver-nos. Não creio que tivessem ainda dito nada a respeito de Edda e Galeazzo a meus pais, mas todos quatro sabiam, sem terem feito discursos desnecessários a respeito, que os dois jovens iriam em breve confirmar seu desejo agora evidente de se casarem. Carolina Ciano inspirava um certo terror a mim e a Bruno. Era uma mulher de boa aparência, alta e magra, de porte delicado e nobre — tudo demais para nós. Constanzo Ciano, por outro lado, era vigoroso, alegre e muito vivaz; era a própria encarnação dos lobos-do-mar que nós havíamos imaginado e admirado nas nossas histórias de aventuras. O que é mais, resultou que ele tinha uma porção de histórias e aventuras reais. Mesmo meu pai, que era normalmente reservado com seus colegas, inclusive os mais íntimos, com Constanzo abria-se e era geralmente comunicativo. Era evidente que ele se sentia perfeitamente à vontade com ele e não precisava pesar as suas palavras, sabendo perfeitamente que podia contar com uma lealdade firme e sincera em Constanzo — eu diria, de Constanzone (o velho Constanzo), que era como nós o chamávamos como prova de estima especial; e este nome dele, que o divertia muito, veio a tornar-se de uso geral e foi adotado, com a passagem do tempo, pelos filhos de Edda.

Uma noite eu e Bruno voltávamos para casa do cinema — deviam ser umas oito horas da noite — e encontramos a criadagem toda afobada. Vinha gente para jantar. Ficamos surpreendidos, porque

meus pais nunca recebiam pessoas para refeições na Villa Torlonia, e os únicos estranhos que de vez em quando comiam ocasionalmente conosco eram certos condiscípulos meus e de Bruno. Procuramos minha mãe que, com essa aversão que tinha por qualquer espécie de solenidade mundana elegante — algo que, para dizer a verdade, causou mais de uma vez desentendimentos e embaraços desnecessários — disse-nos que os Cianos vinham jantar.

— Todos eles — acrescentou ela, desesperadamente preocupada com o número (três de fato), que para ela parecia excepcional. Mas tomou ânimo e ordenou que vestíssemos as nossas melhores roupas — calças curtas azuis, jaqueta azul e camisa branca com a gola aberta por fora da jaqueta. Nós estávamos esfomeados e aborrecidos com este sucesso imprevisto. Corremos para a escada e, tendo verificado que havíamos alcançado distância suficiente entre nós e nossa mãe, desabafamos com um "Puxa, que chateação!", e corremos: nesse tempo minha mãe ainda era extraordinariamente rápida quando queria dar-nos um pescoção.

"Todos" os Cianos — Constanzo, Carolina e Galeazzo — chegaram por volta das nove horas. Sentamo-nos imediatamente para comer. A refeição era muito simples (na nossa casa nunca havia cozinheiras de alta classe ou criadas — apenas boas moças romanholas sempre escolhidas por minha mãe), e a atmosfera foi muito cordial, graças especialmente a meu pai e a Constanzone, que eram uma classe por si sós quando o seu bom humor estava em todo o vigor. Eu e Bruno olhávamos aquelas coisas com certa indiferença. Tinham havido indicações suficientes que apontavam aonde as coisas iam chegar, inclusive este jantar de cerimônia, que era incomum em

nossa casa. Minha irmã quase nem olhava para nós, e tampouco os outros — evidentemente interessados apenas naquilo em que estavam falando. Assim que o prato da fruta terminou, olhamos para o outro lado da mesa para minha mãe pedindo permissão para deixarmos a mesa: ela acenou com a cabeça e nós os deixamos lá sentados.

Alguns dias depois começaram os preparativos para uma recepção realmente grande — a primeira e última a ser dada na Villa Torlonia. Para minha mãe foi, creio, uma das provações da sua vida. Para se organizar, pois era impossível não dar a recepção, minha mãe pediu a meu pai que fizesse uma lista de todos os convidados. É perfeitamente sabido que os homens são ineptos nessa espécie de coisas, mas meu pai tinha uma secretária e uma equipe para tratar dos eventos sociais, e transferiu para eles a importuna tarefa. Decidiu-se convidar apenas uns poucos amigos íntimos, e minha mãe recebeu uma lista de trinta pessoas — um número assustador — mas minha mãe decidiu enfrentá-lo com coragem. Naturalmente o número não parou nos trinta. Meu pai telefonava dizendo que convidaria fulano e sicrano, que ficariam ofendidos se fossem esquecidos. Depois a secretária de meu pai sugeria alguma outra pessoa, do contrário ficaria feio. Depois era Constanzone dizendo que sentia muito, mas teria de incluir fulano e sicrano e beltrano. Os trinta tornaram-se quarenta, depois cinqüenta, depois noventa. Dois dias depois, em 23 de abril de 1930, nos jardins da Villa Torlonia, os "poucos amigos íntimos" tinham subido para quinhentos e doze e minha mãe tinha, várias horas antes, desistido de protestar. Meu pai, que no princípio ficara zangado com ela e depois se havia divertido com suas explosões de raiva, apreciou a

maneira humana e genuína como ela sentia; ele compreendia a antipatia dela por qualquer espécie de reunião oficial, e de todas essas coisas que pertenciam a uma classe social diferente. Assim ele achou as palavras certas para mostrar a sua solidariedade e minha mãe pagou-lhe recebendo todos os convidados com milagrosa doçura e cortesia.

Os jornais do dia descreveram a recepção duma maneira que teria dado prazer a qualquer dona-de-casa, desde que não fosse "Donna Rachele" a qual, cumprido o seu dever, perdeu completamente o interesse pela crônica social. Compareceram à recepção quarenta e sete excelências com suas respectivas esposas, todas com o título de "Donna". Entre os convidados havia embaixadores, ministros acreditados no Quirinal (*) e muitos dos mais distintos nomes da aristocracia italiana — a família ducal dos Sforzas, o Marquês e a Marquesa de Vulci, o Conde e a Condessa Gaddi Pepoli, o Príncipe e a Princesa Vanulelli, o Barão e Baronesa Blanc, o Conde e a Condessa Macchi de Cellere, o Príncipe e a Princesa Chigi Albani, o Marquês e a Marquesa Misciatelli; havia também senadores, deputados, donos de grandes jornais e funcionários do partido principal. Os noivos estavam sentados a uma mesa junto aos lugares ocupados por meu pai e minha mãe, Carolina e Maria Ciano, e Monsignor Borgoncini Duca. Minha irmã, diziam os jornais, usava um vestido de *chiffon* rosa *imprimé*, mas eu e Bruno nem ao menos notamos porque estávamos muito ocupados andando

(*) O Palácio do Quirinal era a residência dos reis da Itália na cidade e portanto "o Quirinal" denotava a monarquia italiana e o governo civil — em oposição às autoridades vaticanas.

em volta da multidão de hóspedes e divertindo-nos muito a observar todos os cavalheiros de chapéu alto (era uma recepção ao ar livre) e as damas com aqueles horríveis chapeuzinhos de *cloches* e as peles moles e fofas, com os rostos brancos de pó-de-arroz espreitando através deles.

— Parecem personagens de um filme de Ridolini (um comediante da época cujo nome inglês era Larry Semon) — murmurava-me Bruno, dando-me uma cotovelada quando passávamos por algum cavalheiro especialmente imponente ou de uma dama muito pintada. Tentávamos estar alegres, mas não o estávamos realmente. Como todo mundo na nossa família, nós nunca tínhamos mostrado os nossos sentimentos para o mundo de fora. Tenho ouvido membros da nossa família comentar nascimentos e mortes, boa sorte e desastre, com um simples "Oh", porque assim é o nosso temperamento. O que não significa que sintamos menos: ao contrário. Nesse dia eu e Bruno sentimos que Edda estava perdida para nós e para sempre. Agora ela pertencia a outro mundo, não podia mais comandar as nossas expedições nos telhados e nas florestas. E, pior ainda, nós estávamos marchando, por nossa vez e sem ela, em outra fase das nossas vidas.

Tudo isto era demasiado complicado para compreendermos claramente; deixava-nos num estado de entorpecimento que, depois de algum tempo, deu lugar à depressão.

— Olhe para ele — disse Bruno, indicando Galeazzo.

Parecia refinado em seu fraque o nosso cunhado. Era um moço de boa aparência, cheio de atenções e sorrisos para a nossa irmã. Mas ele não era o

tipo que nós havíamos imaginado e que tínhamos o direito de esperar, porque um homem que tinha estado em Xangai não devia ser daquele jeito — tão requintado, tão elegante e tão diferente do herói de Salgari. Bruno olhava para todos os altos pinheiros em volta da Villa Torlonia. O sol começava a se pôr e os troncos dum lado do jardim brilhavam como carvões em brasa. O Quartetto della Filarmonica Chigiana tocava música clássica em honra de Edda e Galeazzo.

— Você sabe — continuou, lançando um olhar experimentado através dos pinheiros — Galeazzo não seria capaz nem de trepar numa figueira.

Abanou a cabeça e esperou a minha desaprovação também.

— Eu também não creio que ele fosse capaz — respondi — mas se Edda é feliz...

No dia seguinte, quinta-feira, não podia mais haver dúvida sobre a felicidade dela: o padre da igreja de San Giuseppe, Don Giovenale Pascucci, fez a pergunta a ela. Ela disse sim e tornou-se Condessa Ciano.

As últimas horas antes de um casamento são sempre cheias de confusão e excitação em qualquer família, mas na nossa casa nós chegamos ao auge da confusão por causa de minha mãe. Sempre me recordarei disso: apenas uns poucos minutos antes de começar a cerimônia, ela quase nem tinha começado a trocar-se e andava pela casa tentando fazer milhares de coisas ao mesmo tempo, o que significava que não podia fazer nenhuma delas, e, além disso, atrapalhava a passagem de meu pai, que já estava pronto com o fraque vestido e as luvas brancas e procurava freneticamente o chapéu alto de ópera — do qual eu e Bruno nos tínhamos apossado e adorávamos abrir e

fechar como se tocássemos um acordeão. Em todo este caos Edda conservava como uma deusa as mais altas qualidades de frieza da nossa família e o senso de humor de sempre. Ela usava um vestido branco Montorsi de cetim magnífico tecido em Como, e exibia um véu esvoaçante, arrepanhado em uma grinalda de pérolas e flores-de-laranjeira. Dois pequeninos pajens, nervosos e excitados, esperavam para tomar a frente do longo cortejo. Era evidente que suas mães os tinham estado a preparar para esse momento durante dias e dias de treinamento rigoroso, e os pajenzinhos estavam apavorados com medo de cometerem o menor erro... o que eles imediatamente fizeram.

Edda entrou na igreja pelo braço do pai, sob a arcada de espadas desembainhadas dos Mosqueteiros do Duce. Atrás vinham Galeazzo com a Condessa Ciano, Constanzo e minha mãe e as testemunhas — Dino Grandi (o homem que em 1943, no Grande Conselho Fascista, apresentou a moção que levou Mussolini à prisão e encarceramento), meu tio Arnaldo, De Vecchi di Val Cismon, o Príncipe Torlonia. O pequeno cortejo foi recebido pelo padre que acompanhou o par de nubentes até o genuflexório, enquanto as duas famílias tomavam seus lugares dos dois lados do altar. A igreja era uma massa de flores. "Era como se", escreveu o repórter do *Corriere della Sera*, "todos os jardins de Roma se desnudassem para enviar suas rosas, azáleas, lírios e lilazes para a filha do Duce".

Minha mãe mandou depois todas as flores para o cemitério do Campo Verano para serem espalhadas na cripta dos caídos na guerra.

Uma multidão enchia a Via Nomentana. Os mais felizes sabiam até o que estava na lista de pre-

sentes de casamento: o Papa tinha mandado um rosário de ouro e malaquita, o rei e a rainha um bracelete de ouro com pedras preciosas, a Câmara dos Deputados um valioso serviço de chá, o Senado a renda de Burano, o PNF (Partido Nazionale Fascista) um magnífico broche, e o governador de Roma um bracelete de rubis; enquanto de todas as cidades, províncias e federações fascistas e inumeráveis cidadãos particulares (posso dizer isto hoje sem medo de ser chamado o porta-voz do Ministério da Cultura Popular, o departamento de propaganda oficial) viera uma grande variedade de presentes acompanhados das mensagens mais afetuosas, muitas vezes anônimas, que provavam que meu pai era realmente amado pelo povo.

Depois da cerimônia, quando o par estava a caminho de Nápoles e daí para Capri, estabeleceu-se finalmente uma calma relativa na nossa casa. Os quartos pareciam um campo de batalha, minha mãe teve uma terrível dor de cabeça e meu pai e os pais de Galeazzo estavam dominados pela emoção. Os pais de Galeazzo vieram jantar conosco. A princípio nem eles nem meus pais conseguiram falar. Não podiam evitá-lo: estavam todos pensando nos dois jovens que tinham partido e a refeição ameaçou terminar muito tristemente. Mas em breve meu pai e Constanzone começaram a recordar os acontecimentos e incidentes do dia, descrevendo as expressões dos convidados e o que eles vestiam, e o estado de espírito geral melhorou rapidamente.

Mas quando eu e Bruno fomos dormir e tiramos nossas melhores roupas, sentimo-nos um pouco deprimidos, pois elas eram tudo o que restava daquele dia terrivelmente importante.

O que era verdade. Minha irmã — e a gente teria de lhe perguntar por que era assim — sempre dizia, mesmo já em menina, que nunca se casaria com um toscano ou um advogado, e casou-se com Galeazzo que provinha de Livorno e tinha o curso de direito.

— Eles certamente serão felizes — insisti eu rigidamente, repetindo as palavras que tinha ouvido uma velha senhora dizer e de que eu tinha gostado muito.

Com efeito, Edda e Galeazzo, especialmente naqueles primeiros anos, foram realmente felizes. Depois da lua-de-mel em Capri, partiram para a China, onde Galeazzo tinha sido nomeado cônsul-geral. Minha irmã sempre recorda aquele período de sua vida com grande alegria. Em Xangai e depois em Pequim, de 1930 a 1933, ela encontrou o que havia procurado: uma vida atarefada, agradável e variada, num mundo completamente diferente, no qual ela pôde imprimir sua forte personalidade à vontade, como se fosse um enorme brinquedo. Ao lado dela tinha um moço satisfeito consigo mesmo, com a sua carreira e com uma esposa que num tempo muito curto havia conquistado a admiração e a popularidade em toda parte daquele mundo difícil.

No princípio de 1931, quando ocorreram as primeiras desordens em Xangai e muitos estrangeiros ficaram com medo e fugiram, Edda era a primeira-dama da cidade. A sociedade elegante seguia humildemente os gostos dela em roupas e divertimentos e esportes, esquecendo que estava copiando uma mulher que não havia sido educada em colégios caros, mas na pobreza e nas cruéis vicissitudes da batalha política.

O jornal local de língua inglesa, procurando deter o êxodo de estrangeiros, usava apenas uma arma. Publicava uma página inteira ilustrada de Edda com a legenda: "A primeira-dama de Xangai não partirá."

Foi em Xangai que, em 1.º de outubro de 1931, nasceu o primeiro filho de Edda, Fabrizio. Por que eles deram esse nome não sei. Ninguém em casa se chamava assim, e todos pensávamos que era um pouco artificial porque também haviam dado os nomes de Benito e Constanzo à criança. Minha mãe, em particular, detestou o nome Fabrizio, mas seria inútil procurar uma explicação racional. Eu creio que a desaprovação desse nome por minha mãe, o qual, na verdade, não era mais pretensioso do que os outros dois nomes, era apenas a expressão de um complexo profundamente arraigado — sua inquietação constante. Minha mãe manteve-se sempre uma mulher de gostos simples, e não é segredo que ser a mulher do Duce nunca lhe subiu à cabeça. Em seu velho bom senso ela nunca confiou no sucesso e no poder, e por isso teve sempre suas dúvidas a respeito do casamento de sua filha. Talvez ela tivesse gostado dum homem da classe trabalhadora, alguém comum, não misturado com política e certamente não envolvido na alta sociedade internacional. Minha mãe sempre foi atraída e, ao mesmo tempo, repelida por esse mundo e ela o demonstrou — escondendo sob o mais violento desprezo o seu vago medo de ser julgada por ele. Assim isto explica por que Galeazzo — que por temperamento era completamente talhado para um modo de vida estranho para minha mãe e cuja carreira, de qualquer modo, estava acentuando o modo requintado de vida — não podia ser completamente do agrado dela.

Mas eu gostaria de dizer que isto não procedia, de modo algum, como muitas vezes foi escrito e dito, e que até a própria Edda algumas vezes se queixou, de uma antipatia direta e pessoal. Com efeito, em várias ocasiões, minha mãe tomou o partido de Galeazzo contra sua filha. Era algo completamente diferente, algo que ia muito mais longe, creio, do que a antiga e humilhante distinção entre os *signori* e os pobres — que o progresso não apagou nem mesmo hoje. Minha mãe não estava do lado dos *signori*, e talvez inadvertidamente ela tivesse preconceito contra tudo o que emanava desse lado da divisão. Galeazzo estava do outro lado. E tinha levado Edda para lá. Nada havia de errado nisso, naturalmente, e, além do mais, era a vida que Edda apreciava, e Galeazzo era o marido perfeito para ela. Mas minha mãe talvez nunca compreendesse isso. Razão por que ambas, ela e Edda, e indiretamente meu pai, sofriam mais do que tinham razão para sofrer.

VIII

Naquela tarde de 28 de abril de 1945 estava tão frio que parecia inverno na enfermaria do Colégio Gallio em Como. Ou talvez fosse eu que sentia frio, porque a tensão nervosa daqueles dias terríveis da nossa aventura era demais. Desde a chegada ao colégio na noite anterior eu não tinha conseguido pregar olho.

Eu tinha certeza de que a qualquer momento alguém viria e me mataria só porque eu era filho de Mussolini. É difícil dizer o que se sente em tais momentos. Eu já tinha enfrentado a morte na guerra — tinha-a enfrentado, o que é mais, no ar, sem o alívio sólido de ter a terra debaixo dos pés e o sentimento protetor que dá, embora seja ilusório. Na guerra, porém, era diferente. Eu tenho ouvido falar de homens "que nunca têm medo", mas eu não creio que eles existam. Todos os homens têm medo: é pura e simplesmente que alguns conseguem fazer o seu dever apesar do medo e outros não. Na guerra era possível a pessoa fazer o seu dever graças ao pensamento de que lutava por seu país e, se vinha o fim, a gente podia partir deixando um nome que seria honrado e lembrado. Mas agora não havia mais essa compensação: restava apenas o medo, esse medo ilimitado, frio, inútil de morrer, sem muita esperança de se re-

sistir com armas ou palavras. E, no meu caso, não seria morrer nas mãos dum estrangeiro, mas nas mãos de homens nascidos no meu país, homens que me insultariam na minha própria língua e, o que era pior, que pensariam em mim como verdadeiro inimigo.

Eram estes os pensamentos quando olhava a fileira de camas de ferro da enfermaria com o esmalte escuro descascado. Estavam todas vazias. Muitas vezes eu tinha desejado uma cama limpa e algumas horas de paz como o máximo dos luxos. Agora, em todo esse silêncio e toda a necessidade, eu mal podia deitar-me. Comigo, provavelmente imersos nos mesmos pensamentos, estavam Orio Ruberto e Vanni Teodorani (primo do autor), agora não apenas parentes, mas, acima de tudo, fiéis amigos.

Tínhamos trazido conosco um radiozinho Phonola e o mantínhamos ligado muito baixo como tínhamos sido aconselhados a fazer pelos padres Somaschi quando nos acolheram, a fim de podermos ouvir o que os "outros" estavam dizendo — os que tinham vencido. De repente — devia ser aí pelas cinco — o hino dos guerrilheiros foi interrompido e ouvimos a voz excitada do locutor anunciar:

— Atenção, atenção!

Passaram-se alguns segundos e depois outra voz, triunfante, disse-nos que "tinha sido feita justiça". Mussolini "e todos os outros fascistas que estavam com ele" tinham sido mortos.

Eu, como muitas outras pessoas, previra que ia terminar assim. Eu tinha argumentado que devíamos ficar em Milão, entrincheirados na Prefeitura, e devíamos resistir até a chegada dos anglo-americanos. Fora meu pai que quisera prosseguir para Como e, uma vez lá, tendo ouvido as notícias (que tinham sido deixadas transpirar intencionalmente) de que os

Aliados arrasariam a cidade até o solo se restasse um último núcleo de fascistas, decidira continuar na direção de Dongo.

Foi um golpe arrasador. Ficamos em silêncio durante muito tempo, incapazes de coordenar nossos pensamentos, incapazes de reagir, entorpecidos pela chacina que agora estava no seu auge. O meu primeiro pensamento foi para minha mãe. Eu tinha a certeza de que ela havia encontrado refúgio na Suíça com Romano e Anna Maria, como tinha sido planejado: eu não sabia então que as autoridades da fronteira suíça, na Ponte Chiasso, tendo pedido instruções ao seu governo, haviam impedido minha mãe, irmão e minha irmã de passarem — um lapso único, creio, e ingrato na história da tradicional hospitalidade suíça. Eu iria saber mais tarde que minha mãe, apesar de todos os perigos desconhecidos de ficar na Itália e toda a angustiante preocupação pela sorte de meu pai, de cuja morte ela ainda não tinha ouvido falar, ficou quase aliviada de ouvir essa recusa pura e simples, porque assim ela não teria de aceitar hospitalidade como um ato de caridade humilhante.

Assim, (sem pensarem mais no assunto) minha mãe, Romano e Anna Maria voltaram para Como e, depois de tentarem sem êxito chegar à estrada e se reunirem à coluna de meu pai, encontraram refúgio na casa dum fascista, onde puderam finalmente descansar, depois de passar três noites praticamente sem dormir. Quando acordaram novamente, a caçada humana já tinha começado. Imóveis atrás das persianas, minha mãe, meu irmão e minha irmã viram um moço escapar de pijama dum hospital próximo. Em segundos foi alcançado e morto. Esse espetáculo horrível persuadiu minha mãe, preocupada em salvar as vidas de meu irmão e de minha irmã a

todo o custo, a destruir os papéis que tinha consigo que revelariam imediatamente a sua identidade. Queimou rapidamente num fogãozinho de ferro fundido os manuscritos de *Parlo con Bruno* (*) e *Storia di um Anno* (**), várias cartas de Rommel e Kesselring para meu pai durante as últimas fases da guerra, documentos que se referiam ao período de 1939-40 e a 25 de julho de 1943, e finalmente — algo que foi imensamente penoso para minha mãe — queimou também a última carta que meu pai lhe escreveu, na noite anterior, com o conhecimento de que o fim estava perto. Com efeito, foi uma precaução que ela não precisava ter tido, porque, na tarde de 29 de abril, "gente do comissariado" foi à casa onde ela estava e conduziu minha mãe, meu irmão e minha irmã para a delegacia de polícia e daí para a prisão de San Donnino, onde foram postos em celas separadas. Prefiro passar por alto, por piedade da pátria, o que aconteceu naquela prisão, onde minha pobre mãe e seus filhos não foram poupados a nenhum horror ou terror, até que felizmente foram entregues ao coman-

(*) O livro que Mussolini escreveu pouco depois da morte de seu filho Bruno, em 7 de agosto de 1941. Bruno morreu no desastre do protótipo de um avião de guerra quadrimotor que estava pilotando. Os direitos do livro foram para os órfãos dos aviadores italianos mortos na guerra.

(**) Publicado primeiro anonimamente em série no diário italiano *Corriere della Sera*. Os trinta artigos, que descreviam acontecimentos entre outubro de 1942 e setembro de 1943, foram publicados sob o título de *Storia di um Anno* (*História de um Ano*). Mas o anonimato não pôde ser mantido porque toda a Itália logo reconheceu o estilo altamente individual de Mussolini. Os artigos foram publicados num volume sob o título de *Il Bastone e la Carota* (*O Bastão e a Cenoura*), uma frase que se dizia que Churchill costumava dizer a respeito dos italianos.

do americano e finalmente tiveram a certeza de que ficariam vivos.

Que eu soubesse, enquanto esperava numa agonia de dor e ansiedade impotentes na janela da enfermaria, só Edda tinha essa certeza. Ela estava na Suíça com seus filhos, podia sair para as ruas, entrar numa loja, parar e falar com pessoas num café — e imediatamente tudo isto pareceu impossível, porque a Suíça ficava acolá, apenas a alguns passos de distância, como tinha estado naquela noite quando eu estive na escuridão e vi as luzes rutilantes da Ponte Chiasso. Eu podia ter tudo aquilo a alguns minutos de distância a pé e minha mãe, minhas irmãs e meu irmão. E meu pai tinha estado aqui algumas horas antes. Eu tinha mudado algum tempo antes minha esposa e filhos de Gargnano para uma casa nos arredores de Como. Na minha mente tudo era relativamente fácil no que dizia respeito à minha própria família: eu sabia que podia contar com minha esposa, uma mulher exteriormente frágil, mas capaz de mostrar iniciativa e tutano em momentos de perigo. E Gina, viúva de Bruno, estava em Como com sua filha Marina. Mas eu não tinha notícia de nenhum deles e não podia conseguir nenhuma. O rádio continuava despejando discursos, comunicados, hinos dos guerrilheiros. Estava tudo terminado... salvo para nós. Nós éramos todos os que restávamos... esperando até que a voz se fazia ouvir novamente: "Atenção, atenção!" — para dizer que outros de nós tinham sido mortos.

Com os meus dois companheiros vivi vários meses no estranho encarceramento do Colégio Gallio. O ano letivo terminou, os alunos foram para casa e nós mudamos da enfermaria para os dormitórios vazios dos rapazes. Fomos advertidos de que não saísse-

mos em hipótese alguma. Durante esses meses chegamos à conclusão de que o homem tem poderes insuspeitados de adaptação e resistência. Juntos decidimos não ceder à ansiedade e ao desconforto, mas lutar e conservar-nos em boa forma e prontos para tudo. Fora o rádio, não tínhamos nada com que enchermos as horas intermináveis. Mas nós tínhamos imaginado um programa que, junto com dois acontecimentos importantes do dia — as refeições frugais que nos eram trazidas pelo irmão Guglielmo — incluía conversa, descanso e exercícios físicos. Andávamos um atrás do outro em volta das camas, tendo primeiro medido cuidadosamente o itinerário, até que percorríamos um certo número de quilômetros, essencial para a saúde de qualquer recluso.

O irmão Guglielmo era um jovem piemontês de estatura mediana, com a coroa raspada e um sorriso bom. Costumava levar-nos a comida do colégio e ficava uma meia hora para conversar. Cada dia imaginávamos um sistema de ação e fazíamos planos. A esperança, disse alguém, é uma doença contra a qual nenhum de nós tem qualquer defesa — o que é verdade. Certamente se aplicava a nós três, porque o fato de até então eles não terem vindo buscar-nos parecia, à medida que o tempo passava, confirmar o nosso direito de viver; depois de tomarmos como certo, nos primeiros dias, de que seríamos fuzilados, começamos a pensar em termos de trinta anos de prisão, que nessas circunstâncias parecia a maior fortuna a que podíamos aspirar, embora soubéssemos que não tínhamos feito nada de mal.

Tendo atravessado a fronteira (e uma pessoa precisava viver esta experiência para saber o que significava) entre a morte e a vida, mesmo na prisão, o otimismo começou a borbulhar nos nossos planos.

Decidimos estabelecer contato com o comando americano em Milão e comunicamos-lhe que estávamos no Colégio Gallio. Usando o mesmo intermediário de confiança que nós tínhamos usado para estabelecer contato com eles, os americanos informaram-nos de que viriam buscar-nos o mais breve possível. A promessa (que não sei por que não foi cumprida) tranqüilizou-nos, especialmente porque havia vários indícios de que alguém havia falado e de que a nossa presença no colégio não era secreta — algo que, além disso, preocupava os padres Somaschi, que temiam se meter em apuros mais cedo ou mais tarde por nossa causa.

Um falso alarma, causado pela chegada dum certo número de guerrilheiros ao colégio — todos pensamos que tinham vindo para pegar-nos, embora não fosse essa a intenção deles — fez-nos agir rapidamente. Decidimos partir e separar-nos para não chamarmos tanto a atenção. Por muita sorte, estabelecemos contato com vários velhos amigos e com a ajuda da minha pequena reserva de gasolina, que eu pessoalmente enterrei perto da casa onde minha mulher e filhos estavam escondidos, preparamo-nos para partir. Vanni disse que queria ir para Roma, e Orio, depois de muitas aventuras, foi dar em Rapallo. Embora todos os planos que fizemos corressem mal, no último momento, por causa de algum detalhe insignificante ou aparentemente sem importância, também eu me encontrei em Rapallo, onde me refugiei num orfanato. Pouco tempo depois minha família foi também para Rapallo e instalou-se numa vilazinha afastada. Eu passei todo o outono e parte do inverno no orfanato, num quartozinho de onde podia ouvir o papaguear das crianças pequenas nas suas salas de aula.

É difícil descrever a esqualidez e as privações desses dias no orfanato, e, contudo, comovo-me sempre quando penso nelas, porque as pobres irmãs, que se privavam de tudo para evitar que seus orfãozinhos não passassem fome, mostraram-me como se pode viver e ser feliz na humildade e no silêncio.

Um mundo inteiro havia caído, e eu também senti quanto a minha existência era pobre e precária quando fui obrigado a esconder-me primeiro num lugar, depois em outro. Compreendi, entretanto, que a vida começa cada manhã novamente e pode ser sempre enobrecida se pensamos menos em nós mesmos e mais nos outros. Eu costumava pedir a minha mulher que trouxesse folhas de papelão — algumas vezes ela vinha encontrar-se comigo no escuro perto do orfanato — e eu fazia automoveizinhos e caminhõezinhos que as freiras davam às crianças. Tornei-me muito habilidoso e aprendi a fazer o papelão durar muito. As freiras disseram-me que as crianças estavam muito contentes — o que me deu uma infinita força de vontade. Mas isso ia ser também um interlúdio, porque um dia fui avisado de que os guerrilheiros sabiam onde eu estava escondido e que viriam pegar-me. Não havia tempo a perder: tinha de me pôr em marcha novamente. O irmão Guglielmo conseguiu, não sei como, apoderar-se de duas bicicletas, e durante a noite, depois de arquejarmos subindo aquelas colinas terríveis, entramos em Gênova. Aí fui recebido por um amigo de Roma que, graças a uma embaralhada incrível, tinha arrumado um salvo-conduto de aspecto estranho para o seu automóvel. Era uma peça retangular de papel, na qual figurava uma grande estrela vermelha e uma massa de assinaturas rabiscadas e ilegíveis, que tinha coberto, depois, uma confusão igualmente ilegível de carimbos de bor-

racha. Eu ri quando o vi e disse-lhe que tinha certeza de que o carro dele com um salvo-conduto assim seria detido dentro dos dois primeiros quilômetros. Mas não havia muito o que escolher. Subimos, pois, no carro, que meu amigo havia decidido que pertencia à Embaixada Russa, e partimos para Roma. Contrariamente às minhas predições, chegamos a Rapallo, onde eu pude abraçar minha mulher e filhos, e depois continuamos tranqüilamente o nosso caminho. De vez em quando éramos parados pela polícia ou barreiras de estrada, mas o passe do meu amigo sempre funcionou. Em Livorno dois policiais americanos gigantescos ficaram em posição de sentido rigidamente quando nos deram passagem sem objeção — e daí concluí que as guerras e as revoluções são sem dúvida tragédias, mas com um toque muito forte de farsa.

Em Roma encontrei hospitalidade num colégio dirigido por um amável padre francês. Eu tinha deixado crescer a barba e o sacerdote muitas vezes me deixava descer para as refeições quando tinha convidados, a fim de que eu pudesse ter uma idéia dos sentimentos que dominavam no interior, mas sempre me fazia, por motivos de segurança, pôr uma batina preta de aparência anônima.

Nesse momento minha mulher estava vivendo uma verdadeira novela de aventuras. Tinha feito contato com uma organização internacional secreta que, mediante o pagamento duma grande soma de dinheiro, obtinha um passaporte falso. Quando ela me falou do seu plano, eu ri — exatamente como tinha rido do carro do meu amigo e do salvo-conduto russo que ele tinha inventado. E, entretanto, chegou mesmo um passaporte argentino, e o burocrata mais exigente não poderia pedir melhor.

Nele estava uma foto minha com barba, bigode e óculos. Eu era apresentado como um cidadão argentino, com todo o direito, além disso, de voltar ao "seu" país. Lembro-me de que quando minha mulher me levou o passaporte, fiquei sem fala. Mas desse momento em diante comecei a mudar muitas das minhas idéias sobre as aptidões das mulheres.

E assim é que partir para a Argentina se tornou o meu pensamento predominante, mas, ao mesmo tempo, eu queria ver os outros membros da família pelo menos uma vez ainda. Os acontecimentos do pós-guerra imediato tinham-nos conservado espalhados e separados por muito tempo.

Minha mãe, Anna Maria e Romano, depois de serem entregues aos americanos, que eram muito amáveis, tinham sido transferidos para os ingleses, que eram muito mais severos e os enviaram para o campo de concentração de Terni. Aí minha mãe, meu irmão e minha irmã viveram a princípio em rigoroso isolamento, que mais tarde foi relaxado e eles puderam misturar-se com outros prisioneiros. Minha mãe, com aquela surpreendente vitalidade, tinha começado a organizar a sua vida e a vida de seus filhos, começando tudo desde o nada, com a ajuda apenas de uma vassoura e um pedaço de sabão — que para ela foram sempre básicos para qualquer forma de vida civilizada. Após alguns meses o comando britânico transferiu minha mãe e seus filhos de Terni para a ilha de Forio d'Iscnia. Ai as condições de vida, embora extremamente pobres, eram melhores graças ao calor e à bondade do povo local. Mas logo vieram novas dificuldades. Minha mãe caiu gravemente doente e Romano também; Anna Maria precisava duma operação e não havia dinheiro para pagá-la. Mais uma vez, minha mãe, entretanto, com sua co-

ragem excepcional, iria elevar-se à altura da ocasião, e finalmente obteve permissão para voltar a Roma.

Exatamente nesse momento tive notícia de outro acontecimento surpreendente. Minha irmã Edda, ao terminar a guerra, tinha voltado da Suíça para a Itália para ver o que podia fazer pelos outros membros da família. Pensou que não tinha nada a recear, mas foi presa, separada de seus filhos (que tinham sido deixados aos cuidados de Carolina Ciano) e confinada na ilha de Lipari. Mas também ela obteve licença de voltar ao continente, e assim eu pude vê-la novamente.

Gina, ai de mim, não pôde ficar conosco mais tempo. Os guerrilheiros tinham visitado a casa dela e encontrado apenas um exemplar de *Il Bastone e la Carota* (*O Bastão e a Cenoura*) (*). Uma guerrilheira furiosa, de calças de homem e uma metralhadora, jogou o livro contra a filhinha de Gina, Marina (que tinha então cinco anos de idade), e feriu-a na têmpora. Rasparam completamente o cabelo da mãe de Gina a máquina zero, mas no fim foram-se embora e todo o perigo se foi com eles. Porém o destino tinha decidido que a pequena Marina deveria perder não só o pai mas também a mãe, pois Gina se afogou dum modo trágico e, no entanto, banal, quando viajava de barco a motor para ir à festa de casamento duma mulher amiga que vivia do outro lado do lago Como. Uma onda inesperadamente grande virou o barco; Gina, que não era boa nadadora, ficou presa no barco e afogou-se antes que os outros pudessem salvá-la.

Assim foi que pela primeira vez em quase três anos (um tempo muito curto, mas que a mim pareceu muito longo por causa de tudo o que havíamos

(*) Ver página 120.

passado) nós nos encontramos todos novamente. Tínhamos escolhido Pompéia como o lugar mais acessível dos vários lugares de onde vínhamos. Foi num dia de outono, mas ainda suave e claro. Sentamo-nos na relva — minha mãe, Romano, Anna Maria, Edda e eu. Como de costume, nenhum de nós mostrou quão profundamente estava comovido. Olhávamos uns para os outros e conversávamos, como se tudo estivesse normal, como se nos tivéssemos visto uns aos outros apenas alguns dias antes — e como se meu pai, Bruno, Galeazzo e Gina não tivessem morrido. Minha mãe abriu um grande saco e tirou alguma comida embrulhada em papel à prova de gordura — ela era a mesma de sempre, cuidando de nós com a mesma atenção de sempre. Desde 1933, mais ou menos, cada um tinha vivido sua própria vida: de crianças tornamo-nos adultos, tínhamos as nossas próprias famílias, combatemos na guerra, e passamos as nossas aventuras, que tivemos de viver do princípio ao fim sem ao menos termos o conforto de enfrentarmos juntos os perigos — salvo o meu caso e de Bruno, que fomos inseparáveis até a morte dele.

E, entretanto, tudo isto — e eu compreendi nesse dia — tornou-nos ainda mais unidos do que nunca. Eu iria para a Argentina sabendo que a nossa família era uma força espiritual inseparável e que nenhum de nós jamais ficaria só. Olhei para Edda, minha generosa e independente irmã, de um ângulo novo. Agora ela havia voltado para ficar com minha mãe: elas estavam passando uma à outra as fatias de pão e a fruta e encontrando a força no sorriso. Tudo havia passado, todo o passado, e começava uma nova vida para a família Mussolini. Minha mãe e minha irmã tinham lutado desesperadamente por seus maridos... e tinham-nos perdido; mas elas ha-

viam sobrevivido e eram fortes e estavam preparadas para lutar novamente.

Eu senti desde então que elas lutariam juntas e nunca mais deixariam uma à outra. Nesse alegre conhecimento eu disse adeus àqueles entes queridos e preparei-me para a partida. Em 4 de dezembro de 1946 viajei de Roma para Gênova, onde no cais embarquei no *Philippa*, um velho navio que desfraldava a bandeira panamenha.

Ainda hoje, quando me encontro numa fronteira e a polícia me pede os documentos (e hoje eu tenho o meu próprio passaporte, raspei a barba e uso óculos, não para disfarçar-me, mas porque não vejo tão bem como via), experimento uma vaga sensação de alarma. Eu a senti sem dúvida naquele dia em Gênova, quando o passageiro diante de mim passou a barreira e a autoridade estendeu a mão para pegar o meu passaporte, aquele onde eu figurava como cidadão argentino. Todas as autoridades nos postos das fronteiras examinam cuidadosamente os passaportes e eu acho que eles algumas vezes tomam atitudes de importância. Para mim, porém, naquele momento, cada olhar, cada hesitação, significava uma suspeita.

Lá vamos nós — pensei — ele vai dizer que o meu passaporte não está em ordem. Descobriu o meu jogozinho e vai deter-me. Não posso partir. Tinha chegado o momento.

Não sei quanto tempo durou o meu tormento. Pareceu-me interminável, mas provavelmente durou apenas alguns minutos. Depois ouvi-o dizer:

— Passe — e tive a presença de espírito de fingir não compreender, como se estivesse esperando ouvir em espanhol: *"Pase adelante"*.

Atravessei o cais, cheguei à prancha e subi. Só então, quando estava debruçado no parapeito e vi

minha mulher em pé lá embaixo com as crianças, eu soube que estava salvo; e sorri, minha mulher, que até então se mantivera composta, começou a chorar. A viagem correu sem incidentes. Eu viajava na segunda classe (não podia pagar a primeira classe com tão pouco dinheiro como tinha), mas, depois de alguns dias no mar, encontrei-me passando uma porção de tempo na seção da primeira classe em companhia de Varzi, Villoresi e Canestrini, que com uma equipe de mecânicos seguiam para a América do Sul para uma série de corridas de automóvel. Eles me reconheceram imediatamente apesar da barba e dos óculos e convidavam-me para fazer-lhes companhia em intermináveis jogos de pôquer. Mas eles tiveram o tato de não dizerem nada, nem mesmo a mim. A viagem durou vinte e dois dias, e nem uma só vez eu fui chamado pelo próprio nome (exceto por um jovem comunista que era meu companheiro de camarote); nem uma vez eu tive de dizer qualquer coisa a respeito de mim mesmo, ou da nossa família ou da guerra. Falávamos a respeito de tudo... exceto aqueles assuntos. E devo dizer que especialmente então, quando as coisas eram tão difíceis, eu me senti imensamente grato àqueles homens que com tanto tato e uma percepção rápida tiveram a capacidade de me colocar à vontade imediata e completamente.

O resto do tempo que passei na Argentina não é parte desta história. Logo que desembarquei pus-me em campo à procura de emprego. Trabalhei alguns meses, ainda com o meu nome falso — até um dia em que achei que o tempo estava maduro, e apresentei-me ao Chefe de Polícia, General Vasco, e contei-lhe tudo. Ele era muito humano e compreensivo, e obtive uma licença de residente normal. Pouco de-

pois o Consulado Italiano devolveu-me o meu próprio passaporte, aquele com que voltei à Itália.

E assim foi que fiquei instalado, apenas com os problemas que enfrenta todo mundo que emigra para um país estrangeiro e tem de viver com o que pode ganhar. Minha vida tinha tomado um rumo diferente — um rumo que persiste até hoje. Dentro em pouco minha família chegou, arranjei uma casa, pequena mas confortável, e um emprego relativamente seguro. Eu vivia toleravelmente aliviado. Mas havia ainda uma tristeza profunda. Durante aqueles anos, enquanto eu estive tão longe da Itália, minha mãe e irmã lutavam, sem mim, para salvar o último pedaço de propriedade que era realmente nosso, mas nos negavam implacavelmente: os restos de meu pai.

Esta é outra história — e muito longa. Prolongou-se por doze anos, durante os quais duas mulheres, Edda e minha mãe, bateram a cada porta para obterem o que não é negado nem mesmo às esposas e filhas de criminosos. O ódio que levou muitas pessoas a calcarem sob os pés os túmulos dos que tinham caído lutando do outro lado das barricadas (como se as paixões políticas não cessassem com a morte) tinha-se aplacado um pouco, e através de toda a Itália começavam a surgir cemitérios onde fascistas caídos — e até alemães — podiam ter uma sepultura onde pessoas podiam rezar e colocar algumas flores. Mas para meu pai parecia que isso não era possível.

Minha mãe tinha desde o começo tentado recuperar os restos de seu marido, e mesmo antes de deixar Como conseguiu a ajuda de Gina. Inútil, não obstante. Quando, em abril de 1946, chegaram notícias de que o cadáver tinha sido roubado do cemitério de Musocco, em Milão, ela foi falar com Nenni, então ministro do interior. Minha mãe recorda que

Nenni, embora ela e ele tivessem deixado de ser amigos muitos anos antes e estivessem divididos por tanto ódio político, foi muito cortês com ela — como foi com minha irmã Edda, que acompanhou nossa mãe para vê-lo a respeito da questão em várias ocasiões seguintes. Mas outros que subiram ao poder com o passar dos anos não iam revelar-se tão corteses. De Gaspari (*), que várias vezes rechaçou a petição daquelas duas pobres mulheres, baseado em que "havia fascistas demais na Itália". Igualmente se portou Pella (**), embora fosse mais cortês e, por intermédio de Andreotti (***), devolvesse várias cartas que meu pai escreveu quando estava preso na ilha de La Madalena em agosto de 1943. Nem Scelba (****), que foi francamente insultuoso e, ainda pior, encorajou minha irmã a esperar que o corpo seria dado rapidamente, a fim de que minha mãe e Edda sofressem ainda mais cruelmente. O que tornou a questão ainda pior foi o comportamento dos membros do governo — indeciso, contraditório, desnecessariamente misterioso, produzindo assim uma corrente contínua de rumores, segundo os quais os restos de meu pai estavam aqui ou acolá. Os informes eram confirmados ou negados, as esperanças eram destruídas e a coisa toda era ao mesmo tempo macabra e ridícula.

Mas não falemos mais a respeito disso. Em 30 de agosto de 1957 minha mãe ganhou sua última batalha: obteve para si e para todos nós, em circunstâncias que são demasiado bem conhecidas para que haja necessidade de descrevê-las, o corpo de meu pai.

(*) (**) (***) (****) Todos os presidentes do Conselho de Ministros unanimemente, e os membros do Partido Democrático Cristão.

Agora jaz no cemitério da nossa terra de San Cassiano em Predappio, ao lado de meu irmão Bruno, da viúva de Bruno, Gina, e de nossos avós. Agora que a tempestade parece ter passado finalmente e os olhos cegos pela poeira vermelha da guerra se abriram novamente, minha mãe e os filhos podiam voltar a ir lá todos os dias para rezar naqueles túmulos. Eu tinha voltado para visitar os lugares onde meu pai encontrou o seu fim. Mas foi um grande dia para mim quando finalmente pude visitar a sepultura de meu pai, não só porque essa sepultura e a paz na qual meu pai pode jazer me deram forças, mas também porque nada disto teria sido possível se minha mãe e minha irmã não tivessem lutado e sofrido através de todos aqueles anos, por causa de todos nós, inclusive eu... e eu estava tão longe. Naquele grande dia eu pensei nelas com maior afeição e mais profunda gratidão do que nunca antes. Quase com inveja afetuosa — a inveja que a gente sente por concidadãos que vivem fora do comum. Elas são as melhores de nós, minha mãe e minha irmã — e é por isso que dediquei a maior parte deste livro a elas.

Mas há uma porção de Mussolinis. Muitos estão mortos, outros cresceram e tornaram-se homens e mulheres. Todos tentamos de um modo ou outro passar com coragem a terrível provação da guerra, da derrota e da perseguição.

IX

Tínhamos voltado todos, de braços dados, da missa da meia-noite. Era na noite de Natal de 1956, e para mim, Roma — as ruas, a gente, o humor festivo — parecia mais bela do que nunca. É Natal e faz frio, pensei. Aqui faz frio no Natal. Quando uma pessoa é fascinada por demasiadas impressões vívidas acaba sempre focalizando uma das últimas coisas importantes. Como o frio, por exemplo. Durante onze anos eu tinha vivido na Argentina, onde o Natal é em pleno verão, e as esposas e as crianças vão para fora em férias e os maridos ficam na cidade recebendo da Europa aqueles deliciosos cartões-postais com cenas de neve que parecem representar outro planeta. Mas antes de partir para a Argentina eu tinha vivido trinta anos na Itália. O tempo muda tudo, inclusive a nós, mesmo que não o queiramos. Eu olhava em volta e não podia crer que era verdade. Eu estava em Roma novamente e comigo estavam minha mãe, Romano, Anna Maria e Edda. E também Carolina Ciano, Marzio (filho de Edda) e Marina (filha de Bruno).

Éramos uma família como qualquer outra, voltando para casa da missa e dizendo em coro: "Felicidades, bom Natal!" aos vizinhos que encontrávamos na rua. Fomos todos para a casa de Edda, no

n.º 9 da Via Angelo Secchi. Edda tinha uma grande árvore de Natal, enfeitada de luzes e bolas rutilantes. Debaixo dela havia um monte de pacotes e embrulhos em papel colorido e fita dourada. Os mais bonitos e mais caros, como de costume, eram de Edda — Romano, amante do *jazz*, sentou-se ao piano e dedilhou uma canção. Era a velha e doce música *Stille Nacht*.

— Como? — exclamei — Você ficou tão velho assim?

Ele me olhou de esguelha e disse, naquela voz estranha de homem — estranha para mim porque eu o tinha visto pela última vez quando ele era ainda menino.

— Não, eu não sou velho. É o Natal. Ouça-o se puder. É belo.

Ele tinha razão. Era tudo maravilhoso nessa noite.

A empregada chamou-nos para a ceia. À cabeceira da mesa sentou-se Carolina Ciano, ainda elegante, alegre e maravilhosa. Edda e minha mãe sentaram-se dos lados dela. Era a primeira vez em treze anos (não contando o breve encontro em Pompéia) que estávamos juntos todos, a primeira vez desde aquele dia em Munique. Tanta coisa tinha acontecido nesse meio tempo. Meu pai e Galeazzo estavam mortos, e embora nenhum de nós o dissesse estávamos todos conscientes da presença deles. Era algo que sentíamos profundamente, mas agora sem a angústia. O tempo tinha abrandado a nossa dor, tinha varrido as cicatrizes do conflito e da tragédia. A recordação dos nossos mortos tinha criado um sentimento de união mais completo, um laço ainda mais apertado entre nós que vivíamos... e essa era a nossa felicidade.

— E como está Dindina? — perguntou minha mãe, passando a conversa para alguém que estava ausente porque não pudera vir a Roma.

E começamos a falar de Dindina, filha de Edda, que naquele dia em Munique tinha apenas nove anos de idade. Mas agora era adulta e estava casada, e vivia com seu marido no Brasil. Edda falou dela em seu jeito usual, alegre, irônico, sob o qual procurava esconder aquela súbita emoção que todas as mães sentem quando falam de uma filha casada. Olhei para ela e novamente mal pude acreditar que a irmã maluca de que eu podia lembrar de meias curtas e com as pernas cobertas de arranhões e contusões já tinha uma filha casada.

Conversamos alegremente até as quatro da manhã. Não tínhamos noção do tempo, lembrando tantas recordações, umas vívidas, outras vagas, tantos nomes e tantos rostos. São sempre as mulheres que estão mais bem informadas sobre os negócios da família, e essa noite eu me dei conta de que tinha um grande número de parentes, vários deles que eu nem sabia que existiam. A minha ignorância era em parte devida a algo que minha mãe sempre havia crido firmemente e praticado: manter os parentes à distância, tanto os dela mesma como os de meu pai, para que ninguém pudesse acusar os Mussolinis de nepotismo.

— Napoleão — costumava dizer minha mãe quando meu pai queria conceder algum pequeno favor — foi arruinado pelos parentes. Não vou deixar que isso aconteça a você.

Nisto, como em outras coisas, minha mãe era completamente intransigente — e meu pai não discordava dela. Mas ele não queria ir para o outro extremo e ferir pessoas a quem estava ligado por sen-

timento de família só para evitar possíveis acusações de nepotismo.

E devo dizer que os acontecimentos provaram que minha mãe estava enganada. Os nossos parentes mais próximos, aqueles que nos nossos dias da mais alta prosperidade não pediam o menor favor a meu pai, foram os primeiros a formar fileiras em volta dele quando as coisas correram mal, com uma nobreza de espírito tanto mais notável se nos lembrarmos de que eram lavradores e camponeses comuns, sempre lutando, através das gerações, com o problema de viver trabalhando muito e ganhando pouco.

Os primeiros registros dignos de confiança da família Mussolini remontam à segunda metade do século dezessete. Paolo Mussolini tinha um filho, Francesco Mussolini, que casou com Benedetta Tartagni. Esse casamento produziu em 1702 um segundo Paolo, que se casou com Maria Francesca Ghetti. O filho dela, Giacomo Antonio, casou primeiro com Maria Francesca Mantaguti, e, mais tarde, Maria Paganelli. Desta segunda mulher, Giacomo teve um filho, Giuseppe Domenico Gaspare, em 1769. Giuseppe casou com Maria Angela Frassinetti, que lhe deu um filho, Luigi, em 1805. Luigi casou com Maria Domenica Frignani, de que em 1834 teve um filho, ao qual foram dados os nomes de Luigi, Agostino, Gaspare. Luigi Agostino Gaspare morreu em 1908, mas do casamento dele com Caterina Vasumi nasceram quatro filhos, dois meninos e duas meninas. Alessandro, Alcide, Albina e Francesca.

Com Alessandro Mussolini, pai de meu pai, entrou uma nova profissão para a nossa família, que até então se mantivera fiel à terra. A nova profissão era a de ferreiro. Além disso, o avô de Alessandro nasceu em Collina (em 11 de novembro de 1854),

enquanto todos os seus antepassados haviam nascido em Calboli ou Montemaggiore. Quantos Mussolinis desde então ou quantos estão vivos atualmente não é fácil dizer e pode emergir uma idéia mais clara da árvore genealógica que vou tentando levantar. De tempos a tempos recebo cartas escritas dos lugares mais inesperados, de pessoas que têm o meu nome ou têm alguma relação com ele. Minha mãe, especialmente, tem um vasto número de parentes, como se dá com as velhas famílias camponesas da Romagna. Mas o que mais me chama a atenção (na verdade, para ser sincero, me comove), é que esta gente apareceu, talvez pela primeira vez, somente agora que nós voltamos a ser como todo mundo, e não poderemos favorecer ninguém mais do que a maioria normal das famílias burguesas, embora seja muito forte porque é muito unida pelo afeto de todos.

É por isso que eu durante alguns anos alimentei a esperança de que um dia teríamos uma reunião geral, como muitas velhas famílias. Já mandei algumas cartas, e as primeiras respostas foram muito entusiásticas. Mas o problema, especialmente para os que vivem no exterior, é fazer a viagem — é uma questão de tempo e, ainda mais sério, de dinheiro, pois não há muito disso na nossa família. Quanto ao lugar, creio que não podia haver nada melhor do que La Rocca delle Caminate.

Até há bem pouco tempo La Rocca ainda era nossa porque o governo italiano nos deixou conservá-la. O povo da Romagna tinha-a dado a nós, subscrevendo cada pessoa uma lira. Era bela e majestosa com a sua torre antiga, suas paredes e grandes salas em luz tricolor. Sofreu na guerra: a torre foi rachada pela artilharia aliada, e seus quartos foram ocupados por divisões polonesas. O saque foi

tão completo, então e mais tarde, que até os lavatórios e os canos desapareceram. Os assoalhos de madeira foram destruídos, as portas e as janelas derrubadas e quebradas — um exemplo do vandalismo insensato. Para levantar de novo La Rocca custaria milhões de liras, que nenhum de nós tem. Mas eu ainda penso que por um dia apenas nos acomodaria de algum modo.

Lembro-me de quando costumávamos reunir-nos lá todos os anos no aniversário de meu pai, em 29 de julho. Em algumas coisas meu pai conservava uma simplicidade que era quase infantil. A festa de aniversário, os parabéns, os pequenos presentes para todos nós, a passagem de um dia longe de seus compromissos políticos na capital — ele amava tudo isto e algumas vezes aquele homem que nunca pensava em si mesmo permitia-se algum gasto extra para as festas do seu aniversário.

Eram quase sempre cem liras que ele me dava pessoalmente uma semana antes da festa. Com esse dinheiro eu ia a Faiança para comprar um abastecimento de fogos de artifício. Eram feitos por um homem que tinha uma oficina nos muros medievais e abastecia-nos para este acontecimento ciente de que era o melhor e mais feliz fabricante de fogos de artifício da Romagna.

Eu voltava a La Rocca e punha os foguetes e as rodinhas em lugar seguro; depois, com meus irmãos, planejávamos o espetáculo. Eu me tornei muito bom no *métier* e costumava ganhar o louvor de meu pai — mas não de minha mãe, porque, como todas as donas-de-casa, ela tinha uma suspeita instintiva por tudo o que era explosivo. Além disso, ela olhava com certa ironia o fato de meu pai, conquis-

tador de um império, se divertir tanto com fogos de artifício.

Era verdade: meu pai era um homem simples, como o resto de todos nós. O destino declarou que por muitos anos a história da nossa família seria dramática, tormentosa e excepcionalmente importante. E eu devo dizer que ainda hoje, a julgar pela sensibilidade do interesse jornalístico, milhões de pessoas, na Itália e através do mundo, continuam interessadas em nós. Mas na essência nós sempre fomos os mesmos e nada jamais mudou: nem quando a sorte política nos tornou poderosos, nem agora quando tomamos lugar comum de novo no mundo, freqüentemente em outros países, procurando e encontrando em nós mesmos a força para vencer com dignidade a amargura e a dificuldade. Têmo-lo feito sem esquecer o passado — porque seria impossível esquecer mais de vinte anos na vida de uma família e ao mesmo tempo de uma nação — mas também sem recriminação e sem odiarmos ninguém, porque sabemos que meu pai não quereria isso. Meu pai era incapaz de ódio, e até os fascistas, que descarregavam toda a culpa possível nele, nunca puderam acusá-lo de ser duro e cruel; e os fascistas, ou pelo menos os mais fanáticos deles, sempre o censuraram pelo fato de perdoar com demasiada facilidade e com demasiada generosidade.

Por isso acredito que será um agradável e sereno momento quando todos nos encontrarmos em La Rocca (e o pensamento é tão caro para mim que não posso deixar de falar a respeito dele como se fosse um fato cumprido, quando poderão passar-se anos antes que se torne realidade).

As horas nesse dia passarão rapidamente. Os de nós que éramos crianças nos velhos tempos iremos

procurar as estradas, os campos, e as recordações daquele tempo feliz distante; nossos filhos e filhas, as crianças atuais, muitos dos quais veremos pela primeira vez, travarão conhecimento uns com os outros, crescerão amigos uns dos outros, igual como nós somos. E quando chegar a noite iremos até Predappio, onde meu pai descansa em paz finalmente. Rezaremos uma oração na sepultura dele, e na de Bruno, e dos nossos avós e de Gina. Deixaremos algumas flores. Não diremos nada — não será necessário.

* * *

O capítulo anterior foi escrito em 1957; desde então muita água tem passado por baixo das pontes e acho necessário atualizar os leitores sobre os últimos e mais importantes acontecimentos ocorridos depois daquele ano.

* * *

Mas o meu desejo de reunir um dia todos os parentes diretos e indiretos dos Mussolinis em La Rocca delle Caminate ainda não foi satisfeito. Eu ainda estou vivendo em Buenos Aires, mas tenho voltado à minha pátria várias vezes. E recentemente tenho passado grande parte de cada ano com minha mãe na Villa Carpena, Forli. A Itália está me atraindo de volta novamente e estou pensando em voltar para casa de vez algum dia breve. Sinto-me atraído pela Romagna: seu campo e a costa têm um lugar no meu coração, eles me enchem de recordações, belas e tristes, mas sempre de uma vida vivida através de eventos de interesse extraordinário que agora estão assumindo importância histórica.

Por motivos financeiros minha mãe foi obrigada a vender La Rocca delle Caminate. Recebeu de todas

as partes do mundo ofertas muito mais altas do que o preço muito baixo pelo qual ela decidiu vendê-la à Opera Nazionale Maternità de Infanzia com a promessa dos compradores de construírem um instituto para crianças excepcionais. Devo dizer que esta promessa não foi cumprida. La Rocca está mais desmantelada do que antes e foi dada agora à Província de Forli — algo que nós sustentamos que é ilegal e está atualmente sendo levado aos tribunais. Por isso, se eu quisesse realizar uma reunião da família em La Rocca, já não seria em minha própria casa. Entretanto, no decorrer dos últimos anos tenho-me encontrado pouco a pouco com quase todos os Mussolinis e seus colaterais ainda vivos. Somos muitos: minha mãe já tem netos e onze bisnetos. A fortuna nem sempre sorriu, a família tem tido altos e baixos e nem todos os casamentos têm sido felizes. Mas nós somos unidos, amigos uns dos outros e nenhum de nós mudou as suas idéias — com exceção de um primo que é comunista.

De modo que, se a reunião da família ainda não teve lugar, os elos de afeição tornaram-se mais fortes e estenderam-se aos nossos descendentes. É em volta de minha mãe que minha família realmente gira. Ela é a suprema autoridade da família, e nós lhe somos dedicados. Ela tem oitenta e dois anos, mas ainda está cheia de vitalidade — com efeito, ela se renova cada dia tomando um vivo interesse por tudo o que se passa no mundo, especialmente na Itália. A reunião poderia, de fato, ser realizada aqui na Villa Carpena, a velha casa dos arredores de Forli, que foi construída em 1924 sobre os alicerces de uma casa de campo e pertenceu a minha mãe durante mais de cinqüenta anos (Romano e Anna Maria nasceram aqui). Afinal de contas, esta é a nossa verdadeira

casa; tudo aqui é obra carinhosa de minha mãe — das árvores copadas às verduras da horta, das rosas à criação de galinhas. E pagou duas vezes por toda a mobília e as decorações, porque o que não foi confiscado foi roubado.

Mas o que realmente me impediu de organizar a reunião foram as mortes prematuras de dois dos meus primos, de quem eu gostava muito — Vito Mussolini, filho de Arnaldo, irmão do Duce, e Vanni Teodorani, que já mencionei. Ocorreu também a incrível e muito deprimente morte de minha irmã Anna Maria. Quando finalmente a vida lhe sorria dos olhos de duas belas filhas, uma doença cruel levou-a em 1968, quando Anna Maria tinha apenas quarenta anos.

Hoje o número de caixões que jazem na cripta da família do cemitério de San Cassiano foi aumentado: junto com o de Anna Maria, há o que minha mãe fez para ela mesma de granito extraído de La Rocca. Como sempre, minha mãe não quer ser colhida de surpresa ou fiar-se em outras pessoas. Os que visitam a cripta e vêem o caixão meio aberto perguntam quem jaz dentro. O zelador fala-lhes da previdência de Donna Rachele. Mas a morte de Anna foi um terrível golpe para toda a família. As coisas tomam um aspecto diferente, parte do nosso entusiasmo esfriou e a alegria tornou-se mais moderada e silenciosa.

Nossa família não alimenta ódio contra ninguém e sinceramente deseja paz e harmonia entre italianos e um genuíno encontro das duas facções em que a derrota dividiu o povo italiano. Mas os chamados vencedores, que deviam mostrar maior magnanimidade, continuam ateando as chamas do ódio. A prova disto foi a tentativa criminosa feita na noite

de Natal de 1971, quando mãos desconhecidas colocaram uma bomba à porta da Capela Mussolini em San Cassiano. Os estragos foram grandes, mas, por sorte, as sepulturas ficaram intatas. Foi um triste Dia de Natal para todos nós, mas especialmente para minha mãe, que todos os dias ia ao cemitério depor flores nas sepulturas de seus entes queridos, embora já houvesse lá flores em abundância levadas por visitantes de todo o mundo. Talvez fosse por isso que a bomba foi posta lá — para deter as dezenas e dezenas de milhares de pessoas que iam a Predappio prestar sua homenagem ao Duce. Talvez seja por isso que o Conselho Social-Comunista de Predappio ainda procrastina a permissão para nós fazermos os consertos necessários e por isso ordena que a cripta seja mantida fechada. Há homens mesquinhos de mentalidade curta que não compreendem que o juízo da História está varrendo as mentiras e as falsidades.

Por isso nós continuamos lutando — com minha mãe na vanguarda, dirigindo operações. Na Itália, berço da lei, a justiça vem devagar, mas vem de qualquer maneira; a insolência arrogante, a calúnia e os que abusam do seu poder a gente deve enfrentar fisicamente ou nos tribunais.

Meu pai previu tudo quando escreveu em *Vita di Arnaldo* (*A Vida de Arnaldo*), em 1931: "Eu tenho apenas um desejo: ser enterrado ao lado dos meus, no cemitério de San Cassiano. Seria muito ingênuo eu pensar que serei deixado em paz depois de minha morte. Em volta das sepulturas dos líderes dessas grandes transformações chamadas revoluções não pode haver paz. Mas será possível cancelar o que foi feito, e meu espírito, livre do mundo material, continuará vivendo depois desta pequenina vida terrena, na vida imortal e universal de Deus".

Em volta do túmulo de San Cassiano não há paz, vinte e sete anos depois da sua morte. Mas, enquanto minha mãe puder, ela levará flores para adornar a cripta e cumprimentará os milhares de visitantes que vêm de todo o mundo a esse remoto canto da Itália, longe das estradas principais, para parar e meditar diante da sepultura de Benito Mussolini.

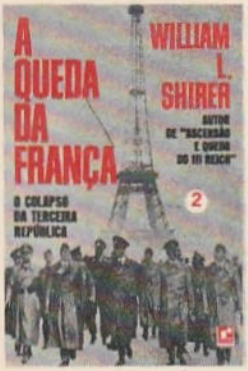
Composto e impresso nos Estabelecimentos Gráficos Borsoi S.A., Indústria e Com., na Rua Francisco Manuel, 51/55 — ZC-15, Benfica, Est. da Guanabara

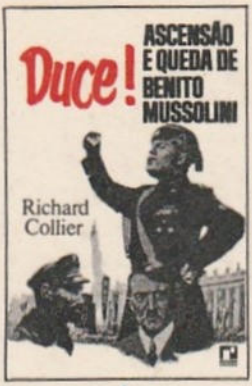
gou a torná-las inimigas. Edda nunca falou e sempre se recusou a escrever suas memórias.

Neste extraordinário documento humano, Vittorio Mussolini revela pela primeira vez a vida aventurosa e trágica da Condessa Ciano. De fora de cada polêmica, são vistos Rachelle, Edda, Vittorio e Galeazzo, no seu pequenino mundo doméstico, e seus contrastes e sofrimentos os tornam semelhantes a outras tantas criaturas perseguidas por um destino doloroso e cruel.

Muito se escreveu sobre o fascismo e seu fundador, mas pouco ou quase nada sobre Mussolini, o pai de família, ou sobre as mulheres de Mussolini. Esta é realmente uma crônica de família, que mostra o Duce no seu mundo particular, com as virtudes e os defeitos de qualquer ser humano.

3 LIVROS QUE AJUDAM A COMPREENDER UM DOS PERÍODOS MAIS MOVIMENTADOS E MAIS TRÁGICOS DA HISTÓRIA DA HUMANIDADE





1 **A QUEDA DA FRANÇA** – 3 volumes – de WILLIAM L. SHIRER, autor de "ASCENSÃO E QUEDA DO III REICH"

Um grande livro que conta a história de como – e porquê – a França tombou diante dos exércitos de Hitler em 1940

2 **DUCE! ASCENSÃO E QUEDA DE BENITO MUSSOLINI** – de RICHARD COLLIER

Um relato objetivo, simples e, principalmente, fiel e verdadeiro da vida de Mussolini, desde a marcha sobre Roma e a tomada do poder pelos camisas-pretas até ao justiçamento sumário pelos guerrilheiros às vésperas do término da guerra.

3 **HISTÓRIA DA GESTAPO** – JACQUES DELARUE

Os antecedentes e a formação da Gestapo, as carreiras e as personalidades dos chefes, entre os quais Goering, Himmler e Heydrich, a sua ação do começo ao fim da guerra e os seus métodos. Essencial para uma verdadeira compreensão da Alemanha nos anos de 1930 a 1945 e de toda a Europa de 1940 a 1945.